

A cidade em comunicação: paisagens, conversas e derivas no Centro de BH

Autora: Cláudia Graça da Fonseca

Orientadora: Profa. Dra. Regina Helena Alves da Silva

Tese apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em
Comunicação Social da UFMG
como requisito para obtenção do
grau de Doutor.

Outubro de 2008

Sumário

Agradecimentos	4
Apresentação	5
1 – Capítulo 1- Percursos para chegar à cidade	11
1.1- Comunicação e cidade	15
1.2- As origens da pesquisa empírica	27
1.3- Os situacionistas e as derivas	35
1.4- A cartografia da comunicação	39
1.5- Caminho de pesquisa	43
2 - Capítulo 2 - Mapas e Roteiros de Viagem	52
2.1 – Um primeiro mapa do lugar	53
2.2 – A virada urbana	66
2.3 – Encontrando o Centro	67
2. 4 – O Hipercentro são muitos lugares	72
3 – Capítulo 3 – A cidade em comunicação	81
3. 1 - A comunicação das ruas	82
3.2 - Paisagem, ambiência e situação	85
3.3 - Algumas paisagens	89
3. 4 - Três paisagens do Hipercentro	92

3.4.1 - A Praça no coração da cidade	93
3.4.2 - O Porto da cidade	104
3.4.3 - O Centro “nobre”	113
4- Capítulo 4 – As ambiências e situações	118
4.1 - As bancas em Belo Horizonte	121
4.2 - A banca com ambiência comunicacional	125
4.3 - As ambiências nas paisagens	132
4.4 - As situações comunicativas	144
4.5 - Encontros no tempo e no espaço	147
4.6 - Conversas na paisagem	149
4.7 – Sobre os temas	154
4.8 - Territórios em circulação	157
5 – Conclusão	175
6 – Bibliografia	185

Agradecimentos

Nenhum trabalho é individual. Muitos contribuem, às vezes até involuntariamente, para que as pesquisas e os trabalhos acadêmicos se concretizem. Mas no caso desta tese em particular, não consigo pensar nela senão como fruto de um trabalho coletivo, feito por troca de idéias, discussões, leituras em comum e experiências vividas neste tempo em que venho integrando a equipe do Projeto Cartografias, coordenado pela minha orientadora, a professora Regina Helena Alves da Silva. A estas pessoas – Milene, Carmela, Pedro, Denise, Poliana, Karime e tantos outros, não tenho palavras para agradecer senão dizendo que reconheço seus gestos, suas palavras naquilo que este trabalho tem de melhor. À Lena, orientadora e amiga, agradeço o acolhimento e a confiança, que se traduzem em cada linha deste trabalho, em cada uma das discussões que tivemos ao longo deste período de trabalho. Sobretudo agradeço o exemplo de trabalho em equipe e construção de conhecimento em comum, no qual todas as vozes são ouvidas, todas as contribuições valorizadas e no qual a convivência de trabalho pode ser associada ao prazer.

Indispensável para atravessar este período de pesquisa foi a solidariedade dos colegas, funcionários da Fafich, em particular do Anderson, que me apoiou e ajudou durante todo o período em que estive afastada do trabalho e teve infinita paciência nos momentos em que teve que conviver comigo de volta ao trabalho “pela metade”.

Aos meus colegas de turma, agradeço pela amizade e companheirismo. Agradeço em especial às colegas Anna Karina e Roberta, que dividiram comigo as inquietações, as descobertas, os momentos difíceis.

Aos colegas de Departamento de Comunicação Social, funcionários, professores e chefes agradeço a oportunidade que me foi concedida de realizar este trabalho.

Ao Roberto, Marco Antônio, Raquel e Leandro agradeço a colaboração tão preciosa na realização de entrevistas fundamentais na efetivação deste trabalho.

Aos jornalistas e leitores entrevistados agradeço a boa vontade e a paciência com que forneceram informações preciosas para a realização deste trabalho.

Agradeço também aos homens e mulheres que frequentam o centro e que abriram meus olhos e ampliaram meus horizontes para a riqueza da convivência social das ruas da minha cidade, restaurando e renovando o meu amor por Belo Horizonte.

E por fim agradeço às pessoas mais importantes da minha vida que são meus familiares nas pessoas de Cleusa, Maria Tereza e João, e todos os meus amigos nas pessoas de Alice, Élide, Lara e Míriam, que estiveram do meu lado este tempo todo, suportaram com paciência e carinho os meus devaneios, ausências, mudanças de humor e fizeram por mim muito mais do que eu seria capaz de pedir.

Apresentação

É propósito desta tese refletir sobre a existência de uma comunicação própria do espaço urbano contemporâneo e investigar formas de interação que constroem a vida em comum no cotidiano de uma grande cidade. A idéia é trabalhar a comunicação em seu entrelaçamento com o modo urbano de vida. Ou seja, pensar as formas de comunicação em implicação direta com a cidade contemporânea, este modo complexo de viver espaço e tempo . O objetivo foi pensar de que maneira a comunicação que acontece nas ruas de uma cidade é marcada pelos modos de viver o tempo e o espaço urbanos e marca, por sua vez, tais processos. O desafio que se colocou foi o desituar os processos comunicativos no tempo e no espaço de sua ocorrência e tentar perceber essa influência mútua.

Assim para realizar esta discussão partiremos de um ponto de vista que considera tempo e espaço em sua dimensão de produções humanas. Massey afirma que:

"... sólo la interacción puede producir cambios (creatividad) y, por consiguiente, tiempo. *No obstante* la posibilidad de interacción depende de la existencia previa de la multiplicidad (debe haber más de una entidad para que la interacción sea posible: la forma pura de la argumentación consiste, por supuesto, en que la interacción en sí es parte integral de la producción de las entidades). De modo que: para que haya tiempo debe haber interacción; para que haya interacción debe haber multiplicidad; para que haya multiplicidad debe haber espacio." (MASSEY:2005,113)

A comunicação será abordada como uma prática social, através da qual tempo e espaço são apropriados coletivamente. Nas relações comunicativas que acontecem no espaço público, que são as ruas de uma cidade, as formas de viver o tempo e o espaço serão abordadas.

A cidade ou o urbano, como prefere Lefebvre, será estudada aqui a partir das interações coletivas que se processam na cidade de Belo Horizonte. Ela será observada através das interações cotidianas de seus habitantes, num espaço específico que é o chamado Hipercentro¹ da cidade.

¹ Área do município definida administrativamente que corresponde ao centro histórico da cidade.

Para conhecer a cidade em sua dimensão comunicativa foi preciso construir uma abordagem que a tomasse como um espaço polifônico “que se comunica com vozes diversas e todas co-presentes” (CANEVACCI, 1993; 15). O primeiro passo foi reafirmar a importância da escolha da experiência das ruas como objeto da pesquisa.

Na rua, no espaço público, comum, de acesso irrestrito e convivência de diversidades, a polifonia está mais evidente. Ali se materializam conflitos, disputas, e negociações. A rua é o espaço da luta política, da luta pela apropriação, dos usos, das ocupações, dos vínculos afetivos, das táticas que vão se delineando ao longo da história, produzindo narrativas e práticas que integram a dinâmica social e seus processos de reprodução, transformação e manutenção. Na rua circulam saberes e sentidos que constituem o mosaico da cidade. É um espaço de pretensões universais, que, ao menos em definição, garante acesso e participação igualitários a todos. Nela, os homens e os grupos sociais deixam suas marcas, através das quais pode-se ensaiar um saber acerca da cidade.

A rua conserva e exhibe as diversas tensões que são próprias do urbano contemporâneo: as tensões entre os usos cotidianos e as regulações que emanam dos poderes que gerem a cidade; aquelas que acontecem entre o que Lefebvre chamou de valor de uso e de valor de troca da cidade; as tensões geradas pelas transformações descontínuas que se desdobram na cidade, entre os sujeitos e os desconhecidos com quem devem conviver, entre o público e o privado. A rua é campo por excelência do conflito, marca de constituição do urbano, este espaço que segrega ao mesmo tempo que pretende incluir a todos. A rua não constitui apenas uma disposição ordenada de objetos no espaço urbano, e sua força emana das possibilidades que ela encerra de encontro entre os sujeitos.

Para construir a investigação, optou-se por uma leitura que privilegiasse a experiência de quem frequenta o espaço das ruas. A proposta foi a de pensar as interações na cidade como acontecimentos complexos, que são mais do que uma simples troca de conteúdos. As interações comunicativas não são relações unidirecionais nem igualitárias entre os atores sociais, mas constituem materializações dos movimentos de aproximação, afastamento, negociação,

desentendimento, ruptura ou colaboração de que é composta a vida social urbana.

Seja pelo excesso de significação, pela saturação dos sentidos na cidade contemporânea, ou pela impossibilidade de traduzir a experiência sem traí-la, a comunicação além de padecer da instabilidade do social sofre do que Agamben(2005) chamou do paradoxo linguístico: a distância entre ser algo e ser-dito algo. Não existe uma correspondência exata possível entre a comunicação e os objetos do mundo. E no entanto, é através dela que experimentamos os objetos do mundo. Ao nomearmos um objeto, uma relação, um ser é inevitável traí-lo em sua singularidade, em sua “qualqueridade”, diria Agamben. Mas é desta forma que entramos em contato com o mundo, nos comunicamos.

Ao considerar as interações comunicativas como objeto, não se espera encontrar um representação acabada da cidade, uma imagem que dure e se superponha às outras. A intenção é observar o que está em jogo nos encontros que acontecem nas ruas, na dança das apropriações efêmeras, das territorializações superpostas. Os territórios, ou os lugares da cidade, vão sendo construídos a partir das percepções e trocas comunicativas entre os diversos atores que a habitam, já habitaram e dos que mantêm relações com eles.

Seguindo esta idéia, pode-se dizer que as pessoas que circulam na cidade experimentam o espaço, encontram-se com os outros sujeitos, interagem com os objetos e signos e produzem sentidos. Estes sentidos não são expressões das individualidades, mas produtos de interações comunicativas que vão conformando temporal e espacialmente o mundo, sentidos que constroem uma cidade instável, em constante mutação. Em seu curso os sujeitos marcam os espaços e exploram as possibilidades de significação. Na rua não se enuncia no vazio, os outros são interlocutores. Enunciamos em comum, o que pode significar compartilhamento, mas também disputa, conflitos. A rua é um espaço enunciado coletivamente.

Dois aspectos desta forma de pensar a comunicação merecem ser destacados. O primeiro diz respeito ao fato de pensarmos as interações que acontecem nas ruas de uma cidade como um processo de afetação mútua, que compreende

vários fatores: o tempo praticado que carrega uma dimensão dos ritmos da cidade e do tempo dos acontecimentos; o espaço da cidade, como espaço compartilhado e regulado; os outros sujeitos com quem se compartilha ou disputa a cidade; e finalmente os objetos urbanos, que no presente trabalho são as bancas de jornal e revista.

Um segundo aspecto é que pensamos as interações comunicativas na rua em sua dimensão de acontecimentos que colocam em jogo múltiplos significados dos lugares da cidade. Elas possibilitam as apropriações por sujeitos e grupos, não no sentido de tomar posse, mas de participação na produção de sentidos. Assim a rua se constitui de asfalto, de cimento, de ferro, de edifícios, de movimento das pessoas e do jogo dos sentidos que circulam.

Para trabalhar estes dois aspectos escolhemos o Hipercentro da cidade de Belo Horizonte e como material empírico a comunicação que acontece em torno das bancas de jornal e revista localizadas no espaço do Hipercentro. Uma das últimas atividades de comércio permitidas nas ruas de BH pelo Código de Posturas aprovado em 2003 (a outra são as bancas de flores), as bancas configuram-se como objetos urbanos que afetam o seu entorno, ensejam a parada dos transeuntes e permitem o encontro nas ruas.

No primeiro capítulo, apresentamos a abordagem de cidade que vamos privilegiar ao longo do trabalho: a cidade em sua dimensão de prática urbana coletiva. Em seguida discutimos a visão de comunicação que guiou a investigação e que encara os processos comunicativos como práticas constitutivas da vida em comum nas cidades, através das quais podemos estudar os modos de viver tempos e espaços de seus habitantes.

Uma parte deste capítulo é dedicada ao percurso de construção da pesquisa empírica que tem suas bases no Projeto Cartografia dos Sentidos, coordenado pela professora Regina Helena Alves da Silva, minha orientadora. As escolhas teóricas, políticas e metodológicas deste trabalho foram feitas em discussões realizadas com toda a equipe do Projeto, tornando necessária sua apresentação. Neste capítulo são descritos os processos de coleta do material empírico realizados do Cartografias, que formam a base da abordagem que se

faz das ruas de Belo Horizonte nesta tese. Estes processos foram inspirados nas derivas propostas pelos situacionistas.

O capítulo 2 traz alguns mapas que apresentam uma primeira imagem da cidade de Belo Horizonte e do Hipercentro. Eles foram obtidos principalmente durante uma das etapas do Projeto Cartografias do Sentidos, que consistiu em coletar informações e fotografias sobre os espaços públicos – ruas e praças – e planos para a cidade que estão nos arquivos, sites e museus mantidos pelo Município de Belo Horizonte. Também foram consultadas as pesquisas do Cedeplar - Projeto PBH século XXI – e da Práxis Consultoria – Diagnóstico do Hipercentro de Belo Horizonte.

Partindo destes mapas e de dados sobre a cidade e o Hipercentro, inicia-se um caminho para a construção da abordagem comunicacional deste espaço. Começamos a olhar para o local partir da idéia de uma retórica ambulante proposta por Michel de Certeau. A comunicação é discutida a partir das idéias de apropriação espaço-temporal, território e territorialização, noções fundamentais para o prosseguimento da discussão.

O terceiro capítulo é dedicado à cartografia dos sentidos de alguns lugares do Hipercentro. Trata-se de mapas narrativos construídos a partir das fotografias e diários de campo feitos pelos pesquisadores durante as derivas cartográficas. Estes mapas constroem imagens dos lugares a partir das interações comunicativas que acontecem nas ruas. Eles são organizados a partir das noções de paisagem, ambiência e situação comunicacional.

Essas noções são discutidas e apresentadas e ao final do capítulo apresentamos três paisagens comunicacionais do Hipercentro, nas quais estão localizadas as bancas de jornal e revista que foram objeto da pesquisa. São elas a Praça Sete de Setembro e seus arredores, a Praça da Rodoviária e cercanias e a parte do Centro próxima ao cruzamento da rua da Bahia e da Avenida Augusto de Lima.

No capítulo 4, são apresentadas as bancas como ambiências comunicacionais localizadas nas paisagens descritas no capítulo anterior. Nele o objetivo é descrever e analisar as bancas e as situações comunicativas que elas

possibilitam. Isto foi feito a partir da observação do movimento das bancas escolhidas, de entrevistas realizadas com jornalheiros e pessoas que paravam nestas bancas para ler algum material e a partir de registro fotográfico no local. Também foi consultada a legislação que rege a atividade em Belo Horizonte e realizado um contato com o sindicato da categoria.

A idéia era discutir ambiências e situações, localizando-as numa determinada paisagem. Ambas foram trabalhadas à luz das relações espaço-temporais na cidade contemporânea.

Na conclusão, apresentamos uma reflexão sobre a comunicação como acontecimento no tempo e no espaço da cidade a partir dos mapas narrativos realizados.

1 - Percursos para chegar à cidade

A maioria das relações sociais hoje acontece no espaço de uma grande cidade. Davis (2006) afirma que nos primeiros anos deste milênio acontecerá (ou já aconteceu) um divisor de águas na história humana “comparável ao neolítico ou às revoluções industriais. Pela primeira vez a população urbana da Terra será mais numerosa do que a rural.” (Idem,13) É provável que hoje mais de metade da humanidade tenha nascido ou migrado para uma cidade no decorrer de sua vida. Modos de viver próprios do espaço urbano espalham-se por toda a parte. Culturas urbanas tornam-se fenômenos globais. Podemos acrescentar a isto o fato de que depois de mais de um século de estudos como os de Simmel, dos autores da Escola de Chicago, de Walter Benjamin, Mumford, Lynch, Jacobs e inúmeros pensadores contemporâneos, a importância do fenômeno urbano na conformação da experiência humana está mais do que comprovada.

Lefebvre(1999), importante pensador marxista do fenômeno, advoga a utilização do termo sociedade urbana para designar as sociedades que nasceram da industrialização. Para o autor não se trata de um mero problema de designação, mas algo que marque uma distinção entre as metrópoles contemporâneas e outras formações de cidade: a cidade grega, a cidade oriental, a cidade medieval. Ele diz que sociedade urbana é aquela que resulta da urbanização completa da sociedade, hoje virtual, amanhã real.

O autor traça um eixo que vai de 0 a 100% (0 seria ausência de urbanização e 100 a urbanização total). O eixo é ao mesmo tempo espacial e temporal, porque o processo se estende no espaço que ele modifica e no tempo. As formas de associação humanas mais primitivas (coletores, caçadores) estão próximas do zero inicial. Este eixo é marcado por descontinuidades, não se trata de uma evolução linear e homogênea. Em um determinado momento deste eixo espaço-temporal acontece algo que muda as relações, e a cidade passa a ter outro peso no conjunto social. Esta mudança está associada ao crescimento do capital comercial, da existência do mercado. “A problemática urbana impõe-se em escala mundial”. (LEFEBVRE, 1999) O eixo aponta,

segundo o autor, para a urbanização completa da sociedade. Após a fase industrial, estaria uma zona crítica na qual se multiplicam as questões e as contradições. Analisar a cidade concreta significa analisar o fenômeno urbano, ou as modalidades de urbanização. Pois o urbano não seria uma realidade acabada, mas uma “virtualidade iluminadora”.

O essencial do urbano, para Lefebvre está na centralidade:

“A centralidade considerada com o movimento dialético que a constrói e a destrói, que a cria e a estilhaça. Não importa qual ponto possa tornar-se central, este é o sentido do espaço-tempo urbano. A centralidade não é indiferente ao que ela reúne, ao contrário, pois que ela exige um conteúdo. E, no entanto não importa o que seja este conteúdo. Amontoamento de objetos e de produtos nos entrepostos, montes de frutas nas praças dos mercados, multidões, pessoas caminhando, pilhas de objetos variados, justapostos, superpostos, eis o que constitui o urbano.
“(LEFEBVRE, 1999:110)

A cidade atrai para ela tudo que nasce da natureza, do trabalho. Mas não homogeniza: o urbano reúne as diferenças. As diferenças que provêm dos conflitos e as que causam os conflitos. Estas diferenças criam e destroem os centros. O urbano tende à centralidade e à policentralidade, à constituição de centros diferentes. O espaço é um espaço diferencial. O tempo do urbano é a simultaneidade, a pluralidade dos tempos. Para a presente discussão, que tem a comunicação como questão, interessa abordar as transformações que o urbano introduziu na vida dos homens e no seu modo de se relacionar.

Para Lefebvre, a cidade, ou o urbano, é a mediação entre as mediações. Ela se transforma de acordo com os elementos que compõem a sociedade, seus modos de produção, poderes políticos, organização do Estado, etc. No entanto, afirma ele, a cidade depende, não menos essencialmente, das relações entre pessoas e grupos familiares, profissionais. Ela se situa entre o que ele classifica como:

Ordem próxima (relações dos indivíduos em grupos mais ou menos amplos, mais ou menos organizados e estruturados, relações desses grupos entre eles) e a ordem distante, a ordem da sociedade, regulada por grandes e poderosas instituições (Igreja, Estado), por um código jurídico formalizado ou não por uma “cultura” e por conjuntos significantes. (Lefebvre, 2001, p. 46).

A cidade contém e está contida na ordem distante, ou seja, mantém as relações de produção e propriedade. Esta ordem é abstrata e ao se projetar na cidade torna-se visível. Na ordem próxima, ela se projeta sobre um plano, o cotidiano, e se reproduz.

A cidade, qualquer cidade, tem uma história, ela é obra de pessoas e grupos a realizam em condições históricas. Obra coletiva feita de processos, coisas e relações sociais, realizadas num lugar e num tempo específicos. “As relações sociais são atingidas a partir do sensível: elas não se reduzem a este mundo sensível e no entanto não flutuam no ar, não fogem na transcendência.” (Lefebvre:1969,49). Para o autor, o urbano é virtualidade, mas não é uma entidade, um espírito. O urbano encarna-se numa prática da cidade.

A prática torna-se então um caminho para analisar a cidade. Nesta prática, revela-se , uma ordem mais global que organiza as relações numa sociedade. A prática se dá no cotidiano e é comandada também pelas circunstâncias, pelas performances, pelo imediato. Assim como a língua é comandada por um sistema de regras de sintaxe e semântica e é atuada pelos locutores, a cidade é praticada por aqueles que vivem em seu espaço. Se Lefebvre não propõe uma semiologia do urbano e chama a atenção para os diversas reduções que ela comportaria, não deixa de considerar aspectos em que a aproximação fenômeno urbano com questões da linguagem ou da comunicação contribuem para a sua análise.

Nos atos de linguagem, cada locutor usa a língua conforme o sistema abstrato da língua: sem ter consciência dele o tempo todo e ao mesmo sem ignorá-lo. Ao falar, praticamos a língua e ao mesmo tempo somos “praticados”, moldados por ela. Nossos pensamentos, expressões e percepções se forjam na linguagem. Nesta perspectiva, assim como a língua, o urbano seria uma virtualidade, presença-ausência que estrutura o discurso ou a prática urbana e para a qual seus usuários estariam cegos quase que o tempo todo.

Viver numa cidade significa percorrer seus espaços, habitá-la, conhecê-la, estabelecer relações nela. Significa também ser moldado, ser habitado por ela. Constituir modos próprios de se mover nos seus tempos e espaços e ter a sensibilidade e a percepção adequadas para este fim. Assim, pensar numa

comunicação urbana, que é o objeto desta tese, significa pensar em modos de se comunicar que são próprios de uma prática da cidade e que a expressam.

A cidade contemporânea é frequentemente abordada como um espaço perpassado pelos fluxos de comunicação e informação. Este seria um aspecto definidor da cidade atual, assim como a cidade de antes era a cidade industrial ou a cidade mercantil. O espaço urbano contemporâneo é descrito como suporte que concentra equipamentos, objetos e pessoas para que a comunicação entre os centros de decisão, de produção e entretenimento aconteça. Fala-se de um mundo cada vez mais dependente das interligações proporcionadas pelos fluxos de comunicação e que uma das funções importantes das cidades hoje é concentrar um mercado consumidor e um público ou diversos públicos interligados. A comunicação seria uma das chaves para a compreensão do que é a cidade atual.

A idéia que guiou a realização deste trabalho foi a de pensar a comunicação em sua imbricação com o modo de vida urbano. Seu objetivo é conhecer uma conformação urbana contemporânea estudar processos comunicativos que ocorrem no seu espaço e que são próprias daquele lugar e daquele tempo. O recorte de estudos escolhido é a experiência comunicativa num espaço específico que é o Hipercentro de uma grande cidade contemporânea que é Belo Horizonte. Os processos escolhidos, em meio à multiplicidade de ocorrências, são as interações comunicativas que acontecem em torno das bancas de jornal e revista do local.

Este capítulo tem como objetivo apresentar a trajetória errática que foi a sua confecção, feita de idas e vindas entre leituras teóricas, discussões com outros pesquisadores do grupo de pesquisa Cartografias dos Sentidos, coleta de material documental sobre a cidade, diversas fases de pesquisa empírica e por fim a participação² num processo de diagnóstico do Hipercentro de BH – o espaço escolhido para a pesquisa - conduzido pela administração da cidade.

² Trata-se de pesquisa encomendada pela Prefeitura de Belo Horizonte e desenvolvida pela empresa Práxis e que tinha como objetivo consolidar diretrizes para o Plano Diretor do Hipercentro de BH. A minha participação não foi como pesquisadora, mas como convidada - entre moradores comerciantes,

1.1 - Comunicação e cidade

É preciso marcar, a princípio, que esta proposta de estudos se afasta da concepção de comunicação como mera circulação ou exposição de conteúdos. Considera-se aqui a comunicação como um processo de troca simbólica que pressupõe uma interlocução, que se materializa através dos sons, das escritas, dos gestos, das imagens; cujo sentido expressa e ao mesmo tempo constitui as relações dos sujeitos com os outros e com o mundo.

Para entender este processo, em sua relevância para a constituição da vida da cidade, tornou-se necessário recorrer a uma visão de comunicação para a qual Louis Queré(1991) chama atenção na sua discussão do modelo praxiológico. É preciso abandonar o que o autor chamou de concepção epistemológica da comunicação, calcada na transferência de conhecimentos e no esquema representacionista, em favor da concepção praxiológica, que “depende da constituição de um mundo comum pela ação, ou como se diz às vezes em ciências sociais, ‘da construção social da realidade’”.

Quando nos comunicamos estamos forjando, reafirmando ou mesmo rompendo o que nos liga ao outro, à vida social. No ato de nos comunicarmos partilhamos o que temos em comum e também aquilo que distingue, que separa, que rompe. Estamos agenciando sentidos, demarcando lugares, nos posicionando frente ao outro e frente ao mundo. Comunicar permite a agregação dos indivíduos que vivem um cotidiano e partilham um espaço ou sentimentos comuns. Permite também fazer distinções, segregar, estabelecer distâncias. Comunicar possibilita rearranjar o mundo, negociar sentidos, dar a conhecer. Através da linguagem em ato – expressando e percebendo – os indivíduos se comunicam e experimentam o mundo. Para França(2005):

“A abordagem comunicacional busca desvelar, nos fenômenos sociais, a presença da comunicação enquanto momento constituidor. Seu objetivo é apreender as relações comunicativas, relações estabelecidas pelas práticas

representantes de entidades, técnicos e interessados - em oficinas montadas ao final do processo para discussão do diagnóstico e das diretrizes.

simbólicas, como espaço de agenciamento e de escolha; um embate de forças. Este embate é a experiência comunicativa. (p.18)

Esta experiência se produz entre interlocutores e pode ser desigual, à distância, ou presencial; a existência do outro a quem se dirige a comunicação a define desde o primeiro momento como um processo interativo. Processo que é atravessado e conformado pela forças que compõem a situação social mais ampla e a pela relação que se estabelece entre os interlocutores.

A comunicação é sempre uma ação sobre o mundo, mas trata-se também de sofrer o mundo. As relações que se estabelecem entre os interlocutores acontecem no mundo e modificam o mundo. Mas não são “inaugurais”, ou seja, elas acontecem num universo social e cultural já estabelecido, do qual fazem parte os interlocutores. Louis Queré fala em uma dupla reflexividade da comunicação. O primeiro plano da reflexividade é interno: comunicar compreende um conteúdo e uma relação estabelecida entre interlocutores. O conteúdo comunicado age sobre a relação e a relação age sobre o conteúdo. Uma outra reflexividade diz respeito ao pólo da cultura, da sociedade na qual e a partir da qual a comunicação acontece:

“A comunicação efetiva-se a partir de um universo comum partilhado que ordena a estrutura de papéis e a materialização do conteúdo proposicional. A realização da comunicação permite o acesso a esse universo comum compartilhado e age sobre ele, que é investido nessas realizações concretas. A comunicação constitui uma permanente atualização e modificação deste universo. As práticas midiáticas e a conversação cotidiana atuam e nos dizem sobre a conservação e movimento dos sentidos que ordenam a vida social”.³

Esta perspectiva instigou a concepção de um trabalho que permitisse investigar o acontecimento de interações comunicativas no espaço da cidade. A intenção era ver como vida urbana se constitui através das relações comunicativas que são conformadas pelas especificidades desta vida – modos próprios de se

³ França ,V. & Guimarães, César. Relatório do Projeto Narrativas do Cotidiano – na mídia, na rua. Fase II; consonâncias e dissonâncias. Belo Horizonte, 2003.

relacionar com o tempo, o espaço e com os outros homens. A comunicação seria tratada a como um processo através do qual os homens experimentam a cidade e constroem significados sobre o tempo e o espaço que permitem vivê-la e por vezes modificá-la. Ao mesmo tempo a cidade seria encarada também como lugar no qual a comunicação acontece e que deve ser permanentemente “lida” ou ter os sentidos que a ordenam decifrados pelos sujeitos em sua experiência cotidiana.

O interesse pela dimensão comunicacional da cidade abre caminhos de investigação que permitem alargar a compreensão sobre o fenômeno urbano, renovando questionamentos e ampliando o debate interdisciplinar. Por outro lado, os trabalhos no campo da comunicação que têm a cidade e a experiência urbana como objeto têm ampliado as fronteiras da área, instigando novas formas de olhar e abordar a comunicação. O interesse em pensar a imbricação cidade comunicação não é novo.

Leite (2006) apresenta a comunicação como um dos campos disciplinares importantes para a leitura da cidade:

“uma vez que o processo de identificação de códigos, categorização e interpretação do texto-cidade é muitas vezes elaborado segundo suas técnicas, mas também como ferramenta que permeia e estabelece o “diálogo” entre esses campos do conhecimento.”

A contribuição do olhar comunicacional estaria na possibilidade de compreender práticas sociais urbanas que são permeadas por trocas materiais e simbólicas e por transformações na experiência urbana que são propiciadas pela presença e desenvolvimento dos meios tecnológicos de comunicação.

Barbero (2004) ao descrever os itinerários da investigação sobre a comunicação na América Latina fala do crescimento do número de pesquisas que têm a relação comunicação-cidade como objeto, desde os anos noventa. As temáticas e formas de abordagem vão desde aquelas que trazem a tona os imaginários urbanos, o cotidiano dos locais, a juventude urbana, as relações

entre meios de comunicação e as novas formas de estar junto na cidade. Ele coloca em especial na sua “agenda para a mudança de século” as perspectivas que apontam para a cidade como espaço de novos modos de estar juntos e que colocam “em primeiro plano as transformações da sensibilidade que produzem os acelerados processos de modernização urbana e cenários de comunicação que, em seus fluxos e fragmentações, conexões e redes, constroem a cidade virtual”. (2004)

Raquel Rolnik (2004) aponta caminhos de pensar a comunicação da cidade ao relacionar o surgimento da cidade com o surgimento da escrita. “Na história, os dois fenômenos – escrita e cidade – ocorrem quase que simultaneamente, impulsionados pela necessidade de memorização, medida e gestão do trabalho coletivo”. A importância desta relação se dá em planos diferentes. O primeiro citado por ela seria o de acúmulo de conhecimento, pois é na cidade e através da escrita que se registra a acumulação de riquezas e conhecimentos.

Uma segunda forma de encarar esta relação seria a de considerar a cidade em si como uma forma de escrita:

“Não são somente os textos que a cidade produz e contém (documentos, ordens, inventários) que fixam esta memória, a própria arquitetura urbana cumpre também este papel. (...) A arquitetura da cidade é ao mesmo tempo continente e registro da vida social: quando os cortiçados transformam um palacete em maloca estão, ao mesmo tempo, ocupando e conferindo um novo significado para um novo território; estão escrevendo um novo texto. É como se a cidade fosse um imenso alfabeto, com o qual se montam e desmontam frases.” (Rolnik: 2004,18)

Como já vimos, Lefebvre é um dos pensadores que tocou várias vezes em sua obra nas possibilidades e nos riscos de se abordar a cidade como linguagem ou se pensar uma escrita ou uma legibilidade do fenômeno urbano. Para ele a ideia do sistema de signos não dá conta do fenômeno urbano, pois nem este último, nem a cidade não se reduzem a um único sistema de signos (verbais ou não) nem a uma semiologia. A prática urbana ultrapassa em muito estes conceitos. No entanto, para Lefebvre não há dúvida de que

“na cidade e no fenômeno urbano não existe um único sistema de significações mas vários, em diversos níveis: o das modalidades da vida cotidiana (objetos e produtos, signos da troca e do uso, da extensão da mercadoria e do mercado, signos e significações do habitar e do ‘habitat’); o da sociedade urbana e seu conjunto (semiologia do poder, da potência, da cultura considerada globalmente ou na sua fragmentação); o do espaço tempo particularizado (semiologia das características próprias à determinada cidade à sua paisagem e à sua fisionomia, a seus habitantes)” (Lefebvre:2002,55)

Ao entrar na questão da comunicação na cidade, Ferrara (2007) nos propõe pensar os lugares urbanos a partir da idéia de uma linguagem não verbal, que implica em, segundo a autora em um texto e uma leitura não verbal. Este texto espalha-se pela cidade através do que a autora chama de suas micro-linguagens: a paisagem, a urbanização, a arquitetura, a publicidade, a sinalização viária, os veículos de comunicação de massa e seus prolongamentos ambientais.

“A cidade enquanto texto não-verbal é uma fonte informacional rica criada por uma forma industrial de vida e de percepção. O movimento, a máquina, o automóvel, o trabalho mecanizado e especializado, a fábrica, o escritório, o salário, o transporte coletivo, o espaço exíguo da habitação, a mulher que trabalha, a dupla jornada de trabalho, a atividade doméstica mecanizada como elementos incorporados à vida urbana e que geram uma forma adequada de percepção: veloz simultânea, anti-temporal e anti-linear, uma forma onde a fragmentação é um padrão.”(Ferrara:2007, 19)

A forma de vida urbana exige e ao mesmo tempo introduz os sujeitos no uso desta linguagem não-verbal. Segunda a autora, linguagem sem um código de decifração e que tem a fragmentação sígnica como sua marca. A experiência de estar na cidade nos faz mergulhar em uma profusão de signos em potencial. Sons, cheiros, sinalizações, imagens e palavras nos envolvem. Não há um código unificado para decifrá-los, uma sintaxe que os organize. Isto não que dizer que não signifiquem, mas que os seus significados não estão dados e precisam ser produzidos.

A relação de representação está posta em questão ou tensionada. Em primeiro lugar, como nos lembra Ferrara, o signo é extraído do próprio objeto, é parte

dele. “No não-verbal, signo e objeto estão envolvidos de uma tal forma, que no texto, o signo chega a ser uma referência do próprio objeto, ou seja um signo indicial”. (2007; 18). O objeto encerra uma potência de significação que pode provocar uma relação de produção de sentido. Na cidade, edificações, espaços abertos, postes, placas, muros, grades são ao mesmo tempo objetos e signos. A cidade pode ser vista como uma organização de edificações e objetos no espaço e como uma manifestação de linguagem, expressão desta organização e das relações que a produzem.

Em segundo lugar, a relação de produção de sentido, exige uma participação ativa dos sujeitos maior do que no caso do texto verbal. Neste último caso, a relação triádica entre objeto, signo e interpretante pode ampliar as possibilidades de significação. Trata-se de uma relação entre interlocutores em que os sujeitos podem estabelecer relações diversas a partir de seu lugar no mundo e sua experiência. Em se tratando do texto-não verbal, é a própria distinção entre signo e objeto que não é bem definida, o que amplia mais ainda a indeterminação da relação de produção de sentidos.

Portanto, na cidade, as possibilidades de leitura, não estão dadas a priori. No espaço urbano misturam-se o verbal e não verbal e mesmo a palavra abre-se e tem seu significados transformados seja na sua circulação pelos espaços ou sua inscrição nos inúmeros suportes em que os objetos e edificações podem se transformar. “Na cidade, o texto verbal liberta-se da sucessão gráfica dos caracteres e adiciona-se aos índices dispersos em quilômetros de ruas, avenidas, edifícios, multidões em locomoção, ruídos, cor, volume.”(Idem, 20).

A cidade como linguagem extrapola as representações unificadoras que tentam apreendê-la e transformá-la em projeções numéricas de edifícios, pessoas, fluxos de mercadorias e capitais. “A cidade excede toda a representação que cada pessoa faz dela. Ela se oferece e se retrai segundo a maneira como é apreendida” (JEUDY:2005; 81) A maneira como abordamos a cidade é fundamental para o tipo de leitura que se quer fazer dela. É na forma de relação que se estabelece com seus lugares que se apreende aquilo que suas ruas, seus, edifícios e espaços “têm a dizer”.

Ao caminhar pela cidade, colocamos em uso, a nossa capacidade de perceber e registrar os signos que são oferecidos aos nossos sentidos. Para Benjamin, referindo-se à Baudelaire, o ato de circular na grande cidade implica num treinamento do aparelho sensorial e perceptivo do sujeito:

O mover-se através do tráfego implicava uma série de choques e colisões para cada indivíduo. Nos cruzamentos perigosos, inervações fazem-no estremecer em rápidas seqüências, como descargas de uma bateria. Baudelaire fala do homem que mergulha na multidão como em um tanque de energia . E logo depois, descrevendo a experiência do choque, ele chama este homem de um caleidoscópio dotado de consciência (...) A técnica submeteu assim o sistema sensorial a um treinamento de natureza complexa. (Benjamin:124,125)

No cotidiano, os homens enfrentam a cidade: perdem-se na multidão, no tráfego intenso, na balbúrdia dos ruídos dos automóveis, dos pregões, das canções populares, nas confusão de letreiros, avisos, anúncios e placas de sinalização. Movendo-se, os homens realizam uma leitura do espaço urbano. Mesmo que não seja possível extrair uma síntese racional organizada, os passantes produzem cotidianamente sentidos acerca da cidade: uma geografia prática capaz de construir um conjunto de mapas instáveis, que fornecem pistas para a vida do dia-a-dia se realizar.

Entre escolhas afetivas e funcionais, existe uma apreensão da cidade que os pés, os ouvidos, o nariz e os olhos vão construindo. No encontro com os outros, os sentidos são compartilhados e vai-se construindo uma cidade que é a cidade dos usos cotidianos. Ela se produz não como uma síntese acabada, como os cartões-postais ou as definições administrativas, mas como movimentos de leitura e produção contínuos. O fluxo não se interrompe, pois a cidade não cessa de mudar e de mover.

Nem mesmo no plano físico, o dos edifícios, que é mais estável, pode-se confiar. As formas urbanas são instáveis. Para Jeudy (2005) é Tóquio que fornece a imagem da cidade contemporânea que funciona como signo: a eventualidade de um terremoto ameaça permanentemente a estabilidade dos seus edifícios, ela tem a catástrofe natural como horizonte de sua representação. Tudo pode ruir a qualquer momento. Ali, a memória e o esquecimento são tensionados o tempo todo. O que não está visível ou o que foi destruído pode se sobrepor ao que está visível e acessível ao toque.

A cidade tomada como linguagem e como comunicação é feita de possibilidades de sentido, que se dão a ver nas atitudes das pessoas que fazem uso, frequentam o seu espaço. Daí a pertinência de estudá-la como comunicação, ou acontecimento da linguagem, em suas características instáveis, pois talvez isto possibilite conhecer aspectos relevantes de sua conformação enquanto espaço de vida e de experiência dos homens.

Nas palavras de Jeudy:

“ Ao nos ensinar a viver a simultaneidade espacial e temporal a cidade oferece provavelmente a mais bela experiência da soberania estética, uma vez que ela jamais obtém sua identidade aparente dos efeitos do totalitarismo da representação. A proliferação de imagens de cidades permanece inesgotável por nunca se sujeitar a uma ordem semântica que lhe seria imposta por sentido prévio. Na aurora do século XXI, quando a gestão tecnocrática tenta infligir uma configuração cada mais racional a configuração arquitetônica urbana, assim como as modalidades de organização das atividades urbanas, nem por isso a apreensão intuitiva e sentimental das cidades desaparece”. (JEUDY, 2005: 84)

Modos de ver e entender a cidade conformam modos de habitá-la e frequentá-la que são frutos da multiplicidade de vivências que a experiência urbana proporciona. Abordar a cidade numa perspectiva comunicacional abre possibilidade de trabalhar com esta simultaneidade temporal e espacial em seus movimentos de expressão, relação e percepção, atuados pelos indivíduos que vivem nela.

As dificuldades do empreendimento são muitas. A cidade como acontecimento da linguagem ou acontecimento de comunicação é sempre fugidia e dela dificilmente recolhemos mais do que instantâneos de um lugar, de um tempo. Ela não pode ser apreendida através da decodificação dos significados de seus monumentos e edificações sólidas, os sentidos emanam por vezes dos vestígios, em forma de resíduos ou de ações que se repetem e que podem ser capturados pelo olhar do pesquisador. A cidade em comunicação pode ser apreendida através dos usos que se fazem cotidianamente de seus espaços e cujas marcas de apropriação de indivíduos ou grupos constituem, ainda que precariamente, aquilo que identificamos como lugares urbanos. A experiência

de uso cotidiano do espaço qualifica-o e torna possível os movimentos de conhecimento e reconhecimento dos lugares. Através de compartilhamentos e disputas, os usos acrescentam aos lugares

“uma outra informação que redesenha a tridimensionalidade espacial , dando-lhe uma outra variável, mais dinâmica e significativa, porque capaz de informar mais rapidamente sobre constituintes espaciais não previstos em projetos de urbanização e, no entanto, capazes de produzir e/ou alterar a imagem de uma rua, avenida ou praça. (Ferrara,2007,21)

Para estudar esta cidade comunicacional procurou-se uma forma de abordagem que privilegiasse a questão da interlocução e da presença dos sujeitos na cidade. Mais do que a revelação de uma cidade, o que se buscou como caminho de estudos foi compreender os modos de vivê-la na sua dimensão cotidiana. Neste trabalho, algumas interações comunicativas que se processam nas ruas do Hipercentro de Belo Horizonte foram o caminho que escolhemos para estudar a cidade praticada no cotidiano. Cidade que é uma entre as muitas que um aglomerado urbano complexo como Belo Horizonte pode vir a ser e que resulta da relação expressiva que os sujeitos comuns mantêm com o espaço e o tempo e os outros no cotidiano.

Para realizar este estudo a proposta foi enxergar a cidade como uma obra coletiva, de autorias variadas e conflitantes. Canevacci fala em uma cidade polifônica, expressão de muitas vozes. Se retomamos a idéia de polifonia como é expressa por Bakhtin, podemos dizer que a cidade como obra de linguagem é expressão das muitas vozes e relações sociais que a configuram. Mesmo o que é expresso por um indivíduo para outro insere-se na relação social estabelecida entre eles. Uma voz é polifônica por acontecer em meio às relações de um coletivo. Na cidade tudo é necessariamente polifonia, tudo expressa uma imensa obra coletiva.

Cidade como obra toma emprestada a idéia de Lefebvre(1969), quando este fala da complexidade e das discontinuidades do urbano. A cidade mesmo a cidade capitalista não pode prescindir desta dimensão de obra. O fato dela (a cidade capitalista) orientar sua constituição na direção do dinheiro, da

mercadoria – valor de troca- não elimina a sua dimensão de obra- valor de uso. O uso principal da cidade que a constrói simbolicamente, o uso de suas ruas, monumentos é a festa e o encontro – que consomem improdutivamente. Esta é uma das razões que o fazem ressaltar que o urbano é uma realidade contraditória.

“cidade e a realidade urbana dependem do valor de uso. O valor de troca e a generalização da da mercadoria pela industrialização tendem a destruir, ao subordiná-las a si, a cidade e a realidade urbana, refúgios do valor de uso, embriões de uma virtual predominância e de uma real revalorização do cidade”.(Idem,12)

No urbano, se exercem estes conflitos entre a mercadoria e a vida social que escapa a ela . Há um avanço na mercantilização dos espaços públicos. Os lugares e os monumentos tendem a tornar-se lugares de consumo. No entanto, esta dimensão de obra – valor de uso - não desaparece , “o núcleo urbano (parte essencial da imagem e do conceito de cidade) está rachando e no entanto consegue se manter”. A dimensão de obra coletiva da cidade precisa sobreviver, mesmo que o avanço da mercadoria e do consumo não cessem.

Esta tensão valor de uso e valor de troca é uma das tensões que são latentes no urbano e que segundo Lefebvre não desaparecem. Ele aponta para o fato de que o conflito cidade campo não diminui com o passar do tempo. Nas sociedades mais industrializadas, o avanço do tecido urbano sobre o rural é um dos aspectos importantes das transformações, no entanto esta relação não se dá com o simples desaparecimento de um dos termos. A cidade torna-se centro das decisões e avança sobre o campo. Mas isto não faz desaparecer o rural. Para este autor, o conflito entre está longe de ser resolvido em escala mundial.

De maneira similar, poderíamos dizer que o conflito entre natureza e crescimento do tecido urbano se exacerba nas sociedades atuais. Quanto mais a cidade avança sobre o solo e domina a natureza, mais isto se torna um problema a ser considerado. Outro conflito, entre o público e o privado,

consolida seu avanço na sociedade contemporânea. O urbano se produz em descontinuidades e contradições.

A dimensão que nos interessa neste trabalho é a da cidade ou do espaço urbano enquanto obra coletiva, mesmo que esta dimensão esteja sucumbindo à tendência de privatização do espaço das cidades capitalistas contemporâneas. Interessam aqui as possibilidades de encontro que se abrem na rua e que insinuam a criação de novas situações, novos lugares na cidade. O objetivo não é decifrar a cidade, mas compreender o processo contraditório de sua constituição. Desta dimensão da cidade são autores todos aqueles que vivem ou viveram nela. No entanto, algumas autorias são mais incisivas e visíveis do que as outras como, por exemplo, aquelas dos governantes, dos urbanistas, dos publicitários, dos cronistas.

O foco deste trabalho dirige-se para os autores anônimos, que no dia-a-dia imprimem marcas quase invisíveis, na composição da trama urbana. Em diálogo permanente com as outras expressões, os homens e mulheres que caminham por seu espaço escrevem a cidade das ruas. Os processos de significação que acontecem a partir das interações comunicativas são fundamentais, pois é através deles que podemos ver como uma parte vital da cidade é construída: os espaços públicos compartilhados no cotidiano.

O estudo destas relações na cidade Belo Horizonte foi efetivado através de pesquisa empírica realizada no âmbito do Projeto Cartografias dos Sentidos do Hipercentro⁴, cuja equipe integro desde 2005. Esta pesquisa tinha como objetos as relações de uso e apropriação do espaço público que são as ruas do Hipercentro. Dentro do grande espectro de possibilidades que esta pesquisa abriu, escolhi realizar um estudo sobre as interações comunicativas que acontecem em torno das bancas de revistas e jornais localizadas no Centro da cidade, que foi efetivado em 2006.

Durante este processo também tive a oportunidade de acompanhar parte do processo de diagnóstico do Hipercentro, encomendado pela Prefeitura de Belo

⁴ O Projeto Cartografias dos Sentidos do Hipercentro de Belo Horizonte nasceu em 2005 ligado ao Centro de Convergência de Novas Mídias da UFMG, que é coordenado pela professora Regina Helena Alves da Silva.

Horizonte à Consultoria Práxis, cujos resultados serviram de base para a elaboração de um Plano Diretor para aquela parte da cidade. Durante este processo foram realizadas algumas oficinas, nas quais públicos interessados eram convidados a discutir os resultados e fazer propostas. A participação foi muito importante para um maior conhecimento das questões da região. Algumas informações e dados sobre o Hipercentro foram obtidas por esta via.

O objetivo do próximo item é fazer uma apresentação do Projeto Cartografias dos Sentidos que está na origem das escolhas metodológicas, políticas e teóricas que guiam este trabalho.

1.2 - As origens da pesquisa empírica

O Projeto “Cartografias dos Sentidos”, coordenado pela minha orientadora, professora Regina Helena Alves da Silva, está na origem deste trabalho e é uma proposta de pesquisa e de intervenção no espaço urbano desenvolvida por uma equipe multidisciplinar. A preocupação central de seus pesquisadores é a de registrar e estudar as múltiplas formas de convívio social, que acontecem no espaço comum a todos que são as ruas de uma grande cidade e cartografar os diversos sentidos atribuídos aos espaços pelos sujeitos que os habitam, trabalham neles, fazem compras, freqüentam ou apenas passam por eles⁵. O espaço escolhido para início da pesquisa foi o Hipercentro da cidade de Belo Horizonte.

A opção pelo local da pesquisa deveu-se, entre outros aspectos, ao fato de este ser um espaço onde as características atribuídas à experiência na cidade contemporânea - como a velocidade dos fluxos de veículos e pessoas, a saturação de informações, a fragmentação - estão mais visíveis e talvez mais intensificadas do que em outros espaços de Belo Horizonte.

O chamado Hipercentro de Belo Horizonte é também um ponto privilegiado para se entrar em contato com a heterogeneidade que caracteriza a cidade. Esse é um espaço – um dos mais significativos da cidade – no qual, as pessoas dos mais diferentes e distantes bairros se encontram cotidianamente e para desenvolver atividades das mais diversas naturezas. O Hipercentro está localizado na Região Centro Sul da cidade de BH e corresponde a uma unidade de planejamento municipal, criada em 1996 quando da aprovação do Plano Diretor do Município. Tem como limites o Viaduto Santa Tereza, a Rua Sapucaí, o Viaduto da Floresta, a Avenida do Contorno, a Avenida Bias Fortes, a Avenida Álvares Cabral, a Rua dos Timbiras, a Avenida Afonso Pena e o Parque Municipal Américo René Gianneti. A área corresponde ao espaço que ao longo da existência de Belo Horizonte foi apropriado simbolicamente pela

⁵ O material coletado durante a pesquisa transformou-se em um banco de dados sobre o local. Foi elaborada um metodologia de intervenção no espaço urbano, que vem sendo testada em escolas da rede municipal situadas em diversos bairros da cidade. Além disso, o material empírico e as discussões teóricas estão na base de artigos, uma exposição (realizada em 2006), um cd rom um website e pelo menos um livro, uma dissertação de mestrado e esta tese de doutorado.

população como o Centro ou a cidade. Durante o primeiro século de existência da capital mineira esta região teve grande importância na vida social, econômica e cultural da cidade. Atualmente passa por diversas transformações e tem sido objeto de diversos projetos de intervenção.

Uma das falas mais corriqueiras sobre o local é que ele vem perdendo sua importância para a cidade ao longo dos anos. Esta área que foi considerada o coração de Belo Horizonte, cada vez mais é representada como um lugar de passagem. As pessoas “descem” para a “Cidade” – o Centro⁶ – para fazer compras, ou passam pela região apenas como um ponto do caminho para outros lugares. A sua dimensão como espaço público, de encontro e convívio social tem sido pouco valorizada por aqueles que pensam a cidade e por aqueles que projetam e implementam políticas públicas.

O lugar manteve sua posição de referência para o conjunto da cidade. Diferente do que aconteceu em outras cidades, cujo centro tradicional entrou em decadência, o Hipercentro não se esvaziou, manteve sua vitalidade, mas passou por transformações e diferenciações espaciais, o que de resto, vem acontecendo desde a fundação da cidade. No momento de realização da pesquisa este espaço encontrava-se em discussão permanente e era objeto de inúmeros debates e de cerca de duas centenas de projetos de intervenção por parte do poder público. Seu plano diretor estava em gestação. Tanto nos projetos como no plano o que se buscava não era a revitalização, como ocorreu com outros centros tradicionais, pois é evidente que o espaço possui vitalidade, mas a requalificação dos seus espaços.

Um de seus aspectos marcantes e que interessou à equipe de pesquisadores é que o local sempre representou o porto de entrada e saída desta terra sem mar. No começo da cidade, lá chegava quem se vinha para a cidade pela estação do trem para morar, fazer compras, estudar ou cuidar da saúde. Hoje, além dos trens e da estação rodoviária, o local ainda abriga os portos de chegada e saída quem se desloca nela cruzando seu espaço de um bairro a outro. Seu espaço talvez seja o mais profundamente marcado pelo

⁶ O Centro, ou “a cidade” são as denominações usadas pelos moradores de BH para se referir à região. Neste trabalho usaremos preferencialmente a denominação Hipercentro, ou Centro quando relacionado à fala das pessoas.

pertencimento tensionado, pelo desenraizamento que sempre pareceu contaminar o resto da cidade. No Hipercentro, se encontram principalmente os que se deslocam. Território em movimento constante, o local é passagem cotidiana para aqueles que na sua maioria moram ou têm raízes em outro lugar, e que podem ser considerados ou se sentir “estrangeiros”.

Desde o início da capital existem relatos dos estrangeiros, viajantes e trabalhadores, ambulantes, ou simplesmente indesejados que iam se fixando no centro da cidade, constituindo uma relação contraditória em torno daquele espaço. A Praça da Estação, primeiro porto da cidade, pode ilustrar esta relação. Ela sempre foi de importância fundamental para a cidade. Primeira estação de trens, por ali chegaram os materiais para a construção da cidade. Através do transporte ferroviário chegavam os itens de subsistência, que a nova capital do Estado não produzia e que eram adquiridos pelos moradores nos entrepostos das estações.

A Praça abrigava a Estação Central. Ela devia significar o cartão de boas-vindas da cidade, além de se constituir no palco dos comícios políticos. Como ponto de chegada, sua vizinhança acabou sendo cercada de pequenos hotéis e pensões, acompanhados de um comércio mais popular. Não era esta a imagem que se queria na chegada da cidade. A avenida do Comércio (atual avenida Santos Dumont) região em que se queria o comércio mais qualificado foi ocupada pelos atacadistas e por galpões de armazenamento e pequenas indústrias. A praça da estação era ocupada por populares e pelos migrantes em trânsito. O comércio mais popular que se fixou ali era considerado inconveniente para um centro metropolitano sendo combatido em mais de uma ocasião.

“Dessa trajetória, vale fixar que o Hipercentro viverá o “desafio” constante de depurar suas funções para aquelas que se entendia como compatíveis com um centro metropolitano. Ou seja, tudo que puder gerar espaços especializados em outras áreas deverá ser retirado da área central, restando-lhe apenas o que for “nobre”, o simbólico do poder. Talvez o movimento mais indicativo dessa luta “inglória” tenha sido o memorial encaminhado ao prefeito de Belo Horizonte, em 1946, por “representantes de todas as classes”, cujo objetivo era transferir a “zona boêmia” da rua Guaicurus para fora do Centro.” (SOUZA & CARNEIRO: 2003

Os que passam e os que se deixam ficar pelo espaço constituíram sempre um problema para os gestores da cidade, cujo centro deveria concentrar as funções “mais nobres” do município que vão desde o exercício do poder no local, a função de lazer, representada pelo Parque Municipal, e o comércio varejista de qualidade, que contrariamente ao que estava estabelecido no plano foi situar-se primeiro nas ruas Bahia e Guajajaras e não na Avenida do Comércio. ‘

Não há, contudo, o que estranhar: uma lógica subterrânea ressuscitava o centro histórico de Curral Del Rey, casando-o com os símbolos da nova capital. Os autores mostram, porém, o domínio de uma outra lógica, mais especificamente a que impera no comércio popular. Vale dizer, "na região entre a Praça da Estação e o Mercado Municipal - bairro comercial anteriormente previsto - instalou-se o comércio mais popular" (SOUZA & CARNEIRO,2003)

Apesar de marcado sempre pela ambigüidade, o Hipercentro constituiu-se ao longo da história como espaço política, social e economicamente central para a cidade e parece ter se conformado a partir de constantes embates entre o espaço planejado, o que se deseja e o espaço em uso pela população. Na década de 40, o cronista Franklin Sales explora de maneira bem humorada as distâncias sociais que se estabelecem em espaços contíguos do Centro da época:

“Quem observa o footing na Avenida Affonso Penna e depois vai ver o da rua Saturnino de Britto, lá pelas bandas da Feira de Amostras, não retorna mais ao centro da cidade. E voltar pra que? São meninas casaduras, com o espírito sempre torturado pela questão matrimonial, meditando banalidades, ou então uma fileira de mulheres feias, de testa franzida e olhares indagadores, indo e vindo na Avenida como se estivessem cumprindo uma obrigação penosa. Às nove horas há um bocejo geral e cada qual vai procurando o caminho de casa. E, em poucos minutos, a Avenida está deserta e silenciosa. Lá em baixo, o negócio muda de figura porque há divertimento para todos. Quem não quer fazer o footing na rua, ali mesmo em frente há o Parque de Diversões com aparelhos voadores e jogos variados. Às 11 horas da noite (hora local) ou 23 cá na Avenida, inicia-se a representação theatrical num palco alto, onde um mulato banguela diz pilhérias picantes que agradam geralmente. Há cantos, músicas e desafios, terminando sempre a sessão por uma comédia de autor nacional, vivamente aplaudida pelos assistentes que, de cá de fora, tomam parte nos diálogos como se fossem cômicos também.”⁷

⁷ Trecho da extraído da crônica “O paraíso das mulatas” de Franklin de Sales, publicada pelo Jornal Folha de Minas em 24 de Janeiro de 1940.

Juntamente com os planejamentos e as intervenções dos gestores, os usos cotidianos do espaço constituíram ao longo da história como formas de marcar e construir simbolicamente um lugar. É no cotidiano, que estas marcações se produzem e circulam - e conformam cidades entrelaçadas permanentemente – imagens da cidade que se quer e da cidade em que se vive. Em se tratando de construções humanas, nenhuma destas é uma só, ambas são múltiplas e conflitantes, não existe uma representação-síntese que possa dar conta de todas elas. Em relação ao Hipercentro, estudar a experiência daqueles que vivem seu cotidiano, é uma forma de vislumbrar o movimento de constituição destas múltiplas cidades sem, contudo, ambicionar uma imagem total ou que tenha estabilidade.

As dimensões que extrapolam o uso apenas funcional do espaço urbano foram objeto do Projeto Cartografias dos Sentidos. A intenção era estudar aspectos do uso que resistem às diversas formas de uniformização e privatização do espaço e através dos quais os homens comuns têm possibilidades de imprimir suas marcas na cidade.

Para concretizar a Cartografia dos Sentidos, uma equipe formada por pesquisadores de diversas áreas do conhecimento começou a registrar - através de cadernos de campo, fotografias, registros videográficos e sonoros - os diversos usos do espaço público da cidade. Paralelamente a estes registros, foram sendo realizadas reflexões sobre este material, combinadas com leituras e discussões de autores de diversas áreas do conhecimento que abordam a problemática urbana.

Os registros foram realizados segundo uma marcação feita *a priori* no mapa oficial da cidade. Na primeira fase, a equipe de pesquisadores saiu a campo para percorrer integralmente um espaço demarcado no mapa (figura 1) com câmaras, cadernos de notas e equipamentos de sons com o objetivo de captar os usos que as pessoas comuns faziam do espaço. O espaço do Hipercentro foi dividido em 10 áreas a serem percorridas. Numa segunda fase, que

obedeceu às mesmas demarcações espaciais, a equipe foi a campo com os equipamentos e objetivos idênticos, mas ao invés de percorrer toda a área marcada no mapa dirigia-se a pontos de ônibus, permanecia durante um tempo determinado no local e depois dirigia a outro ponto localizado na mesma demarcação. Os registros eram feitos nas paradas e ao longo do percurso, sendo que cada técnica de registro foi utilizada de maneira diferenciada de forma a captar a movimentação do espaço das ruas. Para cada técnica de registro foi seguido um procedimento, que foi repetido ou modificado na segunda fase da pesquisa.

Como exemplo, na primeira fase, as câmaras - tanto a fotográfica como a videográfica - foram usadas de forma a simular o caminhar na cidade. No primeiro caso as fotografias eram tiradas durante um percurso e fazia-se o possível para que a câmara não fosse vista pelos fotografados. Na segunda fase, a interação era mais declarada e por vezes as pessoas posavam ou demonstravam ter consciência de ser fotografadas. Já a câmara de vídeo na primeira fase buscava reproduzir o caminhar: era ligada no início de um percurso e desligada ao final. Na fase seguinte, optou-se pela parada nos pontos para que se captasse o movimento da cidade e não a movimentação da própria câmara.



Figura 1 - Mapa do Hipercentro de Belo Horizonte – As áreas marcadas com cor correspondem à delimitação das derivas do Projeto Cartografia dos Sentidos.

As descobertas e possibilidades de leitura que o material gerou são inúmeras e seria exaustivo descrevê-las aqui. Porém, vamos tentar relatar aqui as escolhas que foram sendo feitas durante todo o seu decorrer e que dizem respeito basicamente à idéia de conhecer o espaço a partir de uma cartografia dos sentidos e à opção por uma abordagem comunicacional dos usos da cidade.

Uma das questões que está nas origens do Projeto Cartografias dos Sentidos é uma visão crítica da cidade contemporânea em geral, e especificamente das mudanças que vêm sendo propostas para o espaço urbano de Belo Horizonte nos últimos anos. Esta crítica dirige-se principalmente a uma concepção de cidade e espaço urbano em voga desde o século passado, quando alguns exemplos “bem sucedidos” de transformações e intervenções em cidades

americanas e européias anunciaram a era da cidade-empresa e da cidade-espetáculo cultural e pareceram conduzir os planejamentos em direção à globalização e à mercantilização. Um exemplo de cidade bem sucedida passou a ser aquela que conseguia atrair altos investimentos externos e turistas. Grandes investimentos públicos foram feitos para que as cidades se tornassem atraentes para o mercado. O que significou, segundo David Harvey, gastar para criar atrativos para executivos de grandes conglomerados e turistas e não necessariamente para elevar o nível de vida de seus cidadãos. Neste modelo, a elevação do nível de vida seria uma consequência da capacidade das cidades de atrair bons negócios. A verdade é que a promessa não se realizou ou pelo menos o modelo mostrou-se unilateral e concentrador de riquezas.

Mike Davis (2006) apresenta resultados de estudos recentes que mostram as grandes tendências da urbanização mundial para os próximos anos e aponta a favelização e a pauperização como um dos principais fenômenos associados ao crescimento das cidades. Ambiente de tensão permanente, a cidade contemporânea parece acumular mais problemas do que soluções. Em "Cidade do pensamento único", Otilia Arantes nos mostra que mesmo as cidades que "funcionam" segundo os modelos vigentes de sucesso - a cidade empresa ou a cidade espetáculo bem sucedidas - não oferecem soluções para os conflitos frutos das diferenças que abrigam.

As cidades do chamado Terceiro Mundo oferecem uma visão mais contundente deste processo. Belo Horizonte, em particular, surge como um dos exemplos de um fenômeno que, segundo Davis, tem amplitude planetária. Algumas cidades localizadas em países pobres têm experimentado significativo aumento de população, que não é acompanhado, como seria de se esperar, de um crescimento econômico similar. Ao contrário, várias delas, como Belo Horizonte, viram seu contingente populacional aumentar enquanto passava por um processo de desindustrialização, seguido de queda real do salário e de aumento do desemprego urbano. Segundo o autor, esta "perversa expansão urbana" causou surpresas entre especialistas e contradisse os modelos econômicos mais ortodoxos.

Não foram as benesses da cidade que impulsionaram este tipo de crescimento, muitas vezes foi a falta de condições de sobrevivência nos locais de origem que conduziram os migrantes às grandes cidades. Eles chegam e vão engrossar a população em busca de melhores condições de vida, traduzidos em oportunidades de trabalho, moradia, assistência médica, educação, entre outros fatores que, na maioria das vezes, não estão disponíveis para todos.

O espaço urbano torna-se abrigo da diferença e de diversos conflitos sociais. Assiste-se assim ao processo de favelização das cidades, para o qual Davis chama a atenção; e ao lado disso a uma hierarquização do espaço, na qual as áreas dotadas de infraestrutura de serviço, mais arborizadas e mais urbanizadas são reservadas à populações de maior poder aquisitivo. O espaço urbano de qualidade privatiza-se.

A crítica a estas tendências levou o grupo de pesquisadores a se posicionar e construir sua perspectiva a partir da visão daqueles que usam cotidianamente os espaços que são comuns a todos da cidade. Esta decisão colocou o grupo num caminho de pesquisa balizado por um conjunto de questões. A primeira diz respeito ao fato de que os dados seriam coletados nos espaços públicos, ou seja, as ruas e praças da cidade. Os espaços privados ou de acesso controlado estariam fora da pesquisa. Uma segunda refere-se à decisão de olhar para a cidade pela perspectiva do cidadão comum que habita, frequenta ou passa por estas ruas. Finalmente, uma terceira questão colocou em relevo os processos de uso dos lugares realizados por este cidadão comum no cotidiano das ruas.

1.3 - Os situacionistas e as derivas

As escolhas feitas aproximaram as reflexões do grupo das idéias da Internacional Situacionista (IS), movimento de intelectuais e artistas europeus que se constituiu em torno de uma crítica radical ao urbanismo, à cidade contemporânea – transformada em espetáculo - e à passividade dos cidadãos - reduzidos à condição de espectadores. Os situacionistas faziam uma reivindicação de transformação no cotidiano urbano através da participação e

intervenção de seus habitantes. O interesse pela abordagem situacionista da cidade e as questões levantadas por eles, levou o grupo do Cartografias a ver na psicogeografia e nas derivas - procedimento proposto pela IS - uma forma interessante de explorar o cotidiano da cidade e construir um conhecimento crítico sobre os usos do espaço urbanos.

A Internacional Situcionista foi formada nos anos 50 por artistas, ativistas e pensadores europeus como Guy Debord, Constant Nieuwenhuys, Raoul Vaneigen entre outros. Segundo Jacques (2003), a luta fundamental era contra a cultura do espetáculo da sociedade capitalista e sobretudo contra a não-participação, a passividade e a alienação dos indivíduos. O antídoto contra a espetacularização da sociedade seria a participação ativa dos indivíduos na vida social e principalmente na cultura. Acreditavam que isto seria alcançado através da construção de situações, que provocassem e permitissem “o jogo livre das paixões”. A cidade ou a metrópole tornou-se questão importante para eles, pois o meio urbano era encarado como terreno da ação, local de produção de novas formas de intervenção e transformação do cotidiano. Para realizar suas pretensões de mudanças, os situacionistas propunham experimentações radicais do espaço urbano que eram a psicogeografia e as derivas.

“A psicogeografia foi definida como um ‘estudo dos efeitos exatos do meio geográfico, conscientemente planejado ou não, que agem diretamente sobre o comportamento afetivo dos indivíduos’. E a deriva era vista como um ‘modo de comportamento experimental ligado às condições da sociedade urbana: técnica da passagem rápida por ambiências variadas. Diz-se também, mais particularmente, para designar a duração de um exercício contínuo dessa experiência.’(...) A deriva seria uma apropriação do espaço urbano pelo pedestre através do andar sem rumo”.(JACQUES, 2003, 22).

Estas práticas tinham como princípio uma apropriação do espaço que ultrapassasse a lógica da definição de funções. Para os situacionistas, era preciso explorar o espaço e suas possibilidades contrapondo-se à passividade diante dos usos pré-definidos, decorrentes da estruturação capitalista da cidade. Henri Lefévre, que foi ligado ao grupo até o início dos anos 60, ressalta a possibilidade de criar situações como uma experiência que é capaz de revelar a cidade:

A idéia deles (e isto também estava relacionado às experiências de Constant) era que na cidade alguém poderia criar situações novas, por exemplo, ligando partes da cidade, bairros que eram espacialmente separados. E este foi o primeiro significado da deriva. A experiência consistia em interpretar aspectos diferentes ou fragmentos da cidade simultaneamente, fragmentos que podem ser vistos só sucessivamente, da mesma forma que existe pessoas que nunca viram certas partes da cidade. (...)Nós tínhamos uma visão de uma cidade que foi fragmentada cada vez mais, sem sua unidade orgânica ser completamente despedaçada. Posteriormente, claro que as periferias e os subúrbios realçaram o problema. Mas tempos atrás isto então não era óbvio, e pensávamos que a prática da deriva revelava a idéia da cidade fragmentada. (LEFEBVRE, 1983)

As derivas buscavam sempre um uso situacionista do espaço, ou seja, uma possibilidade de criar experimentações que tornassem o cotidiano urbano - lugar da fragmentação e da banalidade - em um espaço da revelação, da crítica e da transformação. O andar na cidade permitia reconhecer nos edifícios e objetos urbanos funções independentes de seu uso prático racional. A pesquisa psicogeográfica deveria reconhecer a função psicológica das ambiências e saber jogar com elas, para usar um termo situacionista:

“Nossa idéia central é a construção de situações, isto é, a construção concreta de ambiências momentâneas da vida, e sua transformação em uma qualidade passional superior. Devemos elaborar uma intervenção ordenada sobre os fatores complexos de dois grandes componentes que interagem continuamente: o cenário material da vida; e os comportamentos que ele provoca e que o alteram.”(JACQUES; 2003:21)

O caminhar na cidade tornar-se-ia uma narrativa da exploração das muitas cidades que existem em uma metrópole e partir dela os situacionistas construía mapas que podiam não corresponder exatamente às localizações exatas na cidade, mas que traduziam uma “organização afetiva ditada pela experiência da deriva”. (JACQUES; 2003:23)

Para a equipe do Cartografias dos Sentidos apropriar-se da proposta das derivas situacionistas foi um recurso de abordagem da cidade, através do qual seria possível perceber a diversidade dos usos do tempo e do espaço, as mutações contínuas, as disputas e as negociações e os jogos de significações que se misturam, se sobrepõem continuamente no espaço urbano. Significou, sobretudo, reler a cidade a partir de um posicionamento crítico que permitisse “estranhar” as formas e os usos definidos e cristalizados e enxergar, para além

destes, as múltiplas possibilidades de apropriação e criação de novas formas de usos e convivências. Este estranhamento permitiu um mergulho no cotidiano – no conhecido - e ao mesmo tempo constituiu-se numa atitude de distanciamento para que o olhar do pesquisador não tomasse por “natural” aquilo que é corriqueiro e que enxergasse junto com o uso hegemônico do espaço algo que estava invisibilizado por este.

Uma outra idéia também inspirada nos situacionistas foi a da construção de mapas da percepção dos lugares, elaborados a partir das experiências subjetivas daqueles que caminham pela cidade. Os situacionistas construíam mapas “afetivos” a partir das derivas, que não tinham uma função de orientação no sentido usual, mas se constituíam em narrativas da experimentação do espaço. A equipe do Cartografias traçou como meta construir mapas que representassem as múltiplas possibilidades de apropriação do espaço e os sentidos que produzidos a partir destas possibilidades.

Os usos do espaço foram abordados como operações de produção de sentido acontecem na cidade a partir das interações comunicativas que as pessoas promovem entre si e com os objetos e edificações urbanas. Porque comunicativas? Porque além do uso funcional, as ações dos sujeitos no espaço carregam uma potência de significação. Ao agir sobre o espaço estabelecem uma relação de significação, que resulta na produção de sentidos sobre o mesmo. Na rua esta relação é vivida coletivamente. A produção de sentido não constrói uma imagem única que representa o lugar ou a cidade. A experiência da cidade é vivida pelos indivíduos, mas o seu sentido ultrapassa a dimensão individual pois o espaço é compartilhado ou disputado com outros.

Nas interações pelas ruas, os significados produzidos pelos diversos sujeitos são colocados em jogo, se misturam e circulam num determinado lugar, por isso não se produz uma representação única da cidade. Produzem referências circulantes, como diria Bruno Latour. Ao agir sobre o espaço, compartilhando ou disputando com outros, os sujeitos entram no jogo social, se posicionam. A cidade é sentida, vista, falada, posta em circulação nestas ações. Assim o

mapa da cartografia dos sentidos é um mapa que não ambiciona como resultante final uma decifração, mas possibilidades de leitura.

1.4 - A cartografia da comunicação

A opção pela cartografia foi feita em razão das várias relações que os mapas estabelecem com um território que eles representam. Um mapa refere-se ao território que ele representa, é uma redução que não tem a ambição e não pode conter todas as informações. Lepetit (2002) nos lembra que o mapa implica numa relação com a escala de representação, relação entre a medida no mapa e a medida no terreno.

“Por trás da operação cartográfica está um realismo. A escala do geógrafo associa um representante, o mapa, e um referente, o território cuja configuração é dada e precede a operação intelectual que é a realização do mapa. Portanto é possível imaginar duas hierarquias paralelas, a das escalas, que pertence ao domínio da cartografia e dos níveis dos fenômenos e das organizações espaciais, que pertence à natureza das coisas e à estruturação do mundo.” (Lepetit:2002;210)

A confecção de mapas suscita questões que dizem respeito à relação de representação. A escolha da escala e do que vai ser representado no mapa relaciona-se com o conhecimento específico que se quer produzir e com a “preocupação de responder a um uso particular”. Assim o mapa mantém uma relação com o real que nasce das opções feitas, a escala, as posições e a organização que vão figurar nele. Cada uma destas escolhas constrói um ponto de vista do conhecimento, sem o que o qual é impossível apreender o real.

Pode-se construir diferentes mapas referentes a um mesmo território sem que haja uma hierarquia entre eles, sem que um seja mais “verdadeiro que o outro”. Um território carrega em si a complexidade do real e suscita inúmeros mapas.

“No sistema de variação infinita dos objetos o pesquisador acomoda o seu olhar. Este movimento de aproximação ou de distanciamento regula, sem solução de continuidade, não tem por efeito apenas fazer passar do grande ao pequeno ou vice-versa numa série contínua. O Jardim é sucessivamente à medida que dele nos aproximamos, parreiral, cacho, bago de uva. (Lepetit:2002;225)

Este aspecto do ponto de vista foi fundamental para a concretização da Cartografia dos Sentidos assim como para uma perspectiva comunicacional da cidade. Construiu-se um conhecimento espacializado que tinha como objeto as experiências e percepções de um determinado ponto de vista que é o de quem caminha, para e prossegue pelas ruas da cidade. Os mapas resultantes desta cartografia são narrativas espacializadas, que relacionam objetos, edifícios, pessoas e processos. Marcam a presença de sujeitos se relacionando no espaço e com ele. São, portanto, mapas que se constroem a partir de interações comunicativas, que por sua vez vão dando forma e sentido às ruas da cidade. No mesmo espaço de Belo Horizonte, podemos fazer mapas que relacionem ruas, edifícios ou monumentos. No caso da cartografia dos sentidos, os mapas narram itinerários de sentidos produzidos a partir dos pontos de vista de quem usa aquele espaço.

Ao mesmo tempo e nisto reside um fator que é fundamental nas ruas da cidade, não se trata de um ponto de vista individualizado, separado. Trata-se de algo que pode ser definido como um jogo de posições que se transforma à medida que a caminhada se desenvolve. Os passantes são afetados nestas posições pela multidão que os circunda, pelos edifícios, pelos objetos e inscrições. Michel de Certeau (1994) demonstra a diferença entre as posições.

O ponto de vista de quem está na multidão nada tem a ver com a experiência narrada por ele de olhar para Nova York do alto World Trade Center que se assemelha a um mapa mais tradicional. Quem vê a cidade do alto “continua construindo a ficção que cria leitores, que muda em legibilidade a complexidade da cidade e fixa num texto transparente a sua opaca mobilidade.” O olhar que domina a cidade totaliza tenta superar “o mais desmesurado dos textos humanos” coloca-o a distância para planejar, administrar, intervir. Cria-se a cidade-panorama “simulacro ‘teórico’ (ou seja, visual), em suma um quadro que tem como condição de possibilidade um esquecimento e um desconhecimento das práticas” (CERTEAU:1994;171)

Já os praticantes ordinários da cidade vivem onde cessa esta visibilidade e segundo o autor escrevem com os movimentos do corpo um texto urbano sem poder lê-lo.

As redes dessas escrituras avançando e entrecruzando-se compõem uma história múltipla, sem autor nem espectador, formada em fragmentos de trajetórias em alterações de espaços: com relação às representações, ela permanece cotidianamente, indefinidamente, outra; têm dele um conhecimento tão cego quanto no corpo-a-corpo amoroso.” (CERTEAU:1994;171)

No caso do Hipercentro de Belo Horizonte, espaço significativo para quem habita a cidade, esta estratégia de aproximação possibilitou à equipe sobretudo apreender uma experiência que muitas vezes escapa aos dados estatísticos sobre o local. Não se trata de discutir a validade de outras formas de abordagem, apenas considerar que este é um caminho para a apreensão da experiência cotidiana de uso do espaço. E que pode responder a algumas das indagações sobre o local, entre elas, fornecer pistas que expliquem a imensa vitalidade daquele espaço, que apesar de ter sua sempre decadência anunciada apresenta uma efervescência constante e poder de transformação.

A execução dos múltiplos mapas do sentidos teve como objetivo originar narrativas espacializadas da produção de sentido. Os pesquisadores captaram a cidade caminhando, realizando anotações, observando o espaço urbano em seu cotidiano, utilizando as novas tecnologias de comunicação e informação para efetuar registros, e também buscando informações em arquivos e na internet. Isto foi feito ao mesmo tempo que se fez uma reflexão sobre as metodologias utilizadas no trabalho de campo e sobre a construção de saber acerca do espaço. Nas discussões o olhar do pesquisador e as formas de registro utilizadas estiveram o tempo todos em questão.

A idéia não era observar os fenômenos sociais por si mas perceber os significados que os indivíduos constroem acerca deles . Estes significados foram captados através do registro das interações das pessoas nas ruas da cidade. O pesquisador, em sua experiência das derivas, participou destes processos . Desta maneira buscou-se um conhecimento que tinha como base a imersão no espaço urbano. As relações entre as pessoas no local, bem como a ocupação da cidade e os usos e apropriações das ruas, quarteirões, nos interessaram, desta forma, como os meios com que os habitantes de uma cidade vivenciam-na, atribuindo sentidos múltiplos a esta vivência.

Os mapas dos sentidos propostos que resultaram e ainda resultarão destes processos são registros confeccionados que não abandonam completamente os princípios cartográficos de localização do indivíduo no espaço, mas buscaram fazê-lo sem que, com isso, a diversidade da cidade seja cristalizada. Tornaram-se narrativas e não apenas descrições.

O conhecimento produzido não ambicionou a abarcar a totalidade dos processos, mas construir projeções cartográficas que funcionassem como *dispositivos de memória*. Os registros não esgotam as possibilidades do centro da cidade. Este procedimento acabaria por enrijecer nossos mapas. *Dispositivos de memória* são ferramentas que ajudam a lembrar. Para tanto, nos apropriamos dos mecanismos de funcionamento da memória humana, que é lacunar, e realiza seu trabalho por meio da tentativa de conexão dos fragmentos de tempo nela presentes. Não se trata, portanto, de uma tentativa de fixação da totalidade de uma memória em um suporte físico.

O mapa como *dispositivo de memória* não elimina a atividade daquele que o acessa, mas, pelo contrário, estimula o funcionamento da memória do observador por meio da disponibilização de fragmentos da história da cidade. Quem usa os mapas tem sempre complementar o que falta, por meio da atividade de sua própria memória e imaginação. A cartografia dos sentidos configura-se, portanto, através da aproximação do registro de fragmentos que estão distantes no tempo e no espaço.

A cidade que foi registrada por estes mapas é a cidade vivida por seus habitantes no movimento cotidiano de produzir a vida em comum. Eles se constituem em registros da cidade praticada. Eles deveriam se constituir em metáforas do local, no sentido que Certeau evoca:

Na Atenas contemporânea, os transportes coletivos se chamam *metaphorai*. Para ir ao trabalho ou voltar para casa, toma-se uma metáfora – um ônibus ou um trem. Os relatos poderiam ter igualmente este belo nome: todo dia eles atravessam e organizam lugares: eles os selecionam e os reúnem num só conjunto, deles fazem frases e itinerários. São percursos de espaços. (Certeau:1994,199)

1.5 - Caminho de pesquisa

O presente trabalho é fruto desta experiência de reflexão sobre o espaço urbano no âmbito do Projeto Cartografias dos Sentidos. O material empírico que é a base da discussão foi composto principalmente pelos registros realizados durante as derivas e pelo material coletado durante pesquisa adicional realizada pela autora junto às bancas de jornal e revista da região pesquisada. Para que se compreenda o percurso feito é necessário descrever os procedimentos de coleta do material que será utilizado nas discussões.

Como já foi dito, na fase inicial da pesquisa, a intenção foi a de registrar de usos do espaço para que se realizasse um primeiro contato com a distribuição dos mesmos no espaço do Hipercentro. A área foi dividida arbitrariamente em 10 partes no mapa.(ver figura 1, página 29) Os pesquisadores combinavam um local de encontro, em geral um ponto de ônibus, caminhavam e anotavam em seu caderno, fotografavam e gravavam sons na caminhada. A idéia era refazer registrando o percurso realizado por milhares de pessoas diariamente: a chegada em um ponto de ônibus e o trajeto até o ponto de embarque. O material coletado nesta fase serviu como um estudo exploratório que confirmou algumas impressões, negou outras e principalmente abriu os olhos dos pesquisadores para as possibilidades do espaço.

Os resultados das derivas pelas dez áreas marcadas no mapa permitiram a realização de discussões críticas em relação às possibilidades de análise do material e do que ele tinha de revelador em relação aos usos da cidade. A observação dos processos possibilitou alguns apontamentos sobre a relação entre comunicação e espaço urbano no Hipercentro de Belo Horizonte, que constituem a base da análise das interações comunicativas que será feita ao longo desta tese.

Uma primeira leitura de conjunto do material coletado mostrou que a vitalidade da rua em termos de presença de interações comunicativas é desigual nas áreas do Hipercentro. Alguns lugares parecem ser mais propícios e oferecer mais condições para que elas aconteçam. Assim algumas áreas apareceram claramente nas anotações dos pesquisadores como tendo mais interações

entre as pessoas e apelando mais para a atenção e os sentidos de quem passa.

Esta vitalidade comunicativa é facilitada pelas possibilidades de paradas que as pessoas encontram no seu caminho e que podem ser: pontos de ônibus, bancas de jornal e revista, bancas de camelôs, a extensão do comércio formal para fora de suas portas, as praças, mesmo quando falsas, e lugares que conformam ambiências propícias para pregações, manifestações e reuniões de grupos, maiores ou menores.

Outra observação é que estas paradas conformam um dentro e um fora da interação. As fronteiras da interação são invisíveis, mas perceptíveis a quem passa pelo local. Exemplos disso são as rodas que formam ao redor do pregador da bíblia na Praça Sete ou do homem da cobra, ou ainda dos encontros de deficientes visuais nos fins de tarde em frente ao Mac Donalds. Quem entra na roda, entra na interação, abre a possibilidade de conversação com os outros que estão ali. O ato de entrar na roda retira os sujeitos do fluxo para que entrem em outra forma de experimentar o lugar.

Os lugares observados são múltiplos em termos da sua significação, sendo que um mesmo lugar é apropriado de mais de uma maneira por diferentes sujeitos ou grupos e em tempos diferenciados. A rua do Hipercentro é um espaço e um suporte em aberto para a comunicação. Apesar de algumas determinações incisivas que são estabelecidas pelas regulações oficiais, os significados dos espaços não estão dados, eles se dão a ver através das interações que acontecem ali. Uma interação pode envolver compartilhamentos e disputas. As identificações dos lugares tendem a ser efêmeras obrigando os frequentadores a aprender a “ler” os lugares e a refazer constante esta leitura.

Uma outra observação importante diz respeito a relação entre tempo e espaço no lugar. Esta relação comporta tensões que dizem respeito às transformações constantes do espaço, característica própria do urbano. Nas derivas, estas transformações, por exemplo, se manifestaram através da decadência dos edifícios, da revitalização de outros e de novas construções. Outra questão observada diz respeito diversos usos que acontecem ao longo de um período curto de tempo: os dias da semanas, ou mesmo as horas do dia. Estas

mudanças dão significações diferentes aos lugares conforme os ritmos da metrópole. Outra face desta relação pode ser observada através dos movimentos das pessoas através do espaço, ora lentos, ora mais velozes.

Esta relação configura-se de uma forma complexa. No Hipercentro, não se observa a passagem do tempo na forma de uma sucessão de acontecimentos. A lembrança de um tempo ou de uma época, evocada pela forma de um edifício ou pela presença de um monumento convive com outros, mais antigos ou mais recentes. A decadência convive com os processos de restauração e as ruas podem ser tomadas como narrativas que sugerem encaixes complicados dos diversos tempos que se inscrevem nelas. A idéia do palimpsesto muitas vezes associada à cidade não é apropriada para expressar esta relação. Os tempos na cidade observada não se sobrepõem uns aos outros eles se relacionam produzindo possibilidades de encaixes como as peças dos jogos de blocos de montar.

Outra relação de tensão configura-se entre aquilo que podemos observar como os usos estabelecidos dos lugares e a multiplicidades de outros usos que acontecem de forma simultânea. A calçada destinada prioritariamente para o fluxo de pedestres torna-se lugar para que o comércio ambulante, as conversações, os encontros, a publicidade dos lojistas aconteçam. As paredes podem se tornar suporte para cartazes, stickers, pixações e outras manifestações. A parte da rua destinada ao trânsito de veículos pode ser invadida pelos pedestres em vários pontos formando um corredor que obriga os veículos a diminuírem a velocidade ou a formar uma fila indiana. Disputam o espaço também os catadores de papel e os trabalhadores urbanos como garis e lixeiros. Os usos diferentes do mesmo espaço podem acontecer com ou sem conflito. Os conflitos podem ser entre o que é legal e não legal, entre usos previstos e não-previstos, usos mais estabelecidos e ocasionais.

Esta primeira leitura colocou em relevo relações são próprias deste espaço urbano observado e constituem características da vida que a cidade contemporânea exhibe no seu cotidiano. Assim a proposta que se configura aqui é a de realizar uma leitura mais detida das interações comunicativas que acontecem na rua do Hipercentro de Belo Horizonte, com o foco naquelas que

acontecem em torno das bancas de jornal e revista. A idéia é partir destas relações de tensão que foram vislumbradas na primeira fase da pesquisa e fazer um estudo daquilo que estamos chamando de comunicação urbana, que conserva características próprias da vida cotidiana nas ruas da cidade. Esta comunicação constituiria uma parte importante da experiência urbana atual, que é a cidade das ruas. A cidade que resulta das possibilidades de encontro que o espaço urbano oferece aos homens e mulheres que vivem o seu cotidiano.

No caso do Hipercentro de Belo Horizonte, esta cidade das ruas tem uma importância fundamental, pois trata-se de espaço significativo por ter relevância histórica como núcleo inicial da cidade e por acolher diariamente em seus espaços pessoas de todos níveis sócio econômicos e culturais vindos de todas as regiões do município. Neste espaço da diversidade se produz o que chamamos de acontecimento da cidade.

Acontecimento de uma idéia de cidade que possui em sua constituição todas as contradições e tensões de um aglomerado urbano do terceiro milênio. Mas que ao mesmo tempo propicia o encontro com a diferença, evoca o direito de todos dividirem o espaço que é comum e público. Na prática urbana nas ruas, exercita-se uma forma própria de comunicação que é objeto da nossa análise na qual procuraremos enxergar as tensões e conflitos que marcam esta dimensão da cidade.

No material empírico que foi coletado em primeiro lugar nas derivações e depois nas bancas de jornal e revista procuraremos analisar como se conforma uma experiência comunicativa que é marcada pelas relações de tensão que foram sugeridas pela observação na fase inicial da pesquisa. Procuraremos ver como o processo interativo em torno das bancas marca simbolicamente o lugar na cidade, cria e expressa:

- a possibilidade do encontro;
- um espaço de dentro e um de fora da ambiência criada pela interação;
- tensão entre as temporalidades diversas que atuam sobre as experiências das pessoas no lugar;

- tensão entre os ritmos da cidade;
- tensão entre os diversos usos do espaço; a tensão entre as regulações e codificações da cidade e a experiência que tentar escapar a elas.

Esta discussão da comunicação nas ruas de Belo Horizonte foi efetivada em níveis diferentes a partir de materiais distintos. Em primeiro lugar, analisamos as características comunicacionais dos espaços do Hipercentro através da leitura dos diários de campo e das fotografias feitos nas duas fases das derivas cartográficas. Esta leitura buscou nos materiais coletados os diversos tipos de interação comunicativa que acontecem nas ruas. A ambição era compreender os espaços a partir das interações que ele abrigava e que foram relatadas ou fotografadas pelos pesquisadores nas derivas. Do conjunto total do Hipercentro foram selecionados três espaços.

Um segundo momento de análise, foi a partir de observação das interações que acontecem nas bancas de jornais e revistas dos locais selecionados e de entrevistas feitas com jornaleiros e transeuntes que se detinham para ler alguma coisa ou conversar nas bancas.

No Hipercentro de Belo Horizonte, as bancas de jornal e revistas, objetos urbanos colocados na rua se oferecem como pontos onde transeuntes anônimos podem se deter por alguns momentos no deslocamento apressado pelas ruas da cidade, retomar o fôlego, consumir pequenos fragmentos de manchetes, fotografias, trocar impressões fugidias, com alguém que parou também para depois retomar o seu caminho no fluxo da metrópole. Outros se demoram compram, conversam com o jornaleiro, pedem opinião. A troca apressada de fragmentos de informações com o outro passante ou com o dono da banca fica no ar, atualiza o dia na cidade, abre pretexto para as conversas no café, no ponto de ônibus e no trabalho. Os sujeitos carregam estes fragmentos de acontecimentos ao longo do dia, como chaves de entrada no tempo da atualidade. Amanhã tudo isto já envelheceu, outras frases se oferecem à visão do transeunte.

Quem caminha pelo centro de Belo Horizonte além de se deparar com um grande número de bancas, pode observar também com uma grande variedade de maneiras de exposição de materiais. A uma certa distância já se pode adivinhar qual é a “especialidade” do local: os jornaleiros em geral utilizam cartazes, faixas ou de do próprio material a ser comercializado para chamar a atenção dos possíveis compradores. Jornais e revistas podem ser o carro-chefe das vendas num local, material para concurso em outro; revistas eróticas ou capinhas para celulares, bonés e óculos escuros quase ocultam a fachada de uma banca em outro ponto da cidade.

A banca cria em torno de si uma atmosfera que se destaca na rua. Perto dela é permitido interromper a caminhada, observar as notícias, trocar palavras com o jornaleiro ou com um desconhecido que também se deteve. Cria-se em torno dela fronteiras tênues quase invisíveis, que permitem a parada e às vezes até uma demora maior para realizar uma compra ou uma conversa. As fronteiras são tênues pois os lugares públicos são locais abertos, nos quais pode acontecer a interação com o desconhecido. O transeunte deve traduzir na sua postura e ler na fisionomia do outro quais são as possibilidades daquele contato. A atitude corporal e o olhar demarcam fronteiras e distâncias, no lugar de paredes, portas e janelas.

Tomadas como pontos que possibilitam encontros em meios aos deslocamentos, as bancas são objetos, atratores⁸ urbanos que permitem e provocam uma prática da cidade. Elas constroem uma fronteira demarcando o dentro e o fora. Marcam também uma fronteira de tempo, os tempos dos acontecimentos da atualidade. Entrando nos tempos dos acontecimentos atuais entramos na cidade. As notícias, pequenos fragmentos de acontecimentos marcam o tempo da cidade.

⁸ A idéia de atrator é evocada aqui como a de um ponto ou curva no espaço de fase para onde as trajetórias são conduzidas. Conforme Houaiss in:

<http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=atrator&stipe=k&x=16&y=8>

As bancas encenam também uma espécie de tradução do lugar. Em geral a conformação da banca, os arranjos expositivos e os materiais privilegiados estão em relação com os arredores em que ela se localiza. O tipo de freqüência, a atitude dos que lêem as notícias, a possibilidade de entrar ou não na banca vão fornecendo indicadores que, de alguma forma, traduzem uma ordem ou uma maneira de funcionamento própria daquele momento, naquele local.

As bancas no centro de Belo Horizonte se especializaram: hoje existem na região do hipercentro banca especializada em concursos, que disponibiliza um micro-computador para seus consumidores; outra especializada em quadrinhos; uma terceira em revistas eróticas; uma banca 24 horas. Esta tendência que tem óbvios propósitos mercadológicos é também reveladora de uma interação que ocorre entre este objeto urbano, seus consumidores e o espaço onde ele se localiza. Ao lado desta “especialização”, encontramos uma variedade imensa na oferta de publicações, comum a todas as bancas do gênero. Algumas bancas servem de ponto de troca de materiais impressos usados como livros e revistas já lidos e de outros produtos variados, sendo que alguns acompanham as ocasiões e acontecimentos “sazonais” da cidade: bonés, bandeirinhas e escudos para quem assiste aos jogos de futebol da temporada, artigos festas como o carnaval, natal etc.

As formas diferenciadas de exposição do material na capa ou primeira página são outra característica da banca. As primeiras páginas e capas de publicações já vêm montadas para o espaço urbano, o jornaleiro é o responsável por um arranjo que expõe, privilegia alguns materiais, oculta outros. Assim cada banca se mostra de um jeito, cria uma presença que convida à interação, tornando-se um lugar onde os homens compartilham, às vezes diretamente, às vezes sem conversar, o tempo presente, o tempo simultâneo dos acontecimentos comuns.

Para iniciar o estudo, instrumento usado foi a observação de um conjunto de bancas no Hipercentro. O objetivo foi apreender a banca em termos de: ambiente físico, materiais comunicativos disponíveis, formas de exposição dos produtos, quem frequenta, que tipo de conversação acontece ali.

Nestes locais levou-se em conta a disposição espacial da banca na rua e sua configuração. Foi observado se a banca possui espaço de circulação interna, se existem expositores externos, a maneira de acolher o consumidor; a circulação em torno do local. A banca foi avaliada em suas características: que a banca expõe, qual a forma de exposição do material, a qual material é dado destaque e como é dado este destaque, se existe a possibilidade de leitura na banca. Estas questões foram vistas como parte de estratégias não só mercadológicas, mas de interação com os fregueses e com a cidade. Os comportamentos dos consumidores foram observados quanto à leitura do material e interação com quem trabalha na banca e com demais consumidores. Todos estes detalhes foram anotados em um diário de campo.

Na fase seguinte, foram realizadas entrevistas com 6 jornaleiros em diferentes pontos do Hipercentro cidade. A partir delas foi possível conhecer a relação da banca como o lugar, o ponto onde ela se localiza na cidade, ou seja, foi possível aproximar características das bancas com as características do ponto da cidade onde ela se localiza. Foi possível ver que o tipo de freqüência e de material exposto tem a ver com uma combinação de fatores que dizem respeito aos outros usos do local e aos ritmos da cidade. O jornaleiro que passa seus dias ali tem condições de conhecer estes fatores e montar uma estratégia de relação com os freqüentadores. Outro fator que se tentou retirar daí foi o tipo de material que, na concepção do jornaleiro, atrai mais freqüentadores e quais os tipos de comportamento são mais comuns nas bancas.

A leitura destas entrevistas em conjunto com os quadros de observação permitiu montar um quadro experimental de questões que constituíram a fase de entrevistas com freqüentadores. Nesta fase, foram realizadas cerca de 60 entrevistas com consumidores em bancas localizadas em diversos locais do Hipercentro. O roteiro teve como objetivo mapear as questões relativas à interação com o local, com a banca, com os outros freqüentadores, e com o material que buscou ali. A idéia era ver como a interação com a banca constitui-se numa interação com a cidade contemporânea, uma experiência comunicativa relacionada com o modo de viver urbano (fragmentação do

tempo/espço, relação com conteúdos que extrapolam a base territorial da existência, diversidade de interesses e de vivências no mesmo tempo/local). Um outro objetivo era apreender as táticas dos sujeitos usam para buscar os conteúdos que os interessam e como eles são incorporados ao cotidiano. Enfim um desenho das práticas de leitura e interação feitas pelos indivíduos.

2 – Mapas e Roteiros de Viagem

Para seguirmos o exemplo de Michel de Certeau citado anteriormente, daremos o nome de *metaphorai* aos relatos que nos fazem chegar às ruas do Hipercentro, onde estão localizadas as bancas de jornal e revista que estudamos. Assim como há transportes coletivos feitos de aço, vidro e rodas, existem também aqueles constituídos de matéria mais maleável, e por vezes, volátil, mas igualmente coletivos e com igual poder de nos conduzir para os lugares.

Belo Horizonte existiu na imaginação de seus fundadores e nos traçados exatos de um plano de construção antes de se materializar no espaço. Os traçados geométricos, as linhas exatas deveriam se sobrepor à topografia acidentada e ao vilarejo que existia no local. Isto marcou fortemente a imagem da cidade. A história de Belo Horizonte poderia ser contada a partir desta relação entre a cidade planejada e a cidade que saiu do plano, que transbordou os limites da avenida do Contorno.

Neste capítulo, como um primeiro passo em direção à cidade vivida que é o objeto da nossa discussão, apresentamos alguns dados e informações que permitem uma aproximação inicial de Belo Horizonte e do seu Centro. Eles foram obtidos, principalmente, através da pesquisa do Projeto Cartografia dos Sentidos, que coletou dados referentes aos acervos e planos oficiais que estão disponíveis nos arquivos, museus e sites na internet mantidos por órgãos oficiais de Belo Horizonte. Alguns mapas e informações foram obtidos no relatório da pesquisa realizada pela Práxis Consultoria mencionada no capítulo anterior.

2.1 - Um primeiro mapa do lugar

Fundada em 12 de dezembro de 1897, a Cidade de Minas erigiu-se sobre o vilarejo. A capital nasceu como um ato da vontade política dominante em Minas, que alisou o espaço para que o progresso e a modernidade se construíssem, não sobre as raízes do passado, mas se assentassem no traçado geométrico e exato das novas ruas riscadas no chão. A cidade foi preparada para receber o governo do Estado e a elite política de Minas. Para tanto, expulsou do seu lugar os moradores do antigo arraial do Curral Del Rey, formado em torno da Fazenda do Cercado.



Figura 2
Foto da Comissão Construtora
Fonte: Portal da PBH

O portal oficial da Prefeitura de Belo Horizonte toma este gesto da fundação da cidade como sendo um marco emblemático das relações conflituosas que marcarão seu espaço e sua história. Os moradores do antigo vilarejo, onde seria construída a cidade, comemoraram a vinda da capital e rebatizaram o lugar dando-lhe o nome Belo Horizonte, sem saber que havia não espaço reservado para eles nos planos dos construtores:

“A implantação de tão grandioso projeto tinha, porém, uma exigência: a completa destruição do arraial que ali se localizava e a transferência de seus antigos habitantes para outro local. Rapidamente, os horizontinos tiveram suas

casas desapropriadas e demolidas, sendo-lhes oferecidos novos imóveis a um preço muito alto. Sem condições de adquirir os valorizados terrenos da área central, eles foram empurrados para fora da cidade, indo se refugiar em Venda Nova ou em cafuas na periferia”.⁹

A nova cidade precisava simbolizar o novo, traduzir o sonho de progresso e modernidade do regime republicano recém-implantado no país. Diferente das intervenções urbanas (SILVA; 199) realizadas em outras cidades do país, como no Rio de Janeiro e São Paulo; em Minas, decidiu-se construir a nova capital ao invés de se reformar a antiga. Era preciso romper com a ordem anterior para inaugurar um novo tempo. Ouro Preto simbolizava o passado colonial; além de possuir uma topografia acidentada, cheia de ruelas e ladeiras, inadequada para uma cidade moderna, que se desejava aberta, limpa, higiênica. A mudança assinalava também uma ruptura com o regime imperial, ao realizar o sonho dos inconfidentes de transferência da capital do Estado. O Decreto da mudança foi publicado pelo Presidente do Estado, Augusto de Lima, e anexado à constituição estadual.

Sonhada no século XVIII, Belo Horizonte foi desenhada no papel antes que o local da sua implantação fosse escolhido. O empreendimento “respirava” a atmosfera de final de século, das grandes reformas urbanas iniciadas pelo Barão de Haussman em Paris, nas quais o progresso se traduzia em avenidas largas, arborização, higienização e embelezamento do espaço urbano. O pensamento dos homens que a realizaram era o de trazer para o Brasil experiências bem sucedidas na Europa e nos Estados Unidos.

No entanto, não se tratava de simples transposição de idéias de fora. Como afirma Silva (199?:9): “As propostas trazidas do Velho Continente se adequaram perfeitamente às necessidades das elites urbanas: a cada um foi dada a definição de qual deveria ser o seu lugar.” As reformas urbanas no geral e a construção de Belo Horizonte em particular se enquadravam nos planos e nas disputas que estavam base da nova ordem nascente no país. Não se pode

⁹ Extraído do texto “Uma lição de História”, publicado no portal www.pbh.com.br, em 2 de julho de 2007.

simplesmente classificá-las como inadequadas, por terem sido importadas de países com realidades diversas. Elas traduziam uma forma de se pensar as relações sociais daquele momento e o desejo de fundar uma nova sociedade baseada no progresso científico. O traçado da cidade deveria expressar isto e colocar cada coisa no seu devido lugar:

As reformas pensadas durante o século XIX, como as de Paris, justificadas pelo discurso da competência técnica, serviram para que a burguesia consolidasse seus espaços nas cidades e para que fossem bem definidos os espaços do trabalho, da moradia e do lazer e os lugares daqueles que não podiam ou não queriam participar deste “admirável mundo novo” urbano e industrial. Se as reformas do século XIX são claramente marcadas pelas necessidades geradas pela dominação de uma classe sobre o viver em comum, as propostas totais de cidade ideal do século XX se transformaram em exemplos de como o discurso competente, justificado pelos ideais de igualdade e justiça social, em última instância, encobria o autoritarismo. (SILVA:199?, 10)

O traçado da Cidade de Minas previa um centro do qual partiam grandes e largas avenidas no sentido radial; as ruas retas formavam um quadriculado e um anel, a Avenida do Contorno, dividia a área urbana central da suburbana. Uma terceira área formada por cinco colônias agrícolas seria constituída por chácaras que garantiriam o abastecimento da capital. A área dentro do anel da Avenida do Contorno deveria receber tratamento urbanístico adequado e ser ocupada por funcionários públicos e por aqueles que pudessem pagar pelo alto preço dos lotes. Configurou-se assim um projeto de uma cidade elitista e marcada pelo desejo de seus fundadores de constituir um espaço com lugares e funções bem determinadas. A capital devia expressar não só o ideal de progresso, mas ser exemplo de saneamento, ordem e beleza; além disso, devia ser modelo para as intervenções em outras cidades brasileiras.

O discurso de seus construtores guiados pelo ideário republicano e positivista encobre os conflitos que cercaram a sua fundação:

“Belo Horizonte é apresentada por Aarão Reis como um exemplo de intervenção que não causou conflitos com a antiga população já que a cidade foi construída em um “lugar vazio”. Este lugar, segundo ele, deveria ser

preenchido por habitantes que conseguissem se integrar e compreender a proposta de progresso contida em seu projeto.”(SILVA, 199 :15)

No entanto, a história não se passaria de acordo com o plano dos construtores. A capital foi inaugurada ainda inacabada e os operários, que deveriam ser retirados após o término da construção, permaneceram, mesmo sem lugar definido no projeto original para eles. O mesmo se deu com a população do antigo arraial. O portal oficial da Prefeitura relata que estas permanências deram origem à primeira favela da capital, a do Leitão, próxima ao Instituto de Educação “em plena avenida Afonso Pena”.

Monte-Mór e Paula (2003) afirmam que esta resistência da população em se deixar expulsar do projeto confirma um traço marcante da cidade, que entrará sempre em conflito com a imagem de conservadorismo que se atribui a Belo Horizonte: no entender dos autores, em vários momentos pode-se surpreender o novo num quadro mais geral de conservadorismo. Se os ideais de vanguarda e progresso que presidiram a fundação estiveram sempre sob a guarda do “senhoriato tradicional” do Estado, inúmeros eventos deixam entrever a ação de seus habitantes que resistem ao este conservadorismo. Como exemplos eles citam:

“... a greve de 1912, com barricadas na rua da Bahia e a vitória da reivindicação de redução da jornada de trabalho; as mobilizações na década de 1920 contra os abusos das elevações dos preços dos bondes e dos cinemas; as ocupações de terra urbana que resultaram na criação dos bairros da **Cabana**, do **1º de Maio**; o vigor do movimento sindical em categorias importantes como dos bancários, metalúrgicos, construção civil, são testemunhos de vida política dinâmica e densa em Belo Horizonte. (PAULA & MONT-MÓR: 2003)”.

Estas são marcas de atores cuja participação na vida da cidade é quase sempre tornada invisível ou considerada inadequada. Dizer que a cidade é conservadora é atribuir o conservadorismo das elites técnicas e políticas que a governaram aos seus habitantes. O que se pode ver em inúmeras passagens da vida belorizontina é a convivência conflituosa entre seus habitantes e governantes, sempre acompanhada das tentativas de desqualificar ou apagar

as ações que escapavam aos projetos concebidos para a cidade. A tentativa dos governantes de manter a cidade dentro dos limites do que havia sido projetado para o seu espaço criou uma situação paradoxal. Belo Horizonte foi construída como marco significativo, inspirado na república recém-proclamada no país e, contraditoriamente, só foi eleger seus próprios prefeitos muitas décadas depois, após o Estado Novo. A capital símbolo dos novos tempos viveu os primeiros anos sob a tutela do Estado, que não via com bons olhos a autonomia de seus cidadãos. Descumprindo a constituição da República de 1891, o poder legislativo da cidade era exercido pela Secretaria dos Negócios do Interior, que cuidava “de definir posturas e regulamentações importantes para a organização do Município, buscando não descaracterizá-lo como espaço ideal.”¹⁰ O prefeito era subordinado à Presidência do Estado e sua função era executar as decisões tomadas naquela instância.

Tanto a eleição do prefeito quanto a criação de um conselho eleito pelo voto popular para legislar na cidade encontravam resistência por parte das elites políticas mineiras. Uns argumentavam que a cidade estava inacabada e não podia ser entregue à municipalidade. Outros diziam que o enorme contingente de estrangeiros comprometia a representatividade do povo da cidade.

¹⁰ Revista Pensamento e Memória – Ed.1. Publicada no portal da Câmara Municipal de Belo Horizonte. Consultado em 10 de julho de 2007



Figura 3

A cidade em 1902

Acervo do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte

O fato é que um Conselho Deliberativo foi criado em 1900 e composto por representantes da elite política, mesmo sendo eleito pela população. Sua autonomia era restrita e sua ação limitada, na maioria das vezes, pelas decisões do Estado e pelas imposições do projeto inicial da cidade. Com o passar do tempo, surgiram necessidades de mudanças e adaptações e os conflitos entre a ação do Conselho e a Administração do Estado aumentaram. Em 1917, uma lei garantiu maior autonomia ao Conselho, bem como uma definição mais clara de suas funções. Mas a Câmara Municipal só seria criada mais tarde, em 1936, a partir da Constituição de 1934, que definia as atribuições do Legislativo e Executivo Municipal, conferindo autonomia aos poderes. No que diz respeito às eleições, previa que os vereadores deveriam

ser eleitos pelo voto direto e secreto do povo, porém deixava aberta a possibilidade de que o prefeito fosse nomeado. Assim a cidade continuou tendo seus prefeitos nomeados pelo Estado. A Câmara recém criada foi dissolvida no ano seguinte, 1937, com o advento do Estado Novo. A autonomia do Município só seria restabelecida com a Constituição de 1946, quando foram restabelecidas as eleições para Prefeito e vereadores na Capital.

Assim durante o primeiro cinqüentenário de Belo Horizonte, foram um Legislativo com autonomia restrita e um Executivo sem representação popular que administraram e regulamentaram seu espaço. Fruto de um projeto inicial que não tinha a questão social mais ampla como prioridade, o espaço da cidade teve seu uso e distribuição marcados no primeiro meio século por um viés autoritário. Inúmeros são os exemplos desta ação que demarcava e excluía do projeto da capital uma parcela da população considerada indesejada. Nos primeiros anos da cidade o tratamento dispensado aos habitantes era flagrantemente desigual:

“Os funcionários públicos, estaduais e municipais, entretanto, não recebiam o mesmo tratamento dispensado aos pobres e operários. Conselho e Prefeitura ofereciam a esses funcionários, para se estabelecerem na Cidade, benefícios como a cessão gratuita de lotes para a construção de casa. Os federais também contavam com esse benefício (...)Essa desigualdade acentuou-se na lei que definia como operário aquele que provasse ter, exclusivamente, como meio de subsistência, trabalhos manuais. Acentuou-se, ademais, na enumeração de restrições para a construção de casas pelas camadas populares, como o respeito à estética e à higiene; a preferência por aqueles que já estivessem estabelecidos, com licença, na área a ser construída; a comprovação de residência na Capital por, pelo menos, dois anos; a comprovação do exercício ininterrupto de suas atividades, de ter bons costumes e dedicação ao trabalho e o prazo de quatro anos para o término da construção das casas.”¹¹

No entanto, todo o controle e o zelo, somados ao desejo de realizar a cidade ideal não foram suficientes para concretizar os sonhos de seus construtores. A cidade transbordou do projeto: seu crescimento desordenado foi desfazendo aos poucos as demarcações e construindo lugares, que eram fruto dos

¹¹ Revista Pensamento e Memória editada pela Câmara Municipal de Belo Horizonte.

conflitos entre as ações do poder público – revestidas de um caráter autoritário, respaldado pelo conhecimento técnico - e as da população, formada por “estrangeiros” não desejados, que insistiram em ficar.

Na década de 40, a cidade já havia ultrapassado os 200 mil habitantes previstos no plano como a população máxima que seu espaço deveria conter. Este número surpreendente – em 40 anos a cidade aumentou 16 vezes a sua população¹² - é explicado sobretudo pela migração. A expansão das atividades econômicas, também não previstas no plano inicial, passou a exercer uma força de atração. Segundo Paula e Monte-Mór, as estruturas produtivas, de comércio e serviço deviam se desenvolver para atender às necessidades do pólo administrativo e político que a cidade representava: Belo Horizonte não estava planejada para se tornar pólo econômico ou industrial.

“No essencial, os planejadores da cidade entendiam que a simples presença da capital do estado em região central do território induziria tanto uma reconfiguração espacial das atividades econômicas, da infra-estrutura viária, de transportes e comunicações, de movimentos migratórios, que redefiniriam a ocupação do espaço mineiro por meio de efetivo processo de integração e rearticulação regional. Belo Horizonte, por esta estratégia, seria o epicentro da tentativa de uma nova rearticulação regional, que buscava integrar um estado que por mais de um motivo era visto como um mosaico.” (PAULA&MONT-MÓR: 2003)

A cidade planejada extrapolou sempre as tentativas de contenção e direcionamento do seu espaço. Nesta década, foram construídas a Pampulha e a Cidade Industrial, abrindo dois importantes eixos de crescimento populacional. A partir daí a cidade iniciou um crescimento vertiginoso e em grande parte desordenado. Os anos 40 foram marcados pelo desenvolvimentismo e pelo desejo de modernização no campo da arquitetura, das artes, da cultura, simbolizados pelos anos de JK como prefeito da cidade. Juscelino foi prefeito de BH durante o Estado Novo, nomeado por Benedito Valadares, que ocupava o governo de Minas, sem ter sido eleito pelo voto

¹² Na virada do século em 1900, Belo Horizonte tinha 13.472 habitantes e em 1940 atingiu os 214.307.

popular. Nesta fase, a cidade inaugura um novo ciclo de crescimento, também marcado pelas contradições: ela se quer moderna, mas ainda é governada de forma autoritária e contrária aos princípios da República da qual devia ser símbolo.



Figura 4 - Vista com a Praça Raul Soares em 1946 – Arquivo Público da cidade de Belo Horizonte

No final da década, a cidade passou a eleger seus prefeitos como consequência do ares democráticos trazidos pelo fim do Estado Novo e da Constituição de 1946. Nos anos 50, consolidou-se o processo de industrialização da cidade, o comércio cresceu e acelerou-se o processo de verticalização da cidade. Como consequência deste processo e também dos problemas enfrentados pelas populações rurais no interior, o fluxo de migração intensificou-se e a cidade dobrou de tamanho atingindo, a marca dos 700 mil habitantes. A preocupação com o crescimento refletiu-se na atitude do prefeito Américo René Gianetti, que dá início à elaboração do primeiro Plano Diretor

para Belo Horizonte. Na década seguinte, com o golpe militar de 1964, os prefeitos da cidade voltam a ser nomeados.



Figura 5 - Vista da cidade no início dos anos 60 - Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte

O crescimento populacional levou a cidade, nos anos 70, a ultrapassar o primeiro milhão de habitantes. Integrada ao chamado milagre brasileiro, com todas as suas contradições, a cidade vive um segundo processo de industrialização nesta época, que contou, inclusive, com a implantação de um pólo automobilístico na sua região metropolitana, seguido de ampliação das atividades de comércio e serviços. Grandes afluxos de migrantes chegaram à cidade alterando e tornando mais complexa a vida social. O número de postos de trabalho não cresce à mesma razão que o contingente populacional, a indústria automatizada e os serviços não absorveram as levas de migrantes e a cidade viu crescer o mercado de trabalho informal, cuja expressão mais visível era a imagem dos camelôs, que tomaram as ruas do Hipercentro da cidade. Um outro setor que absorveu parte destes novos habitantes foi o da construção civil que experimentou grande crescimento nesta fase.

“Assim o migrante se integra aos antigos habitantes da cidade e como muitos deles se torna ‘peão de obra’, vivenciando um cotidiano marcado pela instabilidade no emprego, pelo risco permanente de acidente de trabalho e pela remuneração insuficiente para lhe garantir a vida, a esperança e os sonhos que o tinham empurrado em direção à capital do Estado.” (CASTRO, 1997:38)

A cidade jardim, de clima ameno e belos horizontes, que habita a memória de seus moradores transformou-se na metrópole agitada, barulhenta, moderna, cheia de contradições e segregações. A vida social tornou-se ainda mais complexa e as relações entre os homens e entre estes e o espaço da cidade modificaram-se rapidamente. O desenvolvimento econômico prometia benefícios, mas também aumentava a insegurança, os conflitos, as disputas, a desigualdade. Belo Horizonte teve seu território mais intensamente ocupado e inteiramente transformado pela ação de seus habitantes.

Ao longo desta década também ocorreram, não só em Belo Horizonte, mas em todo Brasil, profundas transformações no campo da comunicação social. Cabe aqui um parêntese para falar destas alterações vão repercutir de maneira fundamental em várias esferas da vida social. Como o texto oficial não menciona as transformações específicas no campo da comunicação de massa recorremos à obra “Na tessitura da cena, a vida – Comunicação, sociabilidade e política” de Maria Ceres S. Castro, que situa bem a importância destas mudanças na vida da cidade. Como afirma a autora:

“Neste terreno foram muitas as alterações que se processaram no período e que, ao se efetivarem transformaram tanto o próprio sistema comunicativo existente na cidade quanto as suas relações com o sistema nacional. De fato, fizeram mais que isso transformaram as próprias experiências daqueles que militavam nos meios de comunicação e contribuíram para dar uma nova feição à experiência social do habitante da cidade.” (CASTRO:1997,62)

Os anos setenta em Belo Horizonte foram palco da extinção (ou quase) de diversos jornais impressos e da inteira transformação dos que sobreviveram. Acontecia na cidade um fenômeno que já se processava em outros lugares do país: a concentração do setor, a modernização dos processos de

gerenciamento e dos padrões gráficos e de impressão e a transformação quase que completa do jornal em mercadoria. Na década, em Belo Horizonte, as publicações que se firmaram com produtos de empresas capitalistas foram o Diário da Tarde e o Estado de Minas e o Jornal do Comércio. Alguns sobreviventes como o Jornal de Minas e o Diário de Minas apenas atravessaram os anos setenta até a sua extinção completa. Paralelamente, como contrapontos aos jornais-mercadorias surgiram na cidade os representantes da chamada imprensa alternativa, com o De Fato e o Jornal dos Bairros.¹³

Alterações profundas também se processaram em relação aos outros meios de comunicação como o rádio e a televisão. As emissoras de tv existentes perderam seu caráter de produção local e ao longo da década participaram de um processo que aconteceu em todo o país de consolidação das grandes redes nacionais. A TV Itacolomi, pioneira, do grupo dos Associados¹⁴ ainda se manteve como líder nos primeiros anos da década, mas era ligada à TV Tupi e acompanhou a decadência desta. A Alterosa, também ligada aos Associados, acabou se ligando ao SBT. A TV Vila Rica, propriedade de Januário Carneiro, foi incorporada à TV Bandeirantes. Finalmente a TV Belo Horizonte, que em 1969 fora adquirida pela TV Globo, consolidou-se como a primeira na cidade e de resto, como primeira em todo o país. Ao longo da década a produção local foi cedendo espaço à programação de redes de tv nacionais. As emissoras de rádio sofreram mudanças com o aparecimento das FM e o início da segmentação que deverá se firmar nos anos 80.

Um traço comum nestas transformações é a consolidação de um modelo concentrador da propriedade dos meios, como vinha acontecendo em outros centros do país. Participaram desta nova configuração os que tiveram de um lado, a possibilidade de fazer os grandes investimentos necessários à modernização dos equipamentos e dos processos de organização empresarial e de outro, boas relações com os governos que eram (e são) os

¹³ O quadro das transformações que acontecem na década de 70 no campo das comunicações em BH está detalhado em Castro 1997op. Cit.

¹⁴ Condomínio dos Diários e Emissoras Associados, crido por Assis Chateaubriand.

concessionários e os grandes anunciantes. É importante ressaltar, que estas mudanças que transformaram o panorama da comunicação de massa em Belo Horizonte e no país tenham ocorrido “num contexto autoritário, de intensa repressão política e rígido controle ideológico”.(CASTRO, 1997)

Belo Horizonte tornou-se uma grande metrópole e viveu intenso processo de expansão e diferenciação espacial em plena ditadura militar, momento de fechamento político e concentração econômica. Neste sentido, a dispersão social causada pelo crescimento da cidade e modificação dos lugares de convívio foi acompanhada também de um maior controle da circulação de informações e dos meios de comunicação de massa.

No entanto, a década vai se fechar sob o signo da resistência da população de BH ao regime autoritário: as greves dos professores da rede pública e dos peões da construção civil vão tomar as ruas, mais uma vez, quebrando a imagem de conservadorismo com a qual sempre se emoldura a cidade. Estes eventos anunciam a década seguinte que marcará o retorno do país à democracia com o fim da ditadura .

Nos anos 80, Belo Horizonte acompanhou o processo de democratização do Brasil, voltou a eleger seus governantes e experimentou avanços no que diz respeito à participação política, ao crescimento dos movimentos sociais e à discussão pública das grandes questões como trânsito, meio-ambiente, patrimônio e saúde. A cidade com sua importância regional consolidada chegou ao fim do seu primeiro século de vida com mais de 2 milhões de habitantes e concentrando em sua Região Metropolitana boa parte da atividade industrial do Estado.

No entanto, este desenvolvimento é experimentado de maneira desigual por sua população. Belo Horizonte teve sua população de favela aumentada de maneira significativa. O número de pessoas vivendo em favelas da cidade quase dobrou nos primeiros 5 anos da década de 80, passando de 233.500 em 1980 a 550.000 em 1985. (PAULA & MONT-MÓR, 2003).

2.2 - A virada urbana

Belo Horizonte chegou ao ano 2000 como outras grandes cidades do Brasil e da América Latina: abrigando em seu espaço grande maioria de nossa população. O processo de virada urbana, que teve início em fins do século XIX, intensificou-se na maioria do continente a partir dos anos 30 e, nas últimas décadas do milênio, mostrou-se irreversível. O historiador José Luis Romero afirma:

A partir de 1880, muitas cidades latino-americanas começaram a sofrer novas mudanças, desta vez não só em sua estrutura social mas também em sua fisionomia. A sua população cresceu e diversificou-se, multiplicou-se a sua atividade, modificou-se a paisagem urbana e foram alterados os tradicionais costumes e as formas de pensar dos diversos grupos das sociedades urbanas. (ROMERO: 2004; 283)

Os grandes centros do continente sofreram uma explosão populacional que modificou profundamente a sociedade. No período de um século, que para BH representa sua inteira existência, passou-se de um mundo predominantemente rural e patriarcal a uma sociedade urbana em constante mutação, cujas fronteiras com as outras cidades estão cada vez mais indefinidas; cujos modos de produzir a vida e as relações sociais são diferentes e são, sobretudo, desenraizados. A mobilidade espacial e a convivência simultânea de múltiplas temporalidades passaram a ser as características destes conglomerados urbanos.

Como a maioria das grandes cidades, Belo Horizonte acolheu um contingente de pessoas em busca de acesso a serviços básicos como saúde, energia, educação e, na maioria das vezes, não puderam responder às expectativas criadas. Como em outros grandes centros na América Latina, os processos de modernização, industrialização e urbanização vieram acompanhados de problemas como pobreza, desemprego, enfim, de uma enorme população colocada à margem da sociedade. As cidades sofreram transformações brutais das relações entre seus habitantes causadas, de um lado, pelas avalanches migratórias e pelo desenvolvimento desigual e de outro, pelas mudanças globais dos padrões de comportamento e estilos de vida trazidos em grande

parte pelos meios massivos de comunicação. Uma das conseqüências do modelo concentrador de propriedade e gerências dos meios comunicação é que com a diminuição da produção local cresce de importância no cotidiano das pessoas o que é produzido fora da cidade. O mundo distante invade o local com uma intensidade muito maior.

No entanto, por mais que isto se torne generalizado, tendendo a uma homogeneização dos espaços e das experiências na cidade, continuaram existindo nas cidades espaços de vivência comum onde se exercita o que chamamos de vida urbana. As cidades formaram-se ao longo da história como atratores para populações das mais diversas origens e procedências. Existiu sempre um movimento de vai e vem entre as tentativas de uniformização dos espaços e o contínuo afluxo de migrantes de origens distintas. Com o seu crescimento e o surgimento das metrópoles contemporâneas ampliou-se a diversidade tornando mais intensos os conflitos entre as tendências de uniformização e privatização dos espaços, e os movimentos que escapam a estas tendências e que deixam outras possibilidades de uso do espaço.

Belo Horizonte, ao entrar no terceiro milênio, ostenta todas as suas contradições em seu território. A cidade com sua importância regional consolidada chegou ao fim do seu primeiro século de vida com 2,4 milhões de habitantes e concentrando em sua Região Metropolitana boa parte da atividade industrial do Estado.

2.3 – Encontrando o Centro

O processo de expansão espacial de Belo Horizonte encontrou seus limites em quase todas as direções. Sua área central corresponde à parte da cidade dentro dos limites da avenida do Contorno. Ela representa hoje uma pequena parte da mancha urbana, concentra a maior parte dos indicadores de qualidade de vida urbana, como serviços de educação, saúde, áreas de lazer, equipamentos culturais entre outros. O Hipercentro é parte integrante desta área e foi definido pela Lei 7165 de 1996, que instituiu o Plano Diretor do Município de Belo Horizonte. Apesar de ter constituído outras centralidades,

esta área da cidade que corresponde à zona urbana definida pelos construtores da cidade condicionou fortemente o crescimento da cidade, tanto do ponto de vista econômico como do ponto de vista simbólico.

(...) a formação dos centros intermediários e de pequeno porte não se encontra proporcionalmente graduada em relação à Área Central. Essas concentrações estão muitas vezes dispersas e incompletas, não constituindo centralidades socioeconômicas dinâmicas.(...) Apesar do empenho dos setores públicos local e setorial em planificar um processo de expansão/concentração articulado com a descentralização, constata-se na última década a configuração de uma rede de centros desconexa e fragmentada que, sendo definida por um conjunto de serviços pouco diferenciado. (LEMOS, 2003)

A área central, porém, não é homogênea revelando em seu interior enormes diferenças sociais e econômicas. As Unidades de Planejamento desta área estão as que possuem os maiores números de IQVU, 'Índice de Qualidade de Vida Urbana do Município. Localizam-se lá também as UPs que obtiveram os menores índices: o Cafezal e a Barragem Santa Lúcia. O mesmo se repete de forma invertida em relação aos índices de Vulnerabilidade Social, as duas UPs citadas possuem os maiores índices e as demais componentes do espaço central possuem os menores.¹⁵

O Hipercentro, espaço que corresponde ao centro tradicional, manteve sua posição de referência para o conjunto da cidade. Diferente do que aconteceu em outras grandes cidades, cujo centro tradicional entrou em decadência, o Hipercentro não se esvaziou, manteve sua vitalidade, mas passou por transformações e diferenciações espaciais, o que de resto, vem acontecendo desde a fundação da cidade. No momento atual, este espaço encontra-se em discussão permanente e é objeto de inúmeros debates e de cerca de 2 centenas de projetos de intervenção por parte do poder público. Seu plano diretor está sendo gestado e deverá ser encaminhado para a votação em breve. Tanto nos projetos como no plano o que se busca não é a revitalização,

¹⁵ Maiores informações sobre o IQVU podem ser obtidas no portal da Prefeitura Municipal www.pbh.gov.br

como ocorreu com outros centros tradicionais, pois é evidente que o espaço possui vitalidade, mas a requalificação dos seus espaços.

Atualmente, a região abriga uma população de 20 mil habitantes, sendo que uma parte expressiva deste total tem mais de 60 anos e pertence aos grupos sociais que vieram residir em BH a partir de meados do século passado. Dos anos 90 para cá, aumentou o número de moradores de rua. Estas pessoas pernoitam ou permanecem em geral sob marquises, viadutos e praças, aumentando o que os urbanistas chamam de vulnerabilidade social.

Em 1992, trabalhavam no Hipercentro cerca de 176.830¹⁶ pessoas, sendo que 91,2% destas estavam no setor terciário. Em 2002, as estatísticas acusavam um decréscimo de 14 mil destes postos de trabalho. Do total de trabalhadores, segundo a Pesquisa Origem e Destino 2001/2002 realizada pela Fundação João Pinheiro, 54.808 trabalhadores vêm das periferias da cidade para trabalhar no local, 43.551 vêm da chamada área pericentral e 27.080 chegam do chamado Eixo Industrial, sendo que o Núcleo Central, região onde se localiza o Hipercentro contribui para este contingente com 18.374 trabalhadores.

Além de moradores e trabalhadores, o Hipercentro recebe diariamente um fluxo de cerca 1,2 milhões de pessoas¹⁷ que estão em trânsito, em compras ou procuram outro tipo de serviço. A freqüência ao comércio é diferenciada em termos de poder de compra, sendo que algumas regiões apresentam um comércio de melhor qualidade e outras uma concentração de loja populares e comércio informal, definindo, como em outros momentos da sua história, um caráter de segmentação espacial e diferenciação social no local. Das pessoas que se deslocam, segundo a mesma Pesquisa de Origem e Destino de 2002, 38,4% são das periferias da cidade, 23,35 % da área pericentral, 14,9% do Eixo Industrial, 10,3 da área central.

¹⁶ As informações sobre a situação urbanística atual do município e do seu hipercentro foram obtidas no Projeto PBH século XXI. Publicado pelo Cedeplar –Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG no site www.cedeplar.ufmg.br.

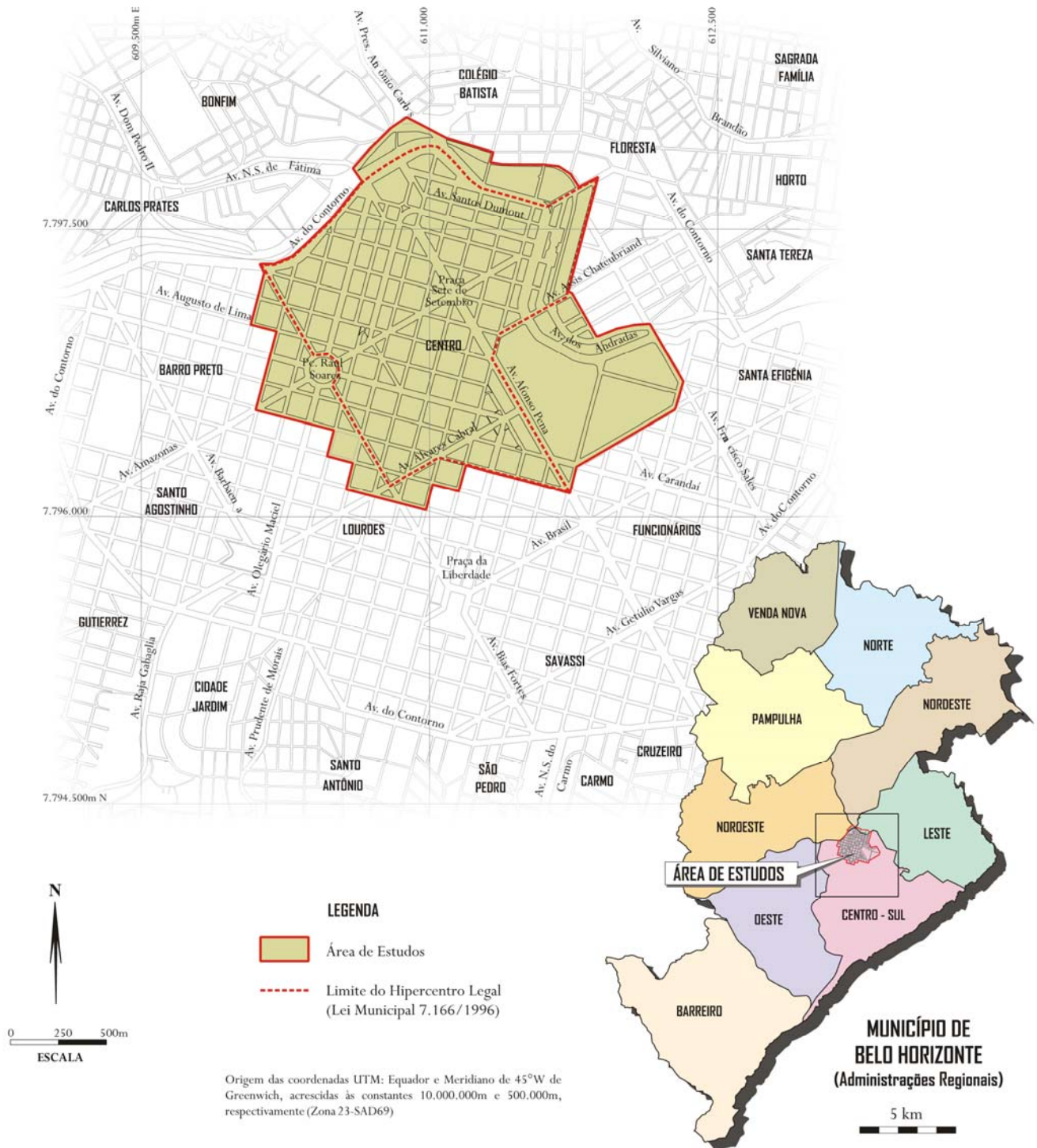
¹⁷ Este número provém de estimativas da Polícia Militar de Minas Gerais. Nas época das festas de fim de ano a freqüência ao local pode subir para 2,3 milhões diários. Alguns estudiosos contestam estes números dizendo que esta freqüência diária fica na casa dos 500 a 550 mil.

Esta desproporção entre o número de moradores e o fluxo de frequentadores faz com que o Hipercentro seja visto principalmente como lugar de passagem. Isto é apontado como um dos indicadores da decadência do lugar, ao lado da migração do comércio mais sofisticado e de alguns serviços, como os da áreas bancária, para a constituição de outras centralidades em diferentes regiões de Belo Horizonte.

Mais do que discuti-la como índice de decadência, interessa aqui tomar esta característica no seu significado para uma abordagem comunicacional. Lugar de passagem pode ser traduzido como local de cruzamento de trajetórias diferentes, produzindo o encontro, uma das dimensões fundamentais para se pensar a cidade como obra coletiva. O outro fator que nos interessa para a abordagem comunicacional é a questão do ponto de vista do transeunte, do sujeito em movimento na rua. O foco desta discussão é construído a partir da experiência de caminhar pelas ruas da cidade.

O sujeito que passa pelo Hipercentro de Belo Horizonte à pé não realiza apenas a transposição de um ponto a outro no espaço. Caminhando, ele afeta e se deixa afetar pelas possibilidades de comunicação manifestas ou latentes nos espaços, objetos, edifícios e pessoas com quem entra em contato. A afetação mútua –espaço urbano /transeunte - constrói um ponto de vista móvel, fruto de aprendizado intenso, exigido de quem transita pelas ruas apinhadas de gentes e veículos.

Figura 1 - Mapa de localização da área de estudos



2.4 - O Hipercentro são muitos lugares.

O Hipercentro é múltiplo em termos dos usos de seus espaços, o que é uma característica dos espaços urbanos. Os mapas sobre o seu espaço podem ser feitos de inúmeras maneiras a partir de certas homogeneidades que caracterizam as suas regiões em termos de maior ou menor concentração de moradias, o tipo de comércio presente ou mesmo a influência que recebe de outras áreas. Ao observarmos um mapa da ocupação de seus imóveis, a diversidade da ocupação é a grande característica de suas áreas. (mapa)

O uso comercial e de serviços predomina em 84% das suas edificações. O uso residencial está presente em 19% e os serviços coletivos estão em 8,6%. Apesar da percepção que se tem da decadência do local, associada ao esvaziamento, a taxa de vacância dos imóveis em 2006 era de 6,2% número considerado normal e até baixo, dentro da dinâmica do mercado imobiliário.

As ruas que compõem a porção do espaço que nos interessa, conformam-se a partir da presença destas edificações. São elas que delimitam fisicamente as ruas, criando as fronteiras entre o lado de dentro e o de fora. Em se tratando de prédios comerciais ou voltados para o serviço as fronteiras são mais flexíveis e fáceis de serem transpostas. No caso dos prédios residenciais, elas são mais marcadas e menos convidativas. Os destinos destas edificações não são determinantes, mas influenciam o movimento da rua ao seu redor, assim como o movimento da rua exerce uma influência de volta sobre as edificações.

A influências podem se dar de várias formas . Uma parte das pessoas que circula no lugar pode ser consumidor do comércio, morador da casa ou edifício ou usuário do serviço. A grande concentração e a variedade de serviços e comércio contribuem para a diversidade do lugar e vice-versa. Um aspecto que contribui de maneira decisiva para o grande afluxo de pessoas de todo o município para a região é a forte presença de serviços públicos. A administração Central dos Correios, a Prefeitura, o Terminal Rodoviário, várias entidades culturais e educacionais estão na região, a Receita Federal, o

Palácio das Artes, o Psiu¹⁸ são exemplos de instituições que estão há décadas na região. Em se tratando de uma cidade com pouco mais de um século elas constituem importantes referência para toda a população.

Ao usuário das edificações soma-se um enorme contingente de pessoas que passam pelo centro em sua trajetória para cruzar a cidade de um ponto a outro. São os usuários do sistema coletivo de transporte na capital que utilizam os 250 pontos de embarque e desembarque de passageiros das 290 linhas de ônibus que cruzam seu espaço e a estação central do trem metropolitano. As paradas de ônibus e trem vão acrescentar aos lugares um colorido próprio, acumulando nas calçadas ao longo de toda a jornada pequenas e grandes reuniões de pessoas, que variam conforme o local e o horário.

Além do comércio formal que se beneficia desta presença agrega-se às reuniões de usuários nos pontos ônibus, um grupo de interessados, formado por ambulantes, pedintes, distribuidores de panfletos, entre outros. Os pontos conformam lugares especiais, onde um grupo rapidamente renovável de pessoas imprime marca tênues de sua estada na calçada. Esta presença fluida conforma em torno dela um lugar de encontro de anônimos, ambiência propícia para a comunicação urbana.

Os pontos são como portos de saída e entrada para o espaço do Hipercentro. Marcam fronteiras . Ao desembarcar e se colocar em movimento pelo espaço das ruas o passageiro torna-se transeunte. Esta troca significa adentrar numa outra relação comunicativa com o espaço da cidade.

O passageiro sentado no ônibus pode ver as fachadas dos prédios que são pintadas e sinalizadas para chamar a atenção de quem trafega motorizado. Vários anúncios monumentais são colocados no alto e suas dimensões são cada vez maiores, dando a sensação de inacessibilidade. O passageiro experimenta a cidade de uma maneira que se aproxima da idéia de cidade

¹⁸ Posto de Serviços Integrados Urbanos.

videoclip,¹⁹ proposta por Canclini. É a cidade que se desenrola diante dos nossos olhos através de fragmentos de quadros, sem que haja tempo ou condição de sintetizá-las. A presença dos veículos automotores é decisiva para o desenho contemporâneo da cidade. Atravessa-se a metrópole dentro de aparelhos motorizados como carros, ônibus e trens. A visão é enquadrada pela janela, a distância e a velocidade produzem o videoclip: o desfilar de quadros ininterruptos, embaladas por uma trilha sonora, ora escolhidas pelos indivíduos, ou fornecida pela orquestração própria da metrópole. Resta ao indivíduo de dentro do veículo apenas tentar observar, decifrar. Os caminhos do automóvel, do ônibus e do trem no Hipercentro estão previamente traçados e disciplinados. A sensação de mobilidade e liberdade dada pelos aparatos motorizados há muito se provou ilusória.

Nos coletivos quando se tem sorte enxerga-se a cidade enquadrada pela janela do ônibus. Muitas vezes, viajando no horário do *rush*, vemos as costas do passageiro da frente. O potencial de deslocamento prometido pela tecnologia é refreado pelo volume de outros carros com os quais se disputa o espaço. A liberdade que o automóvel promete é contida pela regulamentação da rua: não pode virar à esquerda, não pode virar à direita, mão única, não pode parar. Atenção. Pare. Siga. Os corpos devem-se disciplinar e acomodar-se nos assentos, o olhar deve dirigir-se para os luminosos, para as lanternas do carro da frente. A cidade é vista com os cantos dos olhos. Não se espera resposta, a comunicação na cidade motorizada é unidirecional.

Quando o passageiro desce do coletivo abre-se para ele uma outra cidade. O ponto de vista do transeunte é o portal para uma outra dimensão da comunicação urbana. Seu olhar pode alcançar o cotidiano de espaços específicos, onde, de forma modesta, as relações comunicativas entre os sujeitos ordinários vão construído os lugares da cidade. Menos visíveis que os *outdoors* e as sinalizações, as interações dos homens e mulheres comuns

¹⁹ Canclini propõe a imagem de cidade videoclip, a partir da visão fragmentada de quem viaja por uma grande metrópole como a Cidade do México de carro ou de ônibus.

acontecem nas ruas. Tornam a cidade instável, transformada permanentemente.

O olhar que o transeunte dirige para o trânsito, para as ruas, para os edifícios e letreiros é diferente. Um outro ponto de vista que constitui uma relação diversa com a cidade monumental, com a cidade videoclip. Para os passantes do Hipercentro o tempo é mais lento e, apesar da pressa de todos, os homens não estão motorizados. Eles estão imersos no frenesi da metrópole, porém o ritmo próprio do passante das ruas vai mostrando aos poucos uma outra face da cidade, que não nega a cidade monumental e a cidade videoclip, mas dialoga, resiste e às vezes desafia ambas. Nela é possível visualizar arranjos distintos, nem sempre evidentes ao primeiro olhar. Mas eles estão lá e são expressão da diversidade que caracteriza as maneiras de viver o urbano.

Para muitos dos transeuntes, a caminhada pelo Centro é um percurso até o próximo porto. Nele, realizam uma primeira forma de apropriação do espaço, aquilo que Certeau chamou de retórica ambulante. Nelas os passantes elegem os atalhos, os desvios as paradas, os elementos significativos do percurso: um comércio, um encontro, uma banca de jornais, um serviço. Andando, enunciam sua forma de viver o lugar, na qual emergem suas escolhas e as possibilidades que a cidade oferece.

Ao mesmo tempo não se trata apenas de dizer a cidade. A cidade é ativa nesta interação, ela molda esta retórica. Não só ao oferecer suas possibilidades enunciativas, mas ao impor ao “falante” seus acidentes, acontecimentos, seus ritmos, suas espacialidades. Uma afetação mútua: a cidade ao ser vivida é territorializada pelos homens. Seus lugares nascem, adquirem significados, entram em decadência e morrem sob a ação humana. Ao mesmo tempo tem o poder de cercar, regular, moldar, falar através de seus objetos e acontecimentos e regulações. A cidade, este conjunto complexo de edifícios, objetos e regulações também territorializa os homens.

“Os edifícios e construções de todos os tipos são máquinas enunciantes elas produzem uma subjetivação parcial que se aglomera com outros tipos de subjetivação. Um bairro pobre ou uma favela fornecem-nos um outro discurso e manipulam em nós outros impulsos cognitivos e afetivos.” (GUATTARI:1992,158)

Esta interação complexa resulta em modos de apropriação do espaço ou de territorializações próprias do espaço urbano. Num espaço como o Hipercentro, parece mais adequado falar em processos como as territorializações do que em territórios como resultados acabados. Os múltiplos lugares de que é composto se transformam com o passar dos dias da semana e até mesmo das horas do dia. A noção de território requer uma certa estabilidade para que os significados tenham uma certa duração e sejam compartilhados. Lá esta duração oscila e nunca se estabelece completamente, os sentidos são sempre objetos de disputa.

No Hipercentro, pode-se observar que espaços tidos como nobres pelo mercado imobiliário da capital, como as áreas que fazem fronteira com o bairro de Lourdes, podem se tornar pontos de prostitutas e travestis ao anoitecer. O quarteirão fechado da Praça Sete, na Rua Rio de Janeiro, onde as pessoas se sentam durante o dia para ler jornal, conversar, jogar damas, ou apenas para uma pausa pode se transformar em uma pista para skatistas, de madrugada. Os usos e as significações diferenciados podem acontecer de maneira intermitente, ou simultâneos, em convivência pacífica ou conflituosa.

Há uma ressalva a ser feita. Neste trabalho não se toma partido de uma visão do mundo que fala da perda de importância do espaço, criando uma dicotomia que situa as sociedades tradicionais como territoriais e trata as sociedades atuais, em sua grande maioria como desterritorializadas. As sociedades urbanas em geral são tomadas como exemplares da desterritorialização, fenômeno que seria resultante da dissociação do espaço e do tempo ou mesmo da supressão do espaço pelo tempo (diminuição das distâncias) proporcionadas pelas novas tecnologias.

Esta dicotomia obscurece o debate, pois trata processos que são indicadores de novas relações com o espaço, como a velocidade das comunicações, dos deslocamentos, a crise do Estado-nação, a diluição de fronteiras como sinônimos de desterritorialização, significando, na maioria das vezes, a extinção da importância dos territórios. Haesbaert (2004) alerta para os riscos desta dicotomia ao apontar os problemas decorrentes da afirmação de que vivemos numa era dominada pela desterritorialização. Segundo ele,

“trata-se da já antiga confusão que resulta principalmente da não explicitação do conceito de território, considerado muitas vezes como sinônimo de espaço ou espacialidade, ou numa visão mais problemática, como a simples e genérica dimensão material da realidade.”(Idem,p.25)

Para ele, são inúmeros os processos contemporâneos que recolocam a importância das relações com o espaço: questões ecológicas, demográficas, problemas de fronteiras, novas disputas regionais com grande ênfase territoriais, entre outros fenômenos.

Para além da fixidez que a ideia de território possa evocar, foi de grande utilidade trabalhar os diversos processos em ocorrência no Hipercentro de BH como fenômenos de territorialização e desterritorialização tomando-os como fenômenos de interação com e no espaço. Recorremos então ao que Haesbaert chamou de territorializações mais flexíveis:

...que admitem ora a sobreposição(e-ou a multifuncionalidade) territorial, ora a intercalação de territórios – como é o caso dos territórios sucessivos nas áreas centrais das grandes cidades, organizados em torno de usos temporários, entre o dia e a noite (Souza, 1995) ou entre os dias de trabalho e os fins de semana” (Haesbaert, 2004:342)

O espaço configura-se – enquanto elemento comum a todos os grupos que nele se fixam e dele se apropriam – como possibilidade para múltiplas

apropriações, palco de tensionamentos e disputas constantes. Ao ser atravessado por forças diversas pode ser abordado como uma pluralidade complexa e interativa de territorialidades. Territorialidades são entendidas como o processo de tomar o espaço para si, em processos de produção e atribuição de sentidos:

“...a terra é a grande estase inengendrada, o elemento superior à produção que condiciona a apropriação e a utilização comuns do solo. Ela é a superfície sobre a qual se inscreve todo o processo da produção, registram-se os objetos, os meios e as forças de trabalho, distribuem-se os agentes e os produtos”. (DELEUZE e GUATTARI, 1976, 179)

Os movimentos de territorialização observados na cidade configuram-se como ações que conformam territórios de acordo com os interesses de sujeitos ou grupos, movimentos que podem se estabelecer ao mesmo tempo, no mesmo lugar. A apropriação do espaço acontece em um movimento dinâmico e relacional, onde alguns usos, ocupações, discursos, práticas e rituais já estão dados, estabelecendo limites e possibilidades para a ação dos homens. No entanto, tudo isto precisa ser aceito e assimilado e pode igualmente ser rejeitado ou desconsiderado. Nos processos de uso do espaço as configurações, codificações e legislações que regem um espaço estão no movimento que é próprio da vida coletiva. Desse modo, um lugar se faz, se constrói, a partir de diferentes processos individuais e coletivos. Os homens em interação fazem movimentos de territorialização e desterritorialização diversos: um mesmo espaço pode comportar significações distintas e mesmo contraditórias. Na cidade contemporânea, a característica da mobilidade é compartilhada por indivíduos e territórios.

Pensar em territorialização mais flexíveis, permite enxergar os usos do espaço comum da cidade como processos contínuos e sobrepostos de instituição e desinstituição de territorialidades. Neste sentido, a dimensão temporal, ou das múltiplas temporalidades tornou-se fundamental. Os usos dos espaços são condicionados pelos ritmos da cidade. Logo falar em processos de territorialização e desterritorialização significa falar em combinações espaço-temporais. Alain Tarrus (2000) fala em ritmos sociais, identificando assim

práticas coletivas generalizadas em uma cidade ou específicas de uma subpopulação, como expressões justapostas, ocorrendo em tempos diversos em um mesmo espaço. O autor nos fala também das dimensões espaço-temporais das diversas movimentações dos sujeitos, sejam eles fluxos migratórios sejam eles deslocamentos nas cidades como expressões daquilo que ele chama de territórios circulantes.

A idéia da territorialização como processo espaço-temporal possibilitou redimensionar fenômenos encarados apenas como fragmentários e inseri-los na dinâmica da cidade. Desta maneira pode-se situar em outra perspectiva as diversas possibilidades de uso espaço da rua como por exemplo os encontros de surdo-mudos que acontecem nos finais dos dias em uma das esquinas da Praça Sete e os encontros que acontecem em frente ao Correios da rua Tamoios para marcar as partidas de futebol de várzea que acontecem nos diversos lugares da cidade. Um espaço na rua, um ponto na calçada transforma-se em um algo, que não foi previsto na sua construção e isto não está sempre visível. O uso compartilhado que sujeitos e grupos fazem do espaço/tempo da cidade não está necessariamente fixado no espaço, embora possa se relacionar com ele de maneira regular ou intermitente.

Estudar os processos de significação em curso no Hipercentro não revelou uma unidade do espaço. O local guarda as características do urbano: é fragmentado e múltiplo. No entanto ao percorrer o espaço através das derivas torna-se possível enxergar as possibilidades de ligações entre os espaços. As observações das ruas permitiram ver nos fragmentos de usos e de significações algumas conexões que aproximam alguns espaços . Não foi feita uma classificação que faz tomasse o Hipercentro como um conjunto diferenciado formado por partes homogêneas, tais como os que resultam das classificações por áreas residenciais, ou de comércio mais popular ou mais sofisticado. Pensar o Hipercentro e seus lugares, a partir da comunicação nas ruas, nos permite vê-lo como algo que é formado por um sistema de encaixes complexos. Ao usar o espaço os indivíduos fazem escolhas, costuram fragmentos. Os lugares resultam de pequenos movimentos de produção de sentido coletivo. Não se pode falar em fronteiras definidas, nem em distinções muito claras entre as diversas áreas, mas ao longo do tempo a cidade vai-se

deixando marcar aqui e ali por estes movimentos, tornando disponíveis suas possibilidades de significação. Os lugares suscitam conexões múltiplas, como se fossem formados por um jogo de peças de encaixes, no qual os usuários jogam coletivamente com os sentidos que emanam desta mistura de espaços, objetos, edifícios e temporalidades.

Para poder analisar estas conexões, a partir da comunicação, pensou-se em trabalhar algumas propostas de categorias que pudessem relacionar as interações comunicativas com sua ocorrência no espaço. Elas teriam que comportar uma mobilidade e uma fluidez que são próprias do espaço urbano, sem contudo perder o vínculo fundamental com a questão espacial. Ao mesmo tempo elas devem remeter à questão da territorialidade, ou seja elas são uma tentativa de trabalhar a comunicação na cidade através sua expressão espaço-temporal. Todas estas categorias têm que ser relacionais, ou seja, só é possível enxergá-las através dos usos que se fazem do espaço e estão estritamente vinculadas à questão do ponto de vista. No entanto, em relação ao ponto de vista duas observações se fazem necessárias. O fato de estar ligada a um ponto de vista não quer dizer que se referem a algo que ocorre independente da materialidade dos objetos, edifícios e sujeitos e espaços da cidade. Tratam-se de categorias que nos permitem uma aproximação com as relações entre eles no cotidiano. A outra observação diz respeito ao fato de que este ponto de vista não é individual. Ele é relativo aos indivíduos que usam coletivamente o espaço urbano. Portanto é algo que se constrói no embate e no compartilhamento com os outros que usam o espaço na mesma condição de passantes ou transeuntes.

A idéia, portanto, é encarar estas categorias como propostas de leitura do espaço que levam em consideração o ponto de vista de quem usa o espaço e a relação comunicativa com este espaço. Estas propostas tentam relacionar espaço e comunicação e fazem usos de termos que já são usados em várias disciplinas que se debruçam sobre a questão do espaço. A idéia é fazer um uso interessado delas a partir de um viés comunicacional. As categorias que vamos usar para uma aproximação com o espaço do Hipercentro são a de paisagem comunicacional, ambiência comunicacional e situação comunicacional. O próximo capítulo será dedicado à sua descrição.

3 - A cidade em comunicação

Este capítulo foi elaborado a partir das questões sobre o espaço que a experiência das derivas feitas pelos pesquisadores do Projeto Cartografias do Sentidos propiciaram. Seu ponto de partida foram o material que resultou do embate com imagens, sons, cheiros, escritas e encontros que tomaram de assalto os sentidos dos pesquisadores-transeuntes, cuja tarefa era se deixar afetar pelo burburinho das ruas e registrar a experiência num caderno de campo e com a câmara fotográfica. Nesta tarefa, não se deixou a superfície, a aparência das coisas, não foi permitido entrar em nenhum recinto. Foi coletado o que se dava a ver ou sentir para todos os olhares e sentidos. Assim, podemos dizer que este, além de ser um relato das ruas, é superficial, ou seja trabalhou-se principalmente com um material que se oferecia aos sentidos dos pesquisadores do lado de fora das edificações.

Para operá-lo, foi eleito um aspecto, a comunicação, ou melhor dizendo, as possibilidades de comunicação que transformam as ruas do Hipercentro em lugares ou espaços possíveis de serem apropriados por seus usuários. O objetivo aqui é fazer uma discussão sobre a questão da comunicação no espaço a partir do ponto de vista do transeunte das ruas. Fotografias e cadernos de campo dos pesquisadores permitiram construir mapas dos sentidos dos diversos espaços do Hipercentro a partir das interações que eles registraram.

As idéias de paisagem, ambiência e situação comunicativa que serão descritas neste capítulo permitiram a analisar estas interações em relação ao espaço de sua ocorrência. Através desta proposta de leitura pode-se vislumbrar as possibilidades comunicativas de seus espaços públicos. As possibilidades que ela expressa não são necessariamente transformadoras. Elas são expressões da tensão entre os usos cotidianos e as regulações e constrangimentos que regem os espaços. Existem direcionamentos, conformações que são ditados por uma ordem espacial hegemônica (cidade capitalista pós-industrial). Na rua convivem as conformações ditadas por uma ordem mais distante que tendem a ser mais fixas com aquelas que resultam dos pequenos usos e gestos

cotidianos das milhares de pessoas que povoam os espaços comuns. Isto se expressa nas configurações que vamos analisar a partir das idéias de ambiências e paisagens comunicacionais.

3.1 - A comunicação das ruas

A rua é por excelência a grande expressão da vida urbana. Faz todo o sentido o desagrado expressado por João do Rio em relação aos dicionários que a definem como “um alinhamento de fachadas por onde se anda nos povoados”. Mais do que uma organização espacial de edifícios e objetos urbanos, dispostos de forma a permitir a passagem de veículos e pessoas, a rua é o lugar do encontro, de acolhida das mais diversas formas e expressões da vida social de uma cidade.

“Nela efetua-se o movimento o movimento, a mistura, sem os quais não há vida urbana, mas separação, segregação estipulada e imobilizada. Quando se suprimiu a rua (desde Le Corbusier, nos “novos conjuntos”), viu-se as consequências: a extinção da vida, a redução da “cidade” a dormitório, a aberrante funcionalização da existência. A rua contém as funções negligenciadas por Le Corbusier: a função informativa, a função simbólica, a função lúdica. Nela joga-se, nela aprende-se.” (Lefebvre: 2002,30)

A rua não só materializa e exhibe a vida urbana como abriga suas possibilidades. Numa cidade capitalista, onde o espaço é mercadoria, a rua conserva-se ainda como espaço a ser apropriado por pessoas e grupos, mesmo quando esta apropriação é feita a margem dos processos hegemônicos da sociedade. Neste sentido, a rua conserva e espelha um ideal de cidade no qual os homens são cidadãos e iguais uns perante os outros. Este ideal pode não se realizar nas cidades reais, palcos de segregação e discriminação, mas na rua ele “assombra” e constrange as tentativas contemporâneas de redução da rua a espaço da mercadoria e do automóvel.

A rua é o espaço comum, compartilhado, onde se aprende o sentido da urbanidade, como uma sociabilidade própria dos espaços urbanos. Há um modo próprio de andar, de se relacionar, de viver nas ruas de uma grande cidade. Se na grande metrópole atual, esta urbanidade é reprimida pela

redução e privatização dos espaços comuns, a rua não perde sua importância, pelo contrário, torna-se reduto da experiência ímpar de viver na cidade.

Mais do que em qualquer formação histórica, a cidade contemporânea vê-se obrigada a acolher a diferença. Os processos de migração e deslocamento se aceleraram e fizeram das grandes cidades o lugar de aglomeração de milhares de pessoas que passam a ser objeto de preocupação das políticas de gestão e planejamento. A cidade por princípio deve acolher a todos que habitam seu território. Se acolhe de forma desigual na maior parte de seu espaço, que é ocupado diferencialmente, a rua torna-se, por princípio, o lugar mais igualitário. O mais desamparado de seus habitantes tem a rua como morada. É lá que a urbanidade se exerce preferencialmente e onde o apendizado do convívio com a diversidade, pelo menos por princípio, deve acontecer. Nas palavras de João do Rio:

A rua nasce, como o homem, do soluço, do espasmo. Há suor humano na argamassa doseu calçamento. Cada casa que se ergue é feita do esforço exaustivo de muitos seres, e haveis de ter visto pedreiros e canteiros, ao erguer as pedras para as frontarias, cantarem, cobertos de suor, uma melopéia tão triste que pelo ar parece um arquejante soluço. A rua sente nos nervos essa miséria da criação, e por isso é a mais igualitária, a mais socialista, a mais niveladora das obras humanas. (João do Rio, 2008:2)

Em Belo Horizonte, o Hipercentro - e suas ruas em particular - é o lugar onde a diversidade está mais do que visível. Ela toma de assalto quem cruza o seu espaço, de maneira a não se deixar ignorar. Ela é visível na aglomeração constante de pessoas em movimento que povoam o local cotidianamente: cruzam seu espaço, frequentam-no ou moram lá. Ela pode ser comprovada também nas estatísticas. Apesar das controvérsias sobre o tamanho do fluxo diário de pessoas não dúvidas sobre o fato de que se misturam ali indivíduos provenientes de todos os cantos da cidade e dos mais variados extratos sociais.

A comunicação da rua do Hipercentro de Belo Horizonte é marcada pelo excesso. Andar pelas suas ruas significa imergir numa profusão de signos das mais variadas natureza. Placas, sinalização, cartazes, escritos, pichações solicitam o olhar o tempo todo. Trechos de músicas, de conversas, buzinas, freadas de automóveis constituem um ambiente sonoro do qual não se escapa

e que por vezes não permite distinguir nada em especial. A disposição dos edifícios, os cheiros, o colorido das roupas, tudo envolve, tudo chama, tudo satura. O espaço é tão recoberto de comunicação que quase não comunica nada. As retinas ficam saturadas, os ouvidos surdos, os encontros são evitados, os corpos e olhares se desviam. Tudo pode comunicar e no entanto tudo se esgota no excesso. As fachadas dos edifícios, as paredes, os muros estão tão carregados que um anúncio a mais, parece apenas poluir mais o ambiente.

Tudo gira em torno do consumo na cidade capitalista, são as vitrines, as placas dos estabelecimentos comerciais, os anúncios de produtos e serviços, as informações descartáveis. Na mistura da rua, as formas de comunicação precisam ser reinventadas o tempo todo para não aderirem ao cenário e se tornarem parte dele. A cidade tem este estranho poder de absorver a informação e transformá-la. Assim, os anúncios se tornam parte da fachada dos prédios e se fundem, ao fazê-lo seu significado transforma-se. A aderência ao muro, ao tapume, à parede mistura a mensagem à milhares de outras similares. Juntas elas colorem e sujam a cidade. A música, o anúncio sonoro vão compor com o barulho dos motores dos ônibus uma sonoridade constante, quase impossível de ser decomposta em fragmentos compreensíveis. Os apelos ao consumo incorporam-se às fachadas, misturam-se, passam a suscitar outras decodificações. Marcam a passagem do tempo, podem se tornar resíduos, podem servir de referência efêmera de localização, para depois se fundir, desaparecer em meio ao excesso. Este é um dos poderes da rua: ela expõe o anúncio, a placa, a imagem, mas também os faz desaparecer na profusão de signos que recobrem o seu espaço. Parece que o excesso esgota a potência da comunicação.

No entanto, em meio à saturação, é possível observar o tempo todo a performance da comunicação na rua. As pessoas conversam, cantarolam a música, lêem notícias, param nas vitrines, pegam o panfleto, se deixam encantar pelas quinquilharias multicoloridas espalhadas sobre as bancas do camelô. No meio do trajeto para o trabalho ao invés de cumprir a distância mais curta entre dois pontos, as pessoas se desviam, se demoram. A

comunicação como acontecimento da cidade acontece neste espaço do desvio e neste tempo não calculado.

Qual é a cidade que resulta destes desvios no tempo e no espaço? Apresentaremos a seguir as idéias de paisagem, ambiência e situação, bem como a leitura da comunicação no espaço do Centro de Belo Horizonte que elas possibilitaram.

3.2 - Paisagem, ambiência e situação

Paisagem comunicacional urbana será trabalhada aqui como um recorte no espaço da cidade que combina diversos elementos. A paisagem exige um ponto de vista que relaciona tudo que a compõe: os sujeitos que vivem ali, trabalham, freqüentam ou apenas passam, as fachadas dos edifícios, o comércio, a sinalização, os acontecimentos. Assim qualquer componente a ser trabalhado não pode ser tomado ou compreendido em separado, ele existe e funciona sempre em relação ao conjunto no qual está situado.

A idéia de paisagem urbana vem sendo largamente utilizada nas abordagens da geografia, da arquitetura, do planejamento das cidades, significando, sobretudo, o conjunto de elementos que constituem o espaço urbano. Entram nesta composição as ruas, edifícios, praças, mobiliário, os elementos naturais. O conceito tem funcionado sobretudo para se pensar os componentes da paisagem uns em relação aos outros. No debate contemporâneo sobre desenvolvimento sustentável, o termo aparece como propício para se pensar o equilíbrio entre paisagem natural e paisagem antrópica (Jabour & Santos 2005).

Documentos que tratam de diretrizes importantes para o futuro do planeta apontam para a questão da paisagem. A convenção Européia sobre Paisagem fruto de encontro dos membros do Conselho da Europa, realizado em Florença em 2000, define a preservação da paisagem em seus elementos humanos e

naturais propõe uma política da paisagem, definindo-a em seus componentes ambientais, sociais e culturais.²⁰

A idéia de paisagem urbana aproxima-se também da idéia de paisagem cultural conceito que é originário da Convenção da Unesco de 1972, segundo ALMEIDA, 2008. Para o autor a paisagem cultural tem como “característica fundamental a ocorrência em uma fração territorial, do convívio singular entre a Natureza, os espaços construídos e ocupados, os modos de produção e as atividades sociais e culturais. Para que a Paisagem Cultural se configure, esses fatores devem guardar uma relação complementar entre si, capaz de estabelecer uma identidade que não possa ser conferida por qualquer um deles isoladamente.”

A idéia de se pensar a paisagem por um viés comunicacional tem como objetivo analisar os aspectos relacionais que traduzem a experiência de sujeitos comuns em relação ao espaço. A paisagem comunicacional é vista aqui como resultante dos diversos significados circulantes nela e até fora dela. Nela se cruzam diversos processos que dizem respeito às regulações, aos acontecimentos, à memória, à história de um lugar. Assim uma paisagem do ponto de vista comunicacional é composta de edifícios, ruas, marcas e signos impressos neles e também pelo material simbólico que circula nela e sobre ela. Uma paisagem é composta pela experiência dos homens que a frequentam, que já frequentaram e daqueles que se relacionam com ela. Neste projeto, os usos cotidianos do espaço seriam a porta de entrada para o estudo da configuração do sentido de uma paisagem.

O sentido de paisagem não é dado simplesmente pelo que ocorre nela num momento, mas também pelo que está na memória dos homens sobre aquele lugar. O imaterial da paisagem se relaciona com o que acontece no espaço e acrescenta significados que não estão visíveis. Ela abriga várias ambiências, mas não é a sua somatória. Uma praça por exemplo, a Praça Sete no Hipercentro, é uma paisagem mesmo não tendo mais uma configuração física de praça. O seu sentido se constitui a partir do que acontece nas suas

²⁰ Convenção Européia da Paisagem. Consultada no sítio <http://www.gddc.pt/siii/docs/dec4-2005.pdf>, em 15 de fevereiro de 2008.

ambiências, atravessado pela memória de seus frequentadores e dos habitantes da cidade.

O sentido da paisagem é afetado não só pelo visual mas também pelos sons e cheiros. Mais ainda, na forma de seus edifícios, ruas, mobiliários, sinais ela expressa e atualiza as relações da sociedade na qual ela se situa espacial e temporalmente. A paisagem guarda em si uma potência de significação. Seus elementos e características se podem combinar a partir das relações que são estabelecidas nela e com ela. Uma paisagem não é um sistema fechado. Suas fronteiras não são definidas e ela frequentemente afeta o seu entorno e os próximos elementos costumam ser contaminados por ela. Pode-se pensar na paisagem como o registro mental que os homens fazem de um conjunto espacial ao usá-lo cotidianamente, conferindo-lhe uma unidade. Assim os diversos elementos que a compõem interrelacionam-se num processo de afetação mútua.

A ambiência pensada por um viés comunicacional engloba todos os estímulos que um determinado lugar da cidade oferece e recebe dos sujeitos que a frequentam. Ela se situa numa paisagem e, portanto, é marcada por este fator, ao mesmo tempo que pode influenciá-la. Em uma ambiência, o mobiliário urbano, os sons, as placas afetam os sujeitos que passam por ali, que podem ter consciência ou não desta afetação. Ao mesmo tempo as ambiências são suscetíveis às marcas intencionais ou não que os sujeitos imprimem nelas. A ambiência urbana cria uma atmosfera própria o que remete à etimologia da palavra – (*ambiance* em francês = atmosfera que envolve pessoa ou coisa)²¹. Na arquitetura a ambiência tem um sentido de intencionalidade, é um espaço criado para criar um meio físico e estético.

Na ambiência urbana, pensada a partir da comunicação, não existe uma intencionalidade, mas várias que se sobrepõem e que acabam resultando num processo complexo que é a produção de sentido sobre um espaço. Os usos cotidianos da calçada, da praça, dos objetos são múltiplos e são eles que criam

²¹ Segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.

a ambiência. Para esta produção de sentido podem contribuir também elementos acidentais que afetam a ambiência indiretamente.

As ambiências urbanas tendem à estabilidade, mas podem ser intermitentes. São compostos de seres animados e inanimados que comunicam o tempo todo. As ambiências são resultantes dos usos que se faz de um determinado espaço da cidade, nas diversas temporalidades. Elas tendem a conservar traços de memória do lugar, nas marcas da passagem do tempo nos objetos e nas falas das pessoas que a frequentam.

As ambiências têm uma dimensão acontecimental: o seu sentido resulta das interações entre homens e objetos que ela propicia. A ambiência está contida na paisagem e relaciona-se com ela. Uma banca de jornais situada na Praça Sete diferencia-se de outra que localiza-se perto da Rodoviária. No entanto, elas afetam o espaço em que estão situadas. Elas também se afetam mutuamente formando uma das várias redes locais que ligam as paisagens na cidade.

As ambiências abrigam as situações que são interações entre sujeitos, onde a comunicação acontece. As interações podem se dar em co-presença ou com marcas deixadas pelos sujeitos nos diferentes momentos. Cabe aqui um aproximação com a idéia situacionista, não no sentido de revolucionar o cotidiano, mas na idéia de explorar possibilidades dos lugares. Nas situações, nas interações comunicativas estão os germes das possibilidades. Nelas esboça-se a participação na construção de uma cidade comum ,através das possibilidades de troca, de convivência com os outros com quem se compartilha o tempo e o espaço. As situações são acontecimentos na paisagem.

Analisar os espaços a partir destas noções significa fazer uma leitura da cidade e das possibilidades comunicativas de seus espaços públicos. As possibilidades que ela expressa não são necessariamente transformadoras. Elas são expressão da tensão que constitui necessariamente o espaço urbano. Através delas podemos enxergar a multiplicidade de usos e funções a que se destinam os os lugares. As relações estabelecidas entre os sujeitos que usam

os lugares são ora mais tensas, ora mais harmoniosas; elas acabam por configurar os sentidos atribuídos aos lugares.

No próximo item faremos uma pequena leitura dos espaços do Hipercentro onde estão situadas as bancas que serão analisadas adiante.

3.3 - Algumas paisagens

O Hipercentro e suas configurações espaciais são reconhecíveis pela grande maioria da população da cidade. As relações que os seus diversos espaços suscitam são inúmeras e nenhuma classificação por mais completa que seja parece dar conta da variedade e multiplicidade que são as suas características mais marcantes. A proposta de se pensar uma aproximação através do ponto de vista de quem usa o suas ruas resulta em algumas possibilidades de conexões que são disponíveis e que constroem aquilo que chamamos de paisagens comunicacionais. Estas paisagens em geral são definidas em torno de atratores que, sem ter o poder de homeoginizar os espaços, exercem uma influência sobre o seu entorno, diminuem a fragmentação, cruzando os diversos significados que são produzidos no cotidiano dos lugares. Estes atratores podem ser equipamentos de uso coletivo, praças, parques, concentrações de comércio, áreas residenciais, que articulados com o que acontece nos espaços públicos ao seu redor, adquirem ao longo do tempo significações mais estáveis.

Os cadernos de campo e as fotografias foram os instrumentos que permitiram a análise do lugar através dos registros feitos pelos pesquisadores das formas de interação que acontecem nas ruas do Hipercentro. Ao realizar os registros os pesquisadores adotaram o ponto de vista de quem caminha pelas ruas cruzando o seu espaço de um ponto a outro. Estes registros foram analisados buscando-se os tipos de interação que eram captados pelo olhar do pesquisador e pela objetiva da câmara fotográfica.

Num primeiro olhar algumas áreas do Hipercentro podem ser tomadas como conjuntos, com uma legibilidade própria, que não são fruto da homegeneidade das suas funções espaciais, que em geral são variadíssimas, mas que

resultam da percepção e das trocas coletivas que se processam no seu espaço público. Num espaço como o Hipercentro, os lugares e suas possibilidades de significação são fruto da interação entre o espaço público e o privado.

A idéia de paisagem definidas do ponto de vista comunicacional foi construída a partir da análise dos cadernos de campo e das fotografias que foram duas das formas de registro feitos durante as derivas cartográficas. A partir dos relatos e das imagens destacamos as formas de interação que foram registradas nas diversas áreas do local. Desta análise foram surgindo alguns conjuntos de lugares, que guardavam conexões nas formas dos usos de seus espaços públicos e nas interações que aconteciam nas suas ruas.

O conjunto formado pela área dos mercados e a Praça Raul Soares seria um deles. Esta área possui equipamentos importantes como os mercados Central e Novo e o Minas Centro. Possui edifícios residenciais, áreas de comércio especializado. Seu espaço também possui uma área boêmia, que é simbolizada pelos bares e restaurantes da Praça Raul Soares, pela presença de saunas e boates e ainda pontos de prostituição em suas ruas. A Praça propriamente dita tenta se recuperar como espaço de convívio para a população ostentando novidades como uma fonte luminosa colorida e que toca música. A Raul Soares foi objeto de uma reforma, decidida pelo orçamento participativo da região, em que toda a população da cidade pode votar eletronicamente. A Praça não sofreu tantas transformações físicas, ao longo dos anos, mas seu espaço entrou em decadência, depois de ter se tornado uma ilha só acessada pelos muito corajosos. O local é cercado por um trânsito intenso e chegar seu ao miolo para passear ou descansar em seus bancos exige disposição e treino na travessia.

As avenidas Paraná e Olegário Maciel definiriam uma outra paisagem demarcada principalmente pelo comércio mais popular e pela forte presença de pontos de ônibus. A vitalidade desta área é impressionante: as avenidas e suas ruas transversais estão sempre apinhadas de gente. Uma parte significativa do seu comércio se abre para as ruas e interage abertamente com o que se passa nas calçadas. Os sentidos são solicitados o tempo: tudo é multicolorido, ruidoso e atordoante. Há presença de ambulantes, funcionários

do comércio e serviços não se limitam às edificações para interagir com os possíveis consumidores. As fronteiras se diluem e se misturam.

A área em torno do Parque Municipal, Palácio das Artes, Igreja da Boa Viagem se agrupam num outro conjunto bem diferente. As grades do parque separam quem entra no seu espaço de quem ficou na cidade. O Palácio das Artes situado no terreno do Parque tem suas portas abertas, mas o espaço interior não convida quem espera os coletivos nos pontos a entrar. As fronteiras ali são bem marcadas. As calçadas largas são movimentadas, mas seu ritmo é diferente do resto do Hipercentro. Do outro lado da avenida estão o Automóvel Clube, alguns prédios públicos e comerciais. De um lado está a saída para os hospitais de outro, as ruas Guajajaras, Timbiras, Alagoas, Sergipe encaminham-se para os Funcionários ou para a Praça da Liberdade, deixando o Hipercentro para trás. Povoam este espaço, prédios residenciais, escolas, serviços e um comércio menos ruidoso que atende frequentadores e moradores.

Atrás do Parque Municipal, passa a avenida dos Andradas, que termina atualmente no Boulevard Arrudas e o conjunto da Praça da Estação. Neste espaço estão localizados alguns equipamentos culturais importantes como o Museu de Artes e Ofícios, a Serraria Souza Pinto e a Casa do Conde. Misturam-se a eles e seus frequentadores, os usuários do trem metropolitano, dos coletivos do terminal da rua Aarão Reis e dos pontos de ônibus que se espalham pela região. A proximidade com a zona boêmia e o comércio mais popular que a cercam acentuam as características mais populares da área.

Como já dissemos estes conjuntos acabam sendo fruto mais da percepção que se constrói no uso dos lugares ao longo do tempo e menos do que das suas características homogêneas. Alguns deles guardam mais diferenças entre seus pedaços e lugares do que semelhanças. Têm também muitas semelhanças com os outros conjuntos, mas seguem sendo percebidos como áreas diferenciadas. Todos eles se intercomunicam e não há fronteiras estanques entre eles.

No entanto é importante marcar que esta diferenciação não é dada apenas pela contiguidade dos espaços. Para apresentar de forma um pouco mais

detalhada esta discussão, foram escolhidas 3 paisagens destes conjuntos que guardam proximidade geográfica e no entanto constituem paisagens que são percebidas e vividas de forma diferenciada pelos seus frequentadores. Nelas se situam as bancas de jornal e revistas em que entrevistamos leitores e trabalhadores. Estas áreas são Praça Sete e arredores, os arredores do terminal Rodoviária e a paisagem próxima ao cruzamento da Avenida Augusto de Lima com rua da Bahia, nas proximidades do Edifício Maletta, objetos do próximo item.

3. 3 - Três paisagens do Hipercentro

Os lugares do Hipercentro têm muitas características em comum. Pertencem a área central, uma das mais verticalizadas da cidade. Suas ruas são carregadas de trânsito de automóveis, pessoas e ônibus. São barulhentas, seu ar é poluído. Qualquer pessoa, porém, que frequente o local é capaz de distinguir espaços com características próprias, que vão se fixando como forma de conhecimento e reconhecimento dos lugares.

Escolhemos trabalhar três destes lugares a partir da idéia de paisagem comunicacional, ou seja, a partir das formas de interação comunicativa que acontecem no seu espaço. Com base no material coletado nas derivas cartográficas, selecionamos três espaços geograficamente próximos e que, no entanto, se configuram como paisagens distintas. Nestas paisagens estão situadas as bancas de jornal e revista, que serão abordadas no próximo capítulo, como ambiências comunicativas destas paisagens.

Uma primeira paisagem é a Praça Sete de Setembro, local de grande importância para os belorizontinos no passado e nos dias de hoje. A Praça é um local escolhido por pessoas e grupos para encontros e manifestações de todo tipo. A segunda paisagem a Praça Rio Branco e seus arredores é conhecida com Praça da Rodoviária. Seu espaço é uma espécie de porto para os viajantes que chegam na cidade. É um espaço em trânsito, usado principalmente por aqueles que não garantiram seu lugar ao sol na capital

mineira. Por fim, a última paisagem é uma parte do centro, considerada mais nobre, que fica nas fronteiras com os bairros de Lourdes e Funcionários. Abriga equipamentos culturais, edifícios residenciais de classe média, faculdades, bares, restaurantes, um comércio de melhor qualidade e diversos órgãos públicos.

O estudo destes espaços foi realizado através da análise de parte do material produzido nas derivas cartográficas nas duas fases, especificamente as anotações feitas nos diários de campo e as fotografias. Participaram cerca de 10 pesquisadores. Na primeira fase realizada em 2006, o material foi coletado em trajetos que percorriam todas as vias da região. Em cada saída os pesquisadores se dedicavam a uma das áreas marcadas no mapa da página 29. Foram 10 saídas, da qual participaram cerca de 10 pesquisadores, sendo que cinco produziram anotações. Uma pesquisadora fez a maioria das fotos desta fase. Na segunda fase, eles se dirigiram para as mesmas áreas e selecionaram um percurso que ia de um ponto de desembarque a outro. Nesta fase 5 pesquisadores fizeram anotações, um fotografou, dois captaram os sons e dois se encarregaram do registro videográfico. O objeto da observação eram os usos dos espaços públicos.

A análise foi feita a partir do registro dos usos feitos nos diários de campo e nas fotografias. O material foi examinado buscando-se nele os registros de formas de interação comunicativa que aconteciam nas ruas. Estas interações foram consideradas como processos múltiplos de territorialização e desterritorialização que vividos cotidianamente e coletivamente vão constituindo simbolicamente os lugares urbanos. Estes processos nos permitiram pensar para além da fragmentação dos espaços urbanos na idéia de paisagem comunicacional.

3.4.1 - A Praça no coração da cidade

Nascida Praça 12 de outubro, a Praça Sete de Setembro é o marco zero da cidade. Nos dias de hoje seu formato não lembra uma praça no sentido convencional. Apenas uma pequena ilha no seu centro abriga o famoso Pirulito, obelisco comemorativo do centenário da Independência do Brasil, no

cruzamento de duas das principais avenidas de Belo Horizonte, a Afonso Pena e a Amazonas. Desta confluência espalha-se para todas as direções o traçado geométrico das ruas do Hipercentro de BH. A Praça é o centro do centro da cidade.

A mancha urbana de grandes proporções que se tornou a cidade abriga e necessita de vários centros, mas a Praça se faz centro na memória e no cotidiano dos belo-orientinos. Sua centralidade não é apenas geográfica, a Praça pode ser tomada como exemplo de usos e apropriações que resistiram e se renovaram apesar da passagem do tempo e das inúmeras intervenções e à destruição quase completa da sua forma de praça. A Praça correspondia no projeto inicial da cidade a um centro radial no traçado da área urbana, cujo perímetro então era limitado pela avenida do Contorno.

Cercada por ficus, que antes sombreavam toda a avenida, a Praça já teve o abrigo dos bondes que dali partiam para o resto da cidade. As fotos da localidade guardadas pelos órgãos públicos²² da cidade atestam as inúmeras mudanças físicas pelas quais a Praça 7 passou nos seu primeiro século de existência. Num postal com o carimbo de 1933, o Pirulito se ergue no horizonte e divisamos o perfil da Serra do Curral, interrompido apenas pela arborização do conjunto. Na foto, as pessoas circulavam espalhadas pela totalidade do espaço sulcado pelos trilhos dos bondes. Os prédios foram surgindo: o Banco Mineiro da Produção, o cine-teatro Brasil, o abrigo dos bondes, o Banco Hipotecário, a papelaria Rex. Uma rótula por onde passavam todos os bonde da cidade é inaugurada em 1937 e torna a praça o “coração da cidade”.

Uma foto dos anos 70 mostra o cruzamento das avenidas, sem árvores, sem bondes, sem monumento, com uma pequena estrutura metálica no seu centro, ocupada por um guarda de trânsito. Numa certa época, o Pirulito foi removido para a Savassi e um outro monumento com as efígies dos construtores da cidade foi colocado no lugar.

²² As fotografias que examinamos integram as coleções do museu Abílio Barreto e Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte e Arquivo Público Mineiro. Também recorremos aos cartões postais da cidade reunidos e publicados pela Fundação João Pinheiro no livro “Bello Horizonte: bilhete postal Coleção Otávio Dias Filho”. Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos e Culturais da Fundação João Pinheiro, 1997.

Atualmente o que sobrou é apenas uma pequena ilha suficiente para abrigar o Pirulito, de volta ao seu local de origem, cercado de tráfego intenso por todos os lados. Em torno, se cruzam, além das grandes avenidas da cidade, as ruas Rio de Janeiro e dos Carijós. Estas últimas têm seus quarteirões mais próximos à Praça fechados ao trânsito de veículos e foram alvo de intervenção de alguns dos vários projetos de requalificação da área central da cidade que integram o Projeto Centro Vivo da Prefeitura de Belo Horizonte. Os prédios que compõem o conjunto são enormes e formam um muralha de concreto e vidro que quase impede a visão do horizonte. Por entre eles enxergamos pequenos pedaços da Serra do Curral. Permanecem como testemunhas de outros tempos o prédio do Banco Hipotecário, transformado em Psiu²³, o edifício art-deco do cine-teatro Brasil, sem uso definido, e o obelisco.

A Praça Sete como lugar e ponto de encontro na cidade permaneceu apesar de todas as mudanças operadas no seu espaço. Hoje por mais que se fale em decadência do Hipercentro é para lá que se dirigem as redes de televisão para escutar a palavra das ruas de BH. É lá que esta entidade o “povo da cidade” fala. Lá se conversa sobre política, religião e futebol, engraxa-se sapatos, assiste-se a uma pregação, a uma manifestação grevista, compra-se pilha a 1real, consegue-se um empréstimo, compra-se e lê um jornal sentado em uma estrutura de cimento. Joga-se damas, anda-se de skate. A Praça parece fervilhar todos os dias da semana e à noite o seu movimento é menor, mas segue madrugada a fora.

Em termos comunicacionais, a Praça Sete tem possui vários atratores que acabam por conformar em paisagem ou em um conjunto reconhecível os seus arredores. Mesmo tendo seus espaços desfigurados e reconfigurados ao longo dos anos a Praça conserva vitalidade e tem o poder de constituir uma área de influência. O que acontece na suas proximidades parece ser contaminado por ela e constituir-se em relação à ela. A área em seu em sua volta é uma das mais frequentadas em todo o Hipercentro, sendo que o cruzamento da avenidas Afonso Pena e Amazonas detém o recorde de movimento de

²³ Posto de Serviços Integrados Urbanos.

pedestres por hora em horário de pico: 10.000 no horário das 14:15 às 15:15, segundo a BHTrans.

As pessoas não se espalham mais pelo espaço como nas fotografias antigas, mas ocupam a Praça de maneiras diversas. Em qualquer momento do dia e parte da noite o movimento é grande. O local fervilha de pessoas, cores, sons e cheiros, reveladores de usos múltiplos. Os passantes aglomeram-se diante das faixas de pedestre esperando a sua vez de cruzar as avenidas movimentadas. Alguns mais ousados descem da calçada e disputam perigosamente o espaço com carros, ônibus e às vezes com os carrinhos dos catadores de papel.

As calçadas largas de pedras portuguesas estão sempre tomadas pelos que passam, pelos que ficam e por aqueles que passam, mas se demoram um pouco. Os sons de motores de carros, e ônibus, buzinas, freiadas compõem um ruído de fundo mais ou menos constante. Dele se destacam vários sons que fazem parte da rotina da Praça: a voz estridente da vendedora de megasena, o bordão que anuncia que giz chinês mata formiga e mata barata.

Não é incomum um som amplificado de voz humana se sobressair do burburinho: as manifestações de trabalhadores, de políticos e pregações de religiosos são comuns. O som por vezes chega embaralhado aos ouvidos de quem passa. Em geral, se forma uma parede humana em torno de quem fala, então é preciso parar e apurar a audição, um esforço para extrair inteligibilidade, os outros sons são transformados em ruído e a fala com entonação mecânica sobe. Se o gesto não é suficiente para compreender o que acontece, é preciso achar espaço entre os corpos que se aglomeram e dar uma espiada. A visão complementa o esforço auditivo e os sons são classificados: é um pregador religioso, é um vendendor...

Nos quarteirões fechados, o mobiliário urbano é intensamente usado. Seus equipamentos e calçadas criam ambiências que propiciam as situações de comunicação. Um contingente sempre renovado de pessoas assenta-se nos bancos e arquibancadas. Elas lêem e comentam jornais e revistas próximos às bancas que são muitas. A praça convida ao encontro com o anônimo. É só se sentar sem nenhuma ocupação aparente que a conversa surge. Parece que um diálogo permanente da cidade paira no ar. No fim de tarde, a Internacional

Socialista pode surgir em meio aos ruídos do trânsito. Imediatamente é montado um tribunal popular para “julgar” o direito de greve. A Praça é o lugar para se discutir os assuntos que segundo o ditado mineiro não se discute: política, religião e futebol. Atestam isto as pequenas rodas de senhores aposentados que se formam diariamente. É o encontro da cidade.

Tudo aqui parece contribuir para a formação de situações comunicativas. Os pontos de motoristas de taxi próximo propiciam uma conversa rápida entre uma corrida e outra. As cadeiras de engraxates, anacrônicas, servem para atualização da conversa do dia. Elas aglomeram-se principalmente nas proximidades do Café Nice, outro sobrevivente, que assistiu à transformação do seu vizinho, o Café Pérola, em um loja da cadeia McDonalds. Que por sua vez, vê acontecer em suas portas encontros dos surdos-mudos, animando os fins de tarde da metrópole. Na porta da galeria do rock, jovens têm seu ponto de encontro. Perto dali, na calçada em frente ao prédio dos correios na Espírito Santo, os praticantes de futebol de várzea se encontram todas as segundas-feiras para marcar os jogos do fim-de-semana seguinte. Ali montam-se os times, aluga-se o campo, escolhem o adversário e comentam os resultados do fim-de-semana que acabou de passar.

A Praça condensa um tipo de comunicação que parece acontecer em outros espaços públicos na cidade, mas que no seu espaço e seus arredores acontece com mais intensidade. São manifestações da comunicação urbana, da conversa das ruas que são atraídas pelo espaço da Praça, que tem o poder de fazer acontecer estes encontros.

Na paisagem da Praça Sete de Setembro as formas de viver o tempo e o espaço da cidade se misturam. As possibilidades estão ali. Num mesmo espaço, tempos históricos diferentes estão marcados, tornando possível o exercício de se viver as tensões e as possibilidades do urbano. Temporalidades diversas em seus edifícios e também nas presenças dos sujeitos de idades variadas idades, e inserções na vida da cidade. É um tipo de comunicação que um espaço complexo como o da Praça possibilita.

O tipo de encontro diferencia-se das relações de vizinhança e parentesco por uma certa liberdade e um certo anonimato que ele comporta. Ao mesmo

tempo, o excesso de regulações e codificações próprias deste tipo de espaço público tensionam as relações que se acontecem ali. As possibilidades de apropriação são sempre confrontadas com as regulações e com a presença de outros que disputam o mesmo espaço.

Duas situações podem ilustrar como a disputa pode ser intensa. Em uma das derivas nas proximidades, uma pesquisadora narrou ter passado por um corredor polonês de ofertas, tamanha era a energia com que vários distribuidores de panfletos disputavam a sua atenção. A outra situação, bem mais séria, aconteceu, alguns meses atrás quando policiais que trabalhavam como vigias de hotéis próximos ao quarteirão fechado da Rio de Janeiro entraram em conflito com skatistas que usam o local como pista à noite. Os policiais foram filmados ameaçando os rapazes e o caso foi parar nos jornais.

Estes encontros no espaço público proporcionam o início das possibilidades de participação das pessoas na vida urbana. Abrem para o exercício da convivência com o outro, o diferente e a vivência das inúmeras tensões que a cidade contemporânea comporta.

Fotos Praça Sete de Setembro – 2006 – Projeto Cartografia dos Sentidos



Ambulante conserta sombrinha à porta do antigo Cine Brasil



Passante lê notificação nas paredes do antigo Cine Brasil



Vistas parciais: Praça Sete com antigo Cine Brasil e o antigo Banco da Lavoura



Homem prega com microfone para pessoas em quarteirão fechado da Praça



Pessoas descansam nas “arquibancadas” de quarteirão fechado da Praça Sete



Pessoas conversam na porta de lanchonete na Praça Sete



Vista com arquibancadas no quarteirão fechado na Rua Rio de Janeiro



Homens conversam na calçada com grafite ao fundo.



Jovem lê jornal em horário de grande movimento no local



Foto da Praça Sete nos anos 60 – Arquivo Público da cidade de Belo Horizonte

3.4.2 - O Porto da cidade

Seguindo a Avenida Afonso até o seu início vamos de encontro à outra paisagem de importância fundamental para o Hipercentro de Belo Horizonte. Ela é constituída a partir do Terminal Rodoviário e da Praça Rio Branco. Este é o grande porto de chegada em Belo Horizonte. É por ele que desembarcam na cidade aqueles que vêm em busca das promessas da cidade: melhores condições de vida, trabalho, educação e saúde.

A Rodoviária está no lugar da Feira de Amostras construída em 1934, que por sua vez substituiu o antigo mercado da cidade, que estava lá desde os primeiros anos do século XX. A primeira Estação Rodoviária conviveu um tempo com a Feira de Amostras, ela foi construída atrás da Feira, de frente para a avenida do Contorno em 1941. Em 1965, a Feira foi demolida para a ampliação do Terminal e uma estação provisória foi construída nas proximidades. Em 1971, foi inaugurado o Terminal Rodoviário Governador Israel Pinheiro que permanece lá até hoje. Apesar da diversificação do lugar, que marca o cruzamento de várias vias importantes como a Afonso Pena, Santos Dumont, Paraná, Caetés, o Terminal aparece como o grande atrator, é o seu movimento que define os arredores. É a partir dele que se reconhece o lugar. A Praça Rio Branco é conhecida como a Praça da Rodoviária.

Em torno da Praça estão o prédio da Região Integrada de Segurança Pública (RISP), que antigamente era a Secretaria de Estado da Agricultura e vários edifícios comerciais. Uma grande número de pontos de ônibus lota as avenidas. O movimento de pessoas esperando condução e carregando malas é imenso. Nas proximidades, ao lado e atrás do Terminal erguem-se viadutos que escoam uma parte significativa do tráfego do Hipercentro. Nesses arredores situa-se um comércio mais popular e a chamada zona boêmia de Belo Horizonte.

O lugar marca através de fronteiras invisíveis o início de algo que poderia ser definido como uma outra cidade. O Terminal e a Praça são a porta de entrada para uma cidade à margem dos processos hegemônicos. Para ali convergem os sujeitos que integram um contingente que está em toda a cidade: aqueles que ganham a vida nas fronteiras porosas entre o trabalho formal e o informal,

entre o lícito e o ilícito. Compõem o que Vera Telles chamou de bazar metropolitano, referindo-se à expressão cunhada por Ruggiero e South:

“esse embaralhamento do legal e do ilegal, esse permanente deslocamento de suas fronteiras sob a lógica de uma forma de mobilidade urbana, “mobilidades laterais”, de trabalhadores que transitam entre o legal, o informal e o ilícito, sem que por isso cheguem a se engajar em “carreiras delinqüentes”.”(TELLES: 2007, 6)

A paisagem é pouco convidativa para a permanência . Não foi desenhada para dar conforto ou estimular a estada e as situações de comunicação. Mas a população que frequenta o lugar se deixa ficar nos poucos bancos, na mureta que cerca os canteiros da praça, nas calçadas estragadas, embaixo dos viadutos transformando-os em ambiências comunicacionais. Misturam-se viajantes, usuários dos sistemas de transporte, perueiros, ambulantes, catadores de papel, trabalhadores da limpeza urbana, jornaleiros, prostitutas, aliciadores, moradores de rua, casais namorando, atores, músicos malabaristas, policiais. A comunicação parece refletir a tensão que existe nestas bordas da vida urbana. Ela oscila entre dois movimentos, o tornar visível, anunciar o produto, o serviço informal ou ilegal e a atitude de esconder e até mostrar hostilidade. Os cadernos de notas e as câmaras fotográficas dos pesquisadores foram alvo de desconfiança.

Nesta área deparou-se com uma característica que se repete em outras áreas do Hipercentro: intensa comunicação entre o lado de dentro e o de fora dos comércios estabelecidos em lojas, bares, restaurantes e lanchonetes.

Acima dos sons dos motores dos ônibus que trafegam sem parar, elevam-se os pregões do transporte clandestino da capital:

“Sete Lagoas! Sete Lagoas! Paraopeba! Curvelo!”

Há alguns anos atrás Belo Horizonte se viu conflagrada por uma batalha entre a administração da cidade e os perueiros que ofertavam clandestinamente transporte clandestino à população, aproveitando-se das falhas do sistema da capital. Após um longo período de conflitos abertos e negociações, criaram-se linhas de transporte alternativas que absorveram parte dos perueiros. Aqueles

que ficaram de fora aproveitam-se das falhas da fiscalização e oferecem abertamente seus serviços.

A Praça abriga também uma reunião de velhinhos sentados nas muretas. Um deles brinca com a fotógrafa que pede um foto: “Só se não for para o Museu!” Durante as derivas no local, mais de uma vez, a câmara fotográfica foi solicitada e as pessoas fizeram pose para ela. Ao mesmo tempo em algumas situações pessoas se esquivaram ou mostraram abertamente seu desagrado com a presença da fotógrafa.

O local também é palco de artistas populares. Uma das performances que capturou a atenção dos pesquisadores foi a do “homem da cobra”. Trata-se de artista, com sotaque do norte do estado, que apresenta truques com uma cobra de brinquedo como se fosse um animal de verdade. Usando um microfone e um sistema de som precário, ele interage com a sua audiência. Sua performance consiste em conversar com as pessoas demonstrando sua habilidade com o pretense réptil. O ápice da apresentação acontece quando a cobra engole um sapo de brinquedo, que é tratado como animal de verdade.

O fato assinalado pelos pesquisadores foi a simplicidade e a precariedade do sistema de som caseiro, que no entanto, consegue capturar a atenção da platéia, mesmo disputando o espaço sonoro aberto da Praça com o som intenso do trânsito que circula em volta. O registro em áudio de uma de suas apresentações demonstra que o homem da cobra é acompanhado por uma platéia silenciosa e atenta ao que ele diz e faz. Ao conseguir chamar a atenção dos passantes, o precário e improvisado do seu aparato sonoro contribuem para potencializar sua comunicação com o público.

Andar pelas ruas da região faz constatar o abandono de prédios e equipamentos na região. Mas lado a lado com o ar de decadência convive uma grande vitalidade. O comércio se utiliza do espaço de fora, é a música que invade as calçadas, são os funcionários que buscam os consumidores. Objetos são colocados no caminho dos passantes: desde animais empalhados até mesas na calçada. Os cheiros são notáveis: a tabacaria, o frigorífico, a fritura de pastel. A variedade do que se comercializa por ali é grande: chás, pimenta, fumo, conserto de fogões, casa de velas; isto alternado com igrejas

evangélicas e loterias. Nesta região localiza-se também alguns dos shoppings populares, criados pela administração da cidade para retirar os camelôs das ruas.

A paisagem configurada em torno da Rodoviária mostra sinais de decadência, de abandono e paradoxalmente de vitalidade. Lá se acentua a tensão entre o formal e o informal, o legal e o ilegal. A convivência com a vigilância constante representada pelo prédio do RISP e pelo policiamento ostensivo não parece inibir a presença e em alguns casos o anúncio claro de atividades ilegais. A impressão que se tem é que o lugar é configurado como espaço de fronteiras, que constitui necessariamente a convivência na cidade.

A cidade que promete e não cumpre suas promessas oferece em troca um espaço no qual estes sujeitos possam “se virar”. É nesse espaço, como diz Vera Telles (2007), que a exceção do subdesenvolvimento transformada em regra, evidencia as incompletudes da modernidade. Esta exceção, segundo a autora, projetou-se “ na ponta de um capitalismo que mobiliza e reproduz o trabalho sem forma ao mesmo tempo em que fez generalizar os circuitos ilegais de uma economia globalizada nas sendas abertas pela liberalização financeira, a abertura dos mercados e encolhimento dos controles estatais.”

Fotos Praça Rio Branco – 2006 – Projeto Cartografia dos Sentidos



Foto 1



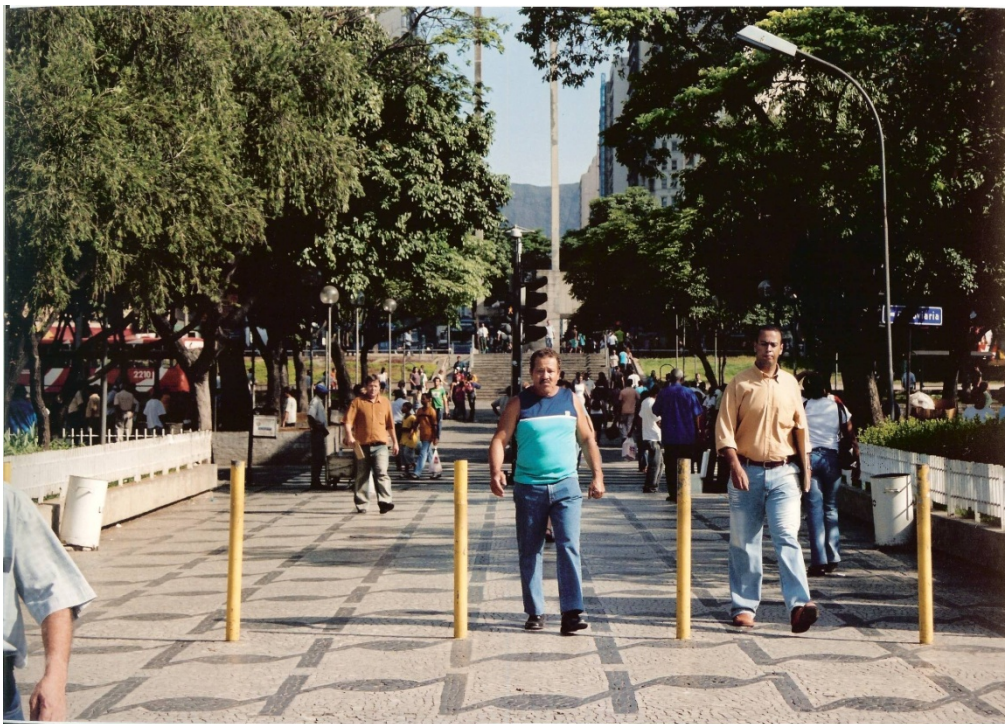
Foto 2

Foto 1 - Vista da Praça Rio Branco a partir do terminal Rodoviário

Foto 2 – Fotógrafo lambe-lambe e transeunte posam para fotógrafa



Funcionário da Prefeitura trabalha na limpeza da Praça Rio Branco



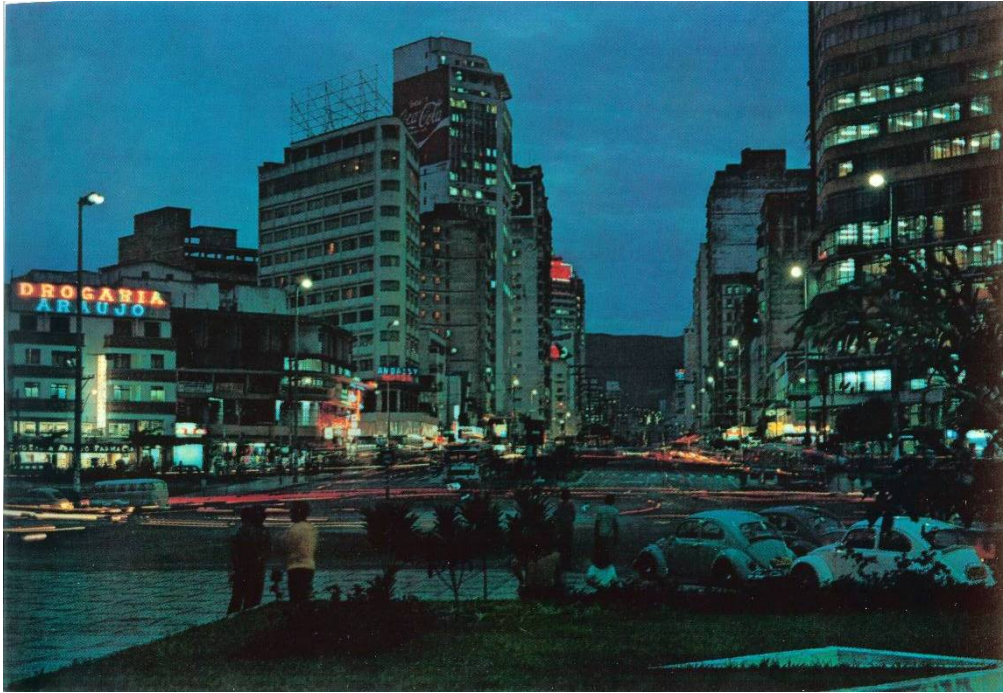
Movimento de transeuntes na Praça Rio Branco



Foto da Praça com vendedores ambulantes



Pessoas descansam nos canteiros da Praça Rio Branco



Vista Noturna do movimento em torno da Praça Rio Branco



Homem na Praça Rio Branco esconde o rosto



Foto da Praça Sete nos anos 60 – Arquivo Público da cidade de Belo Horizonte

34.3 - O Centro “nobre”

Considerando a Praça Sete como ponto de partida, a terceira paisagem se opõe geograficamente ao conjunto do Terminal Rodoviário. Ela se conforma nas imediações da rua da Bahia, acima da Avenida Afonso Pena e se trata de uma área do Hipercentro que se pode considerar “nobre”. Existe uma concentração maior de prédios residenciais de classe média, faculdades e cartórios. O comércio, tanto as lojas quanto os bares e restaurantes, é voltado para um público de maior poder aquisitivo. Nas proximidades, está o Shopping Cidade, empreendimento voltado para o consumo da classe média.

Neste conjunto, a diversidade nos usos da rua é grande, como foi constatado nas outras regiões do Hipercentro. Porém algumas diferenças foram anotadas nas derivas. O comércio, diferente do que acontece em outras regiões, não sai tanto do espaço das lojas para a interação com o consumidor que está nas ruas. As exceções são os bares e lanchonetes que têm mesas na calçada e que têm uma importância grande na configuração da paisagem neste lugar.

Neste conjunto é difícil falar em um atrator que polarize o lugar em termos comunicacionais. No entanto algumas edificações, os traços de outras, e a proximidade com algumas regiões da cidade parecem marcar o lugar. A presença de faculdades na região, em particular a Faculdade de Direito da UFMG, uma das primeiras da cidade, parece ser decisiva para algumas presenças no local. Pode-se citar o comércio com mais livrarias, papelarias, copiadoras e também a presença de cartórios.

Uma outra presença que aparece como importante para a configuração do lugar é a do Edifício Maletta. Construído no início da década de 1960 no lugar do Grande Hotel, o prédio, misto de salas comerciais e apartamentos residenciais, marcou de forma importante a história da cidade. Sua escada rolante foi a primeira da cidade e sua história se confunde com um outro tipo de zona boêmia da cidade, formada por intelectuais, artistas, jovens universitários. O edifício carregou durante anos a fama de ter inferninhos e da liberalidade dos jovens que moravam em seus apartamentos e frequentavam seus bares. Atualmente, uma certa nostalgia cerca o edifício, cuja movimentação continua intensa. Além dos bares, o Maletta tem atualmente um concentração de sebos

e livrarias, sem igual na cidade. Sua comunicação com a rua é intensa pois o edifício tem uma galeria de passagem entre a rua da Bahia e a Avenida Augusto de Lima.

Os bares e restaurantes das proximidades participam desta zona boêmia mais intelectualizada e rebelde ocupando calçadas e movimentando as ruas sobretudo no horário noturno. Junto com as três praças da região, os pontos de ônibus e as bancas de jornal, estes bares compõem as ambiências comunicacionais visíveis nas ruas do local. As Praças do local são a Levi Coelho da Rocha, Afonso Arinos e Alberto Deodato. A Afonso Arinos próxima à Escola de Direito é referência para a população como ponto de partida de manifestações políticas.

Um fator a ser notado é que esta paisagem mostra pequenos sinais de algumas ausências importantes. Uma delas é a do Cine Metrópole, antigo Teatro Municipal da cidade que foi derrubado na década de 80. O ponto do ônibus se chama Cine Metrópole e próximo está a Gruta e Café Metrópole. A outra é da redação do Jornal Estado de Minas, durante anos o maior jornal do estado, que funcionava na Rua Goiás próximo à Praça Alberto Deodato e se mudou para o bairro Funcionários.

Outro fator notável para quem caminha por suas ruas é que esta é uma região cujos equipamentos mereceram mais atenção da gestão da cidade. Isto parece corresponder ao padrão de moradia e comércio que a paisagem abriga. Pode-se acrescentar a isto a presença ou proximidade de serviços públicos como a Receita Federal, Correio Central, Prefeitura e Tribunais. Ainda devem ser citados alguns equipamentos culturais como o Centro de Cultura de Belo Horizonte, os teatros da Cidade e da Praça, além da proximidade com o Palácio das Artes, Parque Municipal, Teatro Francisco Nunes e o Conservatório da UFMG.

Nas ruas e nos pontos de ônibus foi observado que os transeuntes estavam mais bem vestidos do que podia se observar em outros locais sendo que e vários deles usavam trajes mais formais. No entanto, como em outros lugares do Hipercentro, a diversidade é grande. Ocupam o espaço das ruas e das 3 praças do local pessoas de todos os tipos, idades e classes sociais.

Esta primeira leitura das paisagens escolhidas nos mostrou que o Hipercentro se constitui em termos comunicacionais de formas diversas. Alguns lugares são percebidos e vividos de formas diferentes e isto aparece nas configurações que a comunicação assume no seu espaço. Ao mesmo tempo mostrou também que algumas ambiências e situações comunicativas acontecem de forma similar em todos os seus lugares. Esta é, como se disse anteriormente, é uma leitura da superfície dos lugares constituída a partir do material coletado ao longo das derivas cartográficas. Seu objetivo foi construir uma primeira aproximação da comunicação nas paisagens onde estão situadas as bancas de jornal e revista, as ambiências comunicacionais que estudamos.

Fotos Centro “nobre” – 2006 – Projeto Cartografia dos Sentidos



Homem lê jornal e pessoas conversam na Praça Afonso Arinos



Ponto de ônibus em frente à Faculdade de Direito da UFMG



Ambulante lê jornal na Praça Afonso Arinos



Rapaz abraça estátua de escritor mineiro na Praça Alberto Deodato



Orelhão na Praça Alberto Deodato

Capítulo 4 – Ambiências e situações

Neste capítulo abordaremos as bancas objetos capazes de criar ambiências comunicacionais em torno de si e que estão situados em uma paisagem específica do Centro de Belo Horizonte. O propósito é analisar as situações comunicativas que acontecem em torno delas. A discussão será realizada sempre relacionando a ambiência e as situações com a paisagem na qual estão situadas.

Na primeira fase da pesquisa os dados foram coletados em movimento, ou seja, a partir da experiência de quem caminha. A partir da leitura do material coletado nas derivas, os lugares do Hipercentro foram abordados tendo como referência a noção de paisagem comunicacional. Três destas paisagens – A Praça Sete, a as proximidades da Rodoviária e os arredores do cruzamento de Bahia com Augusto de Lima – foram selecionadas para o prosseguimento do estudo.

Este primeiro contato, forneceu pistas importantes pois permitiu ver que apesar do Hipercentro ser um espaço de mobilidade, as pessoas não cruzam automaticamente suas ruas. Não mergulham num fluxo contínuo. Elas param olham vitrines, esperam o ônibus, param para ler as notícias na banca de jornal. Assim se formam as ambiências comunicacionais urbanas, através das quais os sujeitos deixam suas marcas ainda que efêmeras no espaço da cidade. O gesto é individual, mas ao ser realizado coletivamente, num espaço público abre a possibilidade para uma outra relação com a cidade. Ele é aparentemente sem importância e no entanto vital para a construção dos sentidos de um lugar.

Para estudar o funcionamento das ambiências, o procedimento foi parar e observar as bancas de jornal e revista do Hipercentro, seu funcionamento e forma de organização. O objetivo foi descrever a banca em termos de: ambiente físico, materiais comunicativos disponíveis, formas de exposição dos produtos, quem frequenta, que tipo de conversação acontece ali.

Dentro de cada uma das paisagens escolhidas, foram selecionadas duas bancas para observação, entrevistas com o jornalista e com os/as pessoas que paravam na banca para ler algum material. As entrevistas foram realizadas da seguinte forma:

Paisagem 1 – Praça Sete de Setembro e arredores (A Praça)

- Banca Glória (especializada em quadrinhos) e Banca Amazonas

Paisagem 2 – Praça Rio Branco e arredores(O Porto)

- Banca da Rua Caetés e Banca Tupinambás (material erótico é o carro-chefe de ambas)

Paisagem 3 – O Centro Nobre

- Banca próxima ao Edifício Maletta e Banca da Rua Goiás (Especializada em concursos e games)

Uma entrevista anterior feita com o Vice-Presidente do Sindicato da Categoria, o sr. Eustáquio Gonçalves da Silva, foi fundamental para entendermos algumas questões relacionadas à atividade da banca, à sua presença na rua e relações espaciais. Também foi consultado o Código de Posturas do Município, Lei Municipal no. 8616, que regula a atividade em banca nas ruas de Belo Horizonte.

Todo o material foi analisado a partir das questões que já enumeramos anteriormente sobre a complexidade das relações espaço-temporais no urbano. O objetivo é perceber como se conforma aquilo que estamos chamando uma comunicação urbana e como este processo participa ativamente da apropriação e construção de sentidos sobre um lugar.

A banca ao se situar num determinado lugar e tempo estabelece relações de natureza comunicativa com seu ambiente, expressas na sua conformação física, no tipo de material que oferece e expõe com destaque, na forma como acolhe e trata seus fregueses. Ela abriga também o que estamos chamando de situações comunicativas.

As situações comunicativas são interações entre sujeitos, nas quais a comunicação acontece. Como já definimos anteriormente, estas interações não exigem a presença física dos interlocutores. Um sujeito lendo as manchetes na banca de revista é uma situação de comunicação tanto quanto a conversa com outro leitor ou com o jornaleiro. A escolha do termo situação comunicativa decorre de duas razões fundamentais para este trabalho. A primeira diz respeito à inspiração na Internacional Situacionista e ao uso que faziam do termo situação. A situação está sempre ligada à questão da participação e da mudança, mesmo que no material examinado esta participação e transformação sejam incipientes.

A segunda diz respeito à importância que se dá aqui ao tempo e ao espaço de ocorrência do ato de comunicação. O que se buscou colocar em relevo foi o fato de uma interação comunicativa acontecer nas ruas de uma cidade contemporânea, ou seja, o fato de que interações comunicativas são situadas no tempo e no espaço de seu acontecimento. O espaço e o tempo estimulam, constroem e marcam as ações que se dão nela. Assim como as ambiências, as situações comunicativas serão trabalhadas à luz das relações espaço-temporais na cidade contemporânea.

4.1 As bancas em Belo Horizonte

As bancas de jornal e revista espalhadas pelas calçadas compõem o cenário urbano de Belo Horizonte há muitas décadas. Os primórdios da atividade na cidade estão nos anos 1920, década que segundo os estudiosos é marco do surgimento da imprensa moderna na capital, com a criação de alguns jornais que inauguram uma nova forma de jornalismo e de relação com a vida da cidade. (CASTRO in:LINHARES,1995).

Nesta época, narra Nelson Teixeira, no informativo do sindicato da categoria,²⁴ os jornaleiros andavam pela cidade levando os jornais num carrinho de mão. Paravam em algum lugar mais movimentado e tentavam atrair os fregueses. As primeiras bancas, propriamente ditas surgiram na década de 40. De acordo com a mesma publicação, elas eram feitas de madeira e eram bem mais precárias. Hoje elas são mais de mil bancas feitas de estruturas metálicas, atulhadas de publicações e espalhadas pelas calçadas da cidade.

Em Belo Horizonte, elas são, junto com as bancas de flores, as atividades comerciais fixas permitidas nos logradouros públicos e reguladas pelo Código de Posturas do Município²⁵. Segundo este Código, são considerados logradouros públicos o conjunto formado pelo passeio e pela via pública, no caso da avenida, rua e alameda; a passagem de uso exclusivo de pedestre e, excepcionalmente, de ciclista; a praça; o quarteirão fechado. A colocação da banca depende de licença do Executivo Municipal e o que pode ser vendido nela, sua forma e instalação são reguladas por esta mesma lei.

A banca pode vender jornal e revista; flâmula, álbum de figurinha, emblema e adesivo; cartão postal e comemorativo; mapa e livro; cartão telefônico e recarga de cartão magnético do sistema de transporte coletivo; talão de estacionamento; selo postal; periódico de qualquer natureza, inclusive audiovisual integrante do mesmo; ingresso para espetáculo público; impresso

²⁴ O Jornaleiro. Órgão Informativo dos Vendedores de Jornais e Revistas de MG. Ano IX, no. XXVIII, jun/jul, 2006. p.9

²⁵ Lei Nº 8.616, de 14 de julho 2003.

de utilidade pública; artigo para fumante, pilha, barbeador, preservativo; fita de áudio, CD encartado em publicação e filme fotográfico. Também pode comercializar *bombonière*; brindes diversos; serviço de revelação de filmes fotográficos; cópias de chaves; brinquedos; artesanatos; água mineral em embalagem descartável, sorvete e picolé embalados. É facultado à banca de jornais e revistas fazer a distribuição de encarte, folheto e similar de cunho promocional.

O seu principal artigo, as publicações, são vendidas sob consignação em sua grande maioria. Segundo os jornaleiros ouvidos, são duas grandes distribuidoras que dominam o mercado nacional e local. Elas disponibilizam o material segundo a quantidade vendida no período anterior. Se determinada publicação vendeu pouco num período, o jornaleiro receberá um número menor de exemplares da próxima edição. Cabe ao jornaleiro trabalhar para que as vendas se efetuem e que a banca possa se manter com uma boa variedade de material.

É comum também as bancas servirem como ponto de troca de publicações usadas ou venda de exemplares esgotados. Várias bancas no Hipercentro funcionam com este tipo de material, junto com a venda de publicações atuais. No caso da troca, ela funciona como um estoque de livros ou revistas usadas que o freguês pode trocar por uma ou mais que ele possua. Na maioria das vezes nas bancas observadas, o material disponível para troca é constituído de publicações baratas de romances água com açúcar com nomes femininos (Júlia, Sabrina); de novelas policiais e de faroeste.

Quanto à venda de exemplares antigos, a maioria na área observada é formada por revistas de cunho erótico, com fotos de pessoas famosas, mulheres, atrizes, cantoras, modelos. Uma das bancas observadas na região, dedica-se quase que exclusivamente a este tipo de comércio. Fala-se que seus exemplares antigos podem alcançar mais de 10 vezes o preço de capa, dependendo da celebridade da capa, mas o jornaleiro não confirma. Esta banca oferece apenas um título de revista atual e dois de jornais populares. No resto, o movimento da banca se mantém apenas com os exemplares antigos e a troca de usados.

O formato da banca deve obedecer aos modelos padronizados propostos pela gestão do Município, sendo que qualquer alteração sem a devida licença do Poder Executivo pode resultar em penalidades para o jornaleiro. As bancas do Hipercentro na sua maioria seguem o modelo mais comum. São de metal, pintadas de verde, e têm a forma de um paralelepípedo, com os cantos e coberturas arredondadas, “para combinar com as formas arquitetônicas de Belo Horizonte”. Em geral têm portas de duas folhas abertas que ficam abertas quando a banca está em funcionamento e que podem ser usadas como suporte de publicações. O interior é tomado por prateleiras, nas quais ficam expostos jornais, revistas, CDs, DVDs, livros.

Há, em geral, na parte frontal um balcão que divide a banca do exterior, criando um espaço de dentro, ocupado pelo jornaleiro. Em várias bancas, este balcão ocupa apenas uma parte do espaço frontal, criando uma área no interior da banca onde os fregueses podem entrar e manusear as publicações. Em outras, este balcão fecha a entrada da banca e o consumidor deve perguntar ao jornaleiro por algum material de seu interesse. No balcão, costumam ficar também os itens de tabacaria e *bomboniére* que a banca comercializa.

Todas as partes externas das bancas são intensamente aproveitadas com os usos mais variados. Apenas a parte superior da cobertura parece ter uma única utilidade, que é a de cobrir a banca. A parte de trás da maioria das bancas serve de espaço publicitário voltado para a rua. São anúncios grandes, que ocupam toda parte traseira da banca e dirigidos a quem trafega pelas ruas em carros ou ônibus ou mesmo para os pedestres do outro lado da rua.

As laterais podem ser usadas como uma espécie de vitrine na qual o jornaleiro expõe exemplares das publicações disponíveis na banca. Servem como suporte para a venda de outros produtos, o que muitas vezes é considerado pela fiscalização como um problema.²⁶ O espaço lateral também é usado para publicidade da própria banca e de outros anunciantes. Em uma situação

²⁶ Na banca deve trabalhar apenas o jornaleiro que obteve a licença ou empregado seu. O comércio de produtos como bonés, capas de celulares do lado de fora da banca pode levantar a suspeita de que o jornaleiro estaria “sublocando” o seu espaço para outro comerciante.

inusitada, em uma banca do Hipercentro, o dono da banca usou a lateral como suporte de um monitor no qual se podia jogar *vídeo games* em plena calçada.

A parte frontal da banca, além de ser usada para o contato do consumidor com o jornaleiro, é também intensamente usada para exposição de material das mais diversas maneiras. O balcão pode ter prateleiras frontais ou pequenas estantes podem ser colocadas para exposição do material que o jornaleiro quer exibir com destaque. Também é usual pendurar as publicações em destaque no alto e nos cantos desta parte frontal.

No Brasil, diferentemente do que acontece em muitos lugares, a primeira página dos jornais é exposta para que seja lida pelo freguês da banca, como uma espécie de chamariz para a compra da publicação. Há quem afirme que as primeiras páginas de nossos jornais são concebidas para esta finalidade. Além das fotografias e ilustrações, elas trazem manchetes, legendas e pequenos textos de chamadas que são um produto acabado e não um texto que se inicia na primeira página e segue em outra seção do jornal.

O local da instalação da banca é disciplinado pelo Código de Posturas que estabelece que a banca deve resguardar uma distância mínima de 10 metros em relação aos pontos de coletivos e de 100 metros em relação a outras bancas no Hipercentro e Zona Central. Deve ainda preservar a distância de 50 metros em relação a lojas que comercializam os mesmos produtos que ela. Apesar destas disposições, as bancas já existentes mantiveram-se no seu local. No Hipercentro, é comum encontrarmos bancas muito mais próximas. A Praça Sete abriga pelo menos 10 bancas com distância menores de 100 metros entre elas. Segundo Eustáquio Gonçalves da Silva, Vice Presidente do Sindicato dos Vendedores de Jornais e Revistas no Estado de Minas Gerais²⁷ na época da realização da pesquisa de campo, as bancas instaladas anteriormente à lei permaneceram no mesmo lugar, pois a legislação anterior permitia uma banca em cada esquina. A proximidade com outras bancas ou com lojas que vendem produtos similares é bastante comum no Hipercentro, a sua concentração não parece ser um problema para os jornaleiros.

²⁷ Entrevista realizada em 31 de julho de 2006.

Ainda segundo o Sindicato da categoria, a legislação prevê também que a banca deve ocupar um espaço sempre inferior a 40% da calçada. Como a legislação anterior previa 50%, a categoria luta para voltar a este valor, pois vários jornaleiros já haviam realizado adaptações para este espaço e consideram que o valor de 40% reduz ainda o espaço para estoque e exposição das suas mercadorias e gera gastos para sua adaptação.

Do carrinho de mão à sua forma atual, as bancas de jornal e revista se inserem na paisagem urbana de Belo Horizonte de maneira mais ou menos conflituosa e criando aquilo que chamamos de ambiência comunicacional, espaço constituído para que se efetuem troca simbólicas no espaço das ruas. Como tal é reconhecida por quem exerce sua atividade profissional, o jornaleiro ou trabalhador em banca, e também pelos transeuntes que param ali para ler, comprar, conversar.

4.2 - A banca com ambiência comunicacional

Um dos primeiros aspectos que chama a atenção de quem observa uma banca de jornais e revistas na rua é que ela instaura e enseja possibilidades de se interromper o fluxo contínuo dos transeuntes sobre calçada. Isto acontece não só porque ela ocupa parte da calçada, mas porque ela é uma espécie de vitrine das novidades, estes milhares de fragmentos de narrativas, que cotidianamente garantem a nossa entrada no tempo presente.

Em seu texto sobre a multidão e o público, Gabriel Tarde fala da paixão pela atualidade como um vínculo que une homens dispersos que lêem um mesmo jornal. Segundo ele, "Esse vínculo é, juntamente com a simultaneidade de sua convicção ou de sua paixão, a consciência que cada um deles possui de que essa idéia ou essa vontade é partilhada no mesmo momento por um grande número de homens."(Tarde:2005, 8)

O autor, no entanto, apresenta uma questão sobre o vínculo que a atualidade cria entre os homens. Ele se interroga sobre o súbito desgosto de que é

tomado um leitor que se descobre lendo um jornal velho. “Os fatos relatados perderam seu interesse intrínseco?”, pergunta-se. Não, mas o fato de termos a consciência de sermos os únicos a lê-los naquele momento basta para diminuir o interesse. Para Tarde “tal fato prova que, pois que a nossa viva curiosidade prendia-se à ilusão inconsciente de que nosso sentimento nos era comum a um grande número de espíritos.” (Tarde:2005, 7)

Para Tarde, o que dá atualidade ao acontecimento não é ter acabado de acontecer, mas sim o fato de interessar a todos naquele momento, mesmo que se trate de algo passado há muito tempo. Segundo ele, a atualidade compartilhada torna-se mais importante à medida que progride um tipo de sociabilidade cujas origens estão na vida urbana; um tipo de experiência que advém da intensidade do contato social que a grande cidade proporciona. A atualidade ao ser capaz de criar vínculos entre homens dispersos no espaço é vital para a constituição da vida em comum numa grande cidade.

Ao reunir no espaço urbano uma série de dispositivos que possibilitam o acesso à atualidade, a banca de jornais conforma-se como um objeto na rua que alia a presença no espaço e a partilha de um tempo com os outros homens. A banca reúne os homens presentes no espaço com outros que estão distantes, ao abrir a possibilidade de fazer chegar a eles simultaneamente os mesmos fragmentos da vida atual. No mundo contemporâneo, a banca não é única a fazer este papel; outros dispositivos como a televisão e a Internet fazem esta ligação de maneira mais eficaz, ou pelo menos, mais veloz. A singularidade da banca está no fato dela se localizar na rua. Ao instituir-se como uma ambiência comunicacional na paisagem urbana, ela faz acontecer de forma peculiar uma articulação entre tempo este tempo da atualidade e o espaço urbano. Ela faz com que os homens compartilhem o espaço e, simultaneamente, um tempo dos acontecimentos atuais.

A importância disto não é pequena. Nas ruas de uma grande metrópole, as relações com o espaço e com o tempo são sempre tensas. O espaço é fragmentado, instável, regulado e povoado pela diferença, e as relações de pertencimento ao território não estão dadas. O espaço público é simultaneamente comum, de todos, e de ninguém. O pertencimento não está

assegurado e os movimentos de apropriação tendem a se configurar em disputa. Participar da atualidade, participar de uma conversação que se renova cotidianamente é um dos caminhos para que se estabeleça laços, ainda que tênues, de pertencimento à metrópole. Abre-se uma fresta para a participação nos acontecimentos da cidade.

Esta participação incipiente é fundamental para a vida urbana. Como já dissemos anteriormente num espaço como o Hipercentro, a diversidade dos atores, a multiplicidade de possibilidades, o encontro com o anônimo, a instabilidade do pertencimento ao território, o ritmo frenético das mudanças na paisagem - características de uma metrópole contemporânea – estão mais evidentes. Participar desta comunicação urbana é entrar no vida urbana, é entrar nos movimentos que dão vida e significação aos lugares, e também nos movimentos que os desfazem logo em seguida, seja pela superposição de sentidos, pelo apagamento das memórias ou simplesmente pelo transcorrer dos turnos do dia e noite.

Os movimentos constantes de territorialização e desterritorialização marcam o espaço urbano central de Belo Horizonte e criam fronteiras: aqui é o interior e lá o exterior. Qualquer um pode se tornar um estranho. Para usar uma metáfora já conhecida, no espaço urbano qualquer um pode ser estrangeiro, mesmo quem nasceu na cidade. Em primeiro lugar, as coisas mudam vertiginosamente. O que está num lugar hoje e é referência para pessoas ou grupos criado pode desaparecer subitamente. Mesmo a solidez dos edifícios se provou enganosa. A paisagem pode mudar rapidamente. Na calçada, no asfalto, não se criam raízes. A duração não se mede em décadas: são regularidades e irregularidades, a cidade pulsa.

Quem não é estrangeiro de dia, pode ser à noite. O espaço pode se tornar estranho e não reconhecível rapidamente. O transeunte ao se deslocar, ação que ele incansavelmente não deixa de praticar, tem sempre a sua condição de pertencimento ao lugar colocada em questão. Isaac Joseph chama a atenção para o fato de que o estrangeiro é a figura do homem urbano não só porque as cidades recebem migrantes, mas porque a condição dele (homem urbano) é a da mobilidade. Ele anda pela cidade, ele se muda de residência ou de classe e

ele mesmo é versátil. É um ser em constante adaptação ao seu meio, território que ele nunca domina inteiramente.

A banca de jornal e revista ou os outros pontos capazes de criar as ambiências comunicacionais nas ruas instituem as possibilidades de relações diferenciadas com o espaço e o tempo urbano. A calçada destinada ao trânsito de pedestres torna-se um lugar propício à parada, ao encontro com o outro. Uma parada na rua funciona como o núcleo de um átomo. Dela emana uma energia que atrai para si o que gravita em volta. O estranho que para ler uma notícia, ouvir uma pregação, espiar o homem da cobra, ou ouvir um discurso político não é mais totalmente estranho. Torna-se alguém que passa com a mesma pressa e é rapidamente apanhado na mesma teia. O espaço da banca, do ponto de ônibus, da praça é um espaço em constante transformação, subitamente, nas paradas, torna-se um espaço reconhecível.

A parada torna os homens lentos. Para Milton Santos, nas grandes cidades existem espacialidades e temporalidades que são hegemônicas convivendo com outras formas de viver o tempo e o espaço que lhes impõem resistência. Em particular, sua abordagem das diferentes formas como este tempo e espaço são ordenados em cidades do chamado Terceiro Mundo nos abre perspectivas interessantes. Ele nos fala das cidades dos países subdesenvolvidas como espaços derivados onde se associam lógicas externas e lógicas internas subordinadas. Essas são cidades críticas, arenas de conflitos. Se existe a tentativa de padronização tanto do tempo quanto do espaço urbano em função das atividades hegemônicas, existe também uma cidade que resiste à racionalidade funcional.

Segundo Santos(1996), desenvolveu-se ao longo do tempo a segregação do espaço urbano: são os espaços destinados às atividades hegemônicas, com funções precisas. Mas a cidade como um todo resiste a esta racionalidade funcional graças ao meio ambiente construído, retrato das diferenças de classes, de renda, de modelos culturais.

“À cidade informada e às vias de transporte e comunicação, aos espaços inteligentes que sustentam as atividades exigentes de infraestruturas e sequiosas de rápida mobilização, opõe-se a maior parte da aglomeração onde os tempos são lentos, adaptados às infraestruturas incompletas ou herdadas do passado, os espaços

opacos que também aparecem como zona de resistência.” (SANTOS, 1996, p.79)

As paradas nas bancas, assim como outras paradas, são sempre o núcleo das possibilidades de comunicação. É a interrupção do fluxo, tão necessário para que a cidade capitalista funcione, que torna a cidade reconhecível e por isso mesmo habitável. A banca na calçada extrapola a função de colocar produtos em exposição para o consumo. Em torno dela, acontecem cotidianamente encontros com a cidade, seja pelo contato com as notícias do futebol, da política, da novela, dos crimes; seja pelo encontro com o jornaleiro e com os outros freqüentadores; seja pela possibilidade de interromper o fluxo contínuo dos deslocamentos e fazer daquele um espaço diferenciado.

A banca como objeto que cria ambiência comunicacional tensiona as relações espaço-temporais que se dão na cidade. Além de forçar a interrupção do fluxo do deslocamento, ela exhibe as possibilidades de contato com os acontecimentos em outros lugares do mundo e em outros tempos. O material que ela abriga pode trazer um mundo distante espacial ou temporalmente para o cotidiano dos sujeitos que param ao seu redor para ler as manchetes dos jornais e das revistas expostas. Cacos de outras realidades moldadas para o consumo aqui e agora.

No fluxo da calçada, abre-se uma possibilidade de encontro que merece ser pensado em sua complexidade. Os sujeitos que transitam pelas ruas estão imersos na materialidade da cidade, seus cheiros, sons, barreiras, passagens e a multidão que povoa suas ruas. Ao mesmo tempo chega até eles um mundo na forma das novidades que a banca oferece. Se isto permite um transporte, um encurtamento de distâncias, qualquer um pode saber o que se passa em Brasília, no Rio de Janeiro ou do outro lado do planeta, na rua existe a força do aqui e agora que tensiona esta experiência.

Nas bancas entra-se em contato esta multiplicidade de fragmentos sobre realidades distantes sobre as quais só recebemos pequenos pedaços passivamente. Fica-se sabendo de acontecimentos cujas conseqüências no aqui e agora muitas vezes estão por demais distantes para que se possa pensar ou interferir. Mas chega a moda, a música, o filme. Recebe-se

estímulos de um mundo externo, inatingível, somos reduzidos a meros espectadores. Porém, a novidade distante é apropriada e torna-se objeto da conversação da cidade. No aqui e agora eles penetram pela ambiência da banca e espalham-se pela ruas.

“A banca é de grande importância porque nem todo mundo tem acesso a Internet e a banca é um modelo de Internet. Se você olhar atentamente a banca de jornal e revista é uma Internet. O que é Internet hoje? É uma concentração de informação e serviço. É a mesma coisa da banca. O que é Internet : são diversos terminais, que estão pulverizados nas diversas residências e empresas. Igual as bancas que estão pulverizadas nas diversas esquinas da cidade.”(jornaleiro-sindicato)

Potencialmente, a ligação seria feita pela imensa corrente humana que não cessa de circular pelas ruas da cidade. Porém, assim como acontece na rede mundial de computadores, o fato de existir ligações potenciais, não implica diretamente em comunicação. O espaço urbano em que as bancas se situam é fragmentado, não existe uma linha que conduza a um destino certo as conversações iniciadas em um ponto. Assim a comunicação das ruas não pode ser seguida com exatidão. Não se pode medi-la como impulsos que entram e saem de um sistema. As ambiências comunicacionais tornam-se pontos onde ela pode ser observada, sem que se tenha garantias da sua propagação. Alguns destes fragmentos vão flutuar ao longo do dia ou da semana, para depois cair no esquecimento.

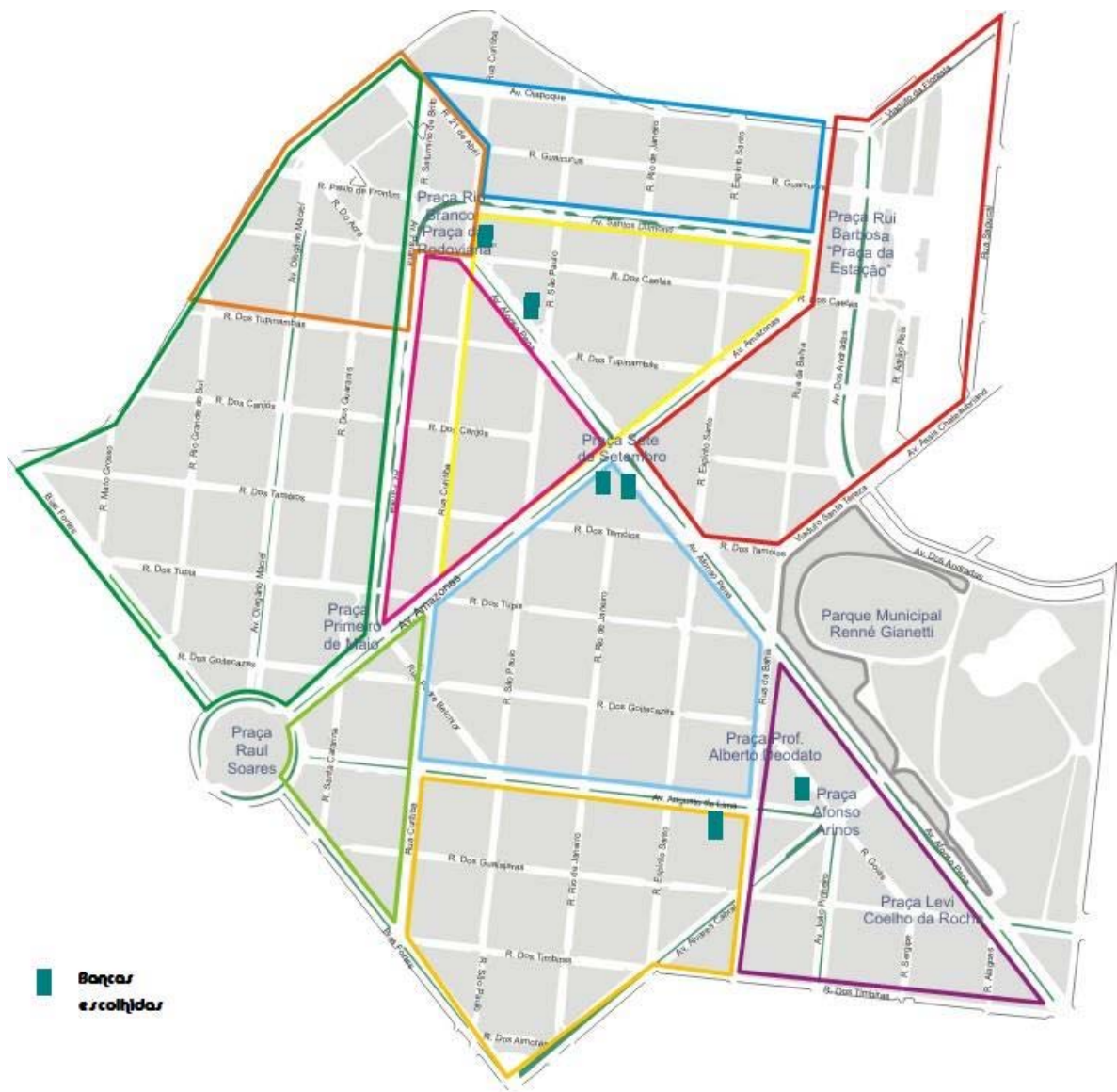
Mas a forma comunicacional instaurada pela ambiência da banca permanece como possibilidade para que uma imensa conversação tenha prosseguimento. Uma conversação entre anônimos, em permanente contato no cotidiano. Uma interlocução entre diferentes que se esbarram num espaço comum, e que, nestes pontos do espaço têm a possibilidade de estabelecer um diálogo com o cidade – este composto de tempo espaço - que compartilham. Nas ambiências pode-se dizer ou narrar a cidade, aí nasce o germe das possibilidades de interferir e participar da vida urbana.

As ambiências tornam-se portas de entrada para a vida urbana na perspectiva destes sujeitos que circulam cotidianamente por suas ruas. Se a possibilidade de participar mostra-se ilusória, pois os centros onde as grandes decisões são tomadas estão afastados das ruas, as ambiências tornam possíveis as

pequenas apropriações cotidianas, aquelas que em constante interação com as grandes transformações conformam os lugares da cidade, tornando-os reconhecíveis. Esta participação pode ser mínima, molecular, se formos usar um termo de Deleuze e Guattari e pensar em micro-transformações dos lugares. A ambiência comunicacional da banca expõe as novidades. Ao colocá-las em circulação possibilita as interlocuções, movimentos de desterritorialização e reterritorialização que exercitam e recriam o cotidiano.

Estando na rua, a banca realiza o que outros dispositivos comunicacionais fazem no espaço privado. As trocas ali acontecem numa relação de co-presença com os outros, conhecidos ou não, diferente por exemplo da relação de familiaridade e privacidade proporcionada pela TV. Na rua, as informações são consumidas no burburinho da cidade, marcadas por seus ritmos e afetadas por suas tensões. As relações na rua participam do estranhamento, do anonimato e do sentido de coletivo que esta provoca. A comunicação da banca acontece na paisagem e é contaminada por seu entorno. Os outros acontecimentos da paisagem atravessam a ambiência, conferindo características especiais ao tipo de comunicação que acontece ali.

4. 3- As ambiências nas paisagens



As bancas criam e alimentam o que estamos chamando de ambiência comunicacional inseridas numa paisagem em movimento. Ao se constituir como atratores elas estabelecem uma relação comunicacional com seu em torno que vai além da função comercial de expor e vender produtos.

Na Praça Sete elas são muitas e pontuam o todo o espaço. Estão presentes no quarteirões fechados, nas esquinas das avenidas e nas imediações. Como algumas são muito próximas umas das outras e a Praça é cheia de gente o tempo todo, o movimento se mistura e quase não se distingue o movimento em torno de uma banca do de outra. O quarteirão fechado da rua Rio de Janeiro, entre a Praça e a Rua Tamoios é um exemplo: neste lado, três bancas com

bastante movimento e características diversas estão colocadas a uma distância bem menor que os 100 metros previsto no Código de Posturas. A primeira localiza-se na esquina do lado da avenida Afonso Pena . É a banca Glória , que se anuncia como especializada em quadrinhos. No quarteirão fechado a poucos metros dali localiza-se a banca 24 horas. Na mesma esquina do lado da avenida Amazonas está a terceira.

Quem passa por ali numa manhã de sol e tem tempo para se sentar nas estruturas compridas que lembram uma arquibancada, vai ter a companhia de pessoas, que no percurso para o trabalho, para as compras, para a aula, ou qualquer outra tarefa parou ali para descansar um pouco e apreciar o movimento. As pessoas se sentam sozinhas ou em pequenos grupos. Uma grande parte delas tem nas mãos o mesmo tablóide, um jornal do tipo “popular” que se tornou um campeão de vendas, desbancando o Estado de Minas, o grande jornal dos mineiros..

O lugar convida à conversa e a atitude corporal adotada permite ou afasta a abordagem de um estranho próximo. Se a pessoa está sentada com um caderno tomando notas, ninguém se aproxima. Mas ao fechar o caderno e levantar o olhar, imediatamente ela é abordada por alguém, por exemplo, um office-boy que faz uma pausa na lida do dia-a-dia. O assunto pode ser qualquer, as eleições, o jogo de futebol, a história do bebê na Lagoa da Pampulha. As bancas do local fornecem a matéria-prima para estes encontros. A pessoa pode comprar um jornal ou se aproximar de uma das banca para ler as manchetes da primeira página dos jornais que estão pendurados nas portas abertas ou nas estantes cuidadosamente arrumadas para facilitar esta prática.

Em todas as esquinas da Praça, estes leitores se aglomeram em torno das bancas Sempre há pessoas conversando com o jornaleiro, outras aguardam a vez, algumas se colocam de lado e lêem as notícias.. Na esquina do antigo Cine Brasil, as duas bancas, uma na Rua Carijós outra na Afonso Pena, dividem a calçada com as cadeiras de engraxate, o movimento do Café Nice e do ponto de táxi. É possível distinguir na calçada, pequenos grupos de pessoas, em geral do sexo masculino e de meia-idade ou mais, aposentados. Estes grupos de freqüentadores anônimos revezam-se ali por todo o dia,

renovando sempre a Praça como ponto de conversa e encontro. As notícias do dia funcionam como fio tecendo e entrelaçando as conversas do dia. Todas as demais esquinas da Praça possuem suas bancas.

Ali elas são maiores, pois as calçadas largas e os quarteirões fechados o permitem. Uma delas, que se localiza entre o McDonalds e o Cine Brasil, tem um formato diferenciado. Tem duas laterais e a frente mais larga formando um triângulo, se vista de cima. A frente é aberta convidando o consumidor a entrar. Todas as bancas dali são muito movimentadas e apresentam uma grande variedade de títulos de publicações como seu principal atrativo. Duas delas se apresentam como diferentes: a banca Glória, com seus mangás e a banca 24 horas. Porém mesmo a banca que se diz especializada exhibe uma grande variedade de títulos de publicações

Em uma placa externa, a banca Glória se anuncia como a 1ª. em mangá e quadrinhos. No entanto, expõe em primeiro plano uma grande variedade de títulos de jornais diários e de apostilas de concursos. Os quadrinhos estão na parte interna da banca que pode ser acessada pelo leitor. O jornalista relata expõe apenas uma pequena parte da mercadoria que tem. *“Pra você ter uma idéia. Eu estou aqui lotado e devo ter isto aqui umas três vezes em estoque guardado.”* (jornaleiro, Banca Glória) A máxima de que aquilo que o cliente não vê ele não compra, não se aplica aqui. A tática aqui é expor aquilo que capta a atenção de quem passa; neste caso os jornais diários e o material de concurso.

Aquilo que é o carro-chefe de vendas da banca não precisa estar a vista. O jornalista integra um rede da qual fazem parte consumidores de quadrinhos, editoras e distribuidoras. Através destes relacionamentos ele se especializou a ponto de poder atender as expectativas daqueles que freqüentam a sua banca.

” O negócio ainda está na gráfica acabando de rodar e eles já estão me pedindo para comprar a mercadoria que eles querem. A maioria do material de mangá aqui no caso eu pego com antecedência. As outras bancas não têm e eu já tenho com três, quatro meses adiantado.” (jornalista, Banca Glória).

Há 29 anos no ramo e há 23 na Praça Sete, ele se surpreende com a chegada da clientela dos quadrinhos:

Agora, no meu caso aqui por exemplo, eu me dediquei há uns três anos ao quadrinho. E isso me trouxe um outro tipo de cliente. Porque antes, eu me lembro, até uns três anos e pouco atrás, eu me lembro que minha clientela era mais mulheres e pessoas adultas. Hoje tem o jovem, quer dizer o jovem de 15 até quarenta anos, entendeu? Isto até me surpreendeu, porque quando eu comecei, eu achava que era só o jovem de quinze dezesseis anos. E agora eu sei que não as pessoas de 30, 35 anos lêem mangá, entendeu. Isto realmente me surpreendeu. (Jornaleiro, banca Glória)

Um espaço interno é reservado para o consumidor especializado. Segundo o jornaleiro, chegam a ficar 10 ou 12 pessoas no interior da banca. Este fator não alterou o afluxo de pessoas à procura pelas outras publicações. O jornaleiro faz questão de manter os clientes antigos que procuram pelos jornais diários, revistas e outras publicações. Isto que faz com que a banca se assemelhe externamente às demais bancas do local. Assim como as outras, ela expõe os jornais diários e apostilas de concursos na parte frontal da banca. A exposição do jornal diário alimenta a presença dos leitores em volta, que é bem-vinda, mesmo que isto não signifique que este vá comprar o jornal.

A mesma tática é utilizada pelo jornaleiro da banca localizada a pouco metros dali na avenida Amazonas:

“Os jornais chegam todos os dias e nós colocamos em exposição para o pessoal ler. Tem gente que vem na banca é só sapear mesmo.” (Jornaleiro, banca av. Amazonas)

O que se oferece nem sempre é o que se espera vender. Algumas publicações atuam como chamariz e fazem com o que o espaço em torno da banca seja acolhedor. Os “bolinhos” de pessoas ou as rodas de conversa participam da criação desta ambiência urbana. A publicação exposta alimenta a conversação. As escolhas do jornaleiro passam por uma espécie de leitura do lugar e do tempo e do material que ele tem disponível.

É porque a banca trabalha assim: tem materiais que são relançados diversas vezes. A gente pega o material mais novo. Esta revista de história por exemplo: todas que chegam a gente tem que colocar em exposição. É o material mais novo. Entendeu? Então a gente tem que estar sempre renovando a exposição para atingir o alvo, né? Como é época de concurso a gente dá foco maior pros

concursos. Eles não são chefe de venda , mas sempre dá. (Jornaleiro, banca av. Amazonas)

Além disso, o jornaleiro lida com a pressão das distribuidoras para expor todo o material com destaque, e das legislações que regem o espaço público. No espaço limitado da banca e na interação com a rua ele vai elegendo as forma de fazê-lo.

A forma como a banca oferece o material que ela expõe para a leitura compõe um conjunto de pequenas estratégias ou táticas se quisermos usar a distinção feita por Certeau (1994) através do qual os jornaleiros arranjam o material que vão comercializar em relação ao lugar no qual a banca se situa. A oferta da leitura gratuita, “para sapear” a principio contraria o principio do comércio e do lucro que assegura a sobrevivência deste pequeno negócio. Mas ao mesmo tempo esta é uma forma de comunicação que participa da natureza da experiência contemporânea da cidade. Ela capta a atenção e faz os sujeitos se deterem em meio ao fluxo continuo do espaço urbano. Em meio ao desfilar incessante de signos e informações do espaço urbano, esta oferta chama para a leitura. Não se trata de uma leitura na qual sujeitos possam apreender e elaborar reflexivamente, pois são rapidamente substituídas no fluxo incessante de novidades. No entanto, é um dos mecanismos que se formam e atualizam a todo momento as percepções que os indivíduos têm dos acontecimentos e do mundo em que vivem .

A forma de interação dos sujeitos com o espaço e a ambiência conforma uma maneira de perceber o mundo que se aproxima da natureza de outras maneiras de ver próprias de técnicas presentes no mundo contemporâneo da comunicação de massa. Em *Postbenjaminiana*, Beatriz Sarlo (2000) fala do examinador distraído que recebe incessantemente o impacto das imagens do *videoclipe* e dos espectadores adestrados na velocidade das imagens da televisão.

En el momento mismo en que estos espectadores consideran que la intensidad do impacto no es suficiente para mantener despierto su interés, aprietan el botón y organizan una nueva sintaxis de las imágenes. (pág. 63)

A nova edição de imagens realizada por este espectador da televisão assemelha-se ao processamento que o transeunte realiza diariamente com as imagens, sons e textos disponíveis nas ruas da cidade. Benjamin falava da semelhança do suceder-se das imagens do cinema com a experiência dos transeuntes nos embates com a multidão na cidade. As paradas nas bancas podem ser lidas como este movimento de edição.

Não é possível assimilar a quantidade de estímulos que a cidade oferece, já dizia Simmel há mais de um século atrás. Em *Metrópole e a Vida Mental* Simmel nos fala da intensificação dos estímulos nervosos que a vida na metrópole impõe ao seu habitante. Segundo o autor, na metrópole "...a rápida convergência de imagens em mudanças, a descontinuidade aguda contida na apreensão com uma única vista de olhos e o inesperado das impressões súbitas" (SIMMEL,1976:12) criam condições psicológicas especiais, diferentes daquelas criadas em pequenas cidades. Para ele, o homem metropolitano cria uma atitude defensiva que lhe permite suportar esta intensidade. Já Baudelaire, citado por Benjamin, falava de mergulhar na multidão como num tanque de energia permitindo a este descrever a experiência do choque.

Não se trata aqui de escolher a imagem mais apropriada do homem urbano. Provavelmente ambas, em algum momento, refletem a nossa relação com a cidade. Estamos diante de homens que têm que lidar com o excesso de estímulos do qual não se pode fugir. Em diversos momentos nos distanciamos e em outros mergulhamos na cidade. O que se busca aqui é entender as várias táticas que o transeuntes usam para fazê-lo. Neste sentido, busca-se aquilo que Certeau aborda em *Invenção do Cotidiano*: um exercício, uma arte de experimentar a cidade através da qual se adquire um juízo prático, que depende tanto da imaginação como do entendimento. O autor fala de um sentido (senso) comum que reuniria uma liberdade (moral), uma criação (estética) e um ato (prática). O senso comum não divide a teoria e a prática, como se pensa normalmente, mas estaria presente numa arte de pensar necessária tanto às teorias e quanto às práticas cotidianas. Este juízo permite pensar as diversas formas de viver a simultaneidade temporal e espacial em jogo no espaço metropolitano.

A banca como objeto e ambiência na paisagem urbana tem que lidar com este excesso próprio da vida urbana. Ela se constitui a partir de um jogo de intenções e necessidades de sujeitos diversos – jornalheiros e transeuntes, interpelados e estimulados pelo espaço-tempo da cidade. Ela disponibiliza cotidianamente fragmentos daquilo que se considera uma mercadoria de grande valor na cidade atual: a informação. Ao fazê-lo, alimenta a conversa de todo dia e participa do jogo de interações que vai tecendo a vida em comum no espaço em que se localiza.

Assim os ritmos do tempo urbano podem ser medidos também pelo funcionamento destas ambiências. Na Praça, elas abrem também no fim de semana e nos feriados. De manhã, é a hora das rodas de conversa. Os acontecimentos que pontuam a vida social são postos na ordem do dia: “Eles lêem, discutem a notícia que tem, a mais grave, tentam debater.” (jornaleiro Banca Amazonas).

Lá todos os dias são movimentados. A Praça tem tradição em bancas, afirmam. Mas existem algumas marcações que diferenciam o ritmo deste movimento: *A gente poderia dizer que segunda e quinta são os dias que vendem mais jornais, por causa do esporte.* (jornaleiro Banca Glória). O material novo é sempre exposto com destaque é a regra. E o jornalheiro tem que acompanhar o momento. Na época da realização das entrevistas quase todas as bancas observadas reservavam uma área especial para a exposição de apostilas de concursos.

Próximo à Praça Rio Branco, as bancas são em menor número do que na Praça Sete e suas características são diferentes. Dão uma impressão mais acanhada e ostentam outros itens, como bonés, óculos, capas de celular, e adesivos que dividem os lugares mais nobres de exposição com as publicações. Elas parecem menores em tamanho se comparadas com as bancas da Praça Sete.

Uma delas, localizada na esquina da Rua dos Caetés, de frente para a Praça Rio Branco, parece um ponto de comércio que acoplou ao seu corpo bancas de

diferentes camelôs que foram retirados das ruas desta região central após a implantação do Código de Posturas. Dos lados, quase que se tem que adivinhar a forma da banca de jornais e revistas por baixo dos produtos diversos, como óculos bonés e capas para celulares.

Na frente da banca forma-se algo como uma cortina de revistas penduradas umas nas outras, criando um espécie de penumbra no interior da banca. No fundo, mal se enxerga o rosto de um jovem rapaz que atende na banca. As revistas penduradas são na sua maioria eróticas exibindo homens ou mulheres com pouca roupa, em poses sensuais em suas capas. Os cantos desta parte são arrematados, de um lado, por uma fileira de jornais que anunciam empregos e concursos públicos e, de outro, por diversas miudezas como chaveiros, isqueiros e afins em exposição.

Outra banca na esquina da Avenida com Rua Tupinambás, assemelha-se a esta, sendo ligeiramente maior em tamanho. As publicações não são o único material em destaque. Uma de suas laterais tem um monitor de *vídeo game* que pode ser usada e uma estante com diversos jogos em exibição. Uma placa anuncia Jogos e acessórios para computador. A outra lateral abriga um serviço de conserto e venda de acessórios para celulares.

O carro-chefe das vendas, segundo a trabalhadora do local são as bugigangas (sic) e adesivos para carro feitos sob encomenda. Eles são expostos na parte frontal da banca dividindo esta área mais nobre de exposição com revistas eróticas. *“O que vende mais é pornô. Em geral, tanto de mulher, de hetero quanto de homo”* (empregada da banca).

A relação com o espaço em torno de ambas as bancas ser diferente. Elas estão localizadas em calçadas onde o fluxo é bastante intenso e diferente do que acontece na Praça Sete, o movimento da banca parece não se comunicar tanto com o lugar onde as pessoas se deixam parar que é a Praça Rio Branco. O lugar não é tão convidativo. O movimento em torno da banca é menor e aparentemente mais voltado para ela.

Os jornaleiros vão usar outras formas ligeiramente diferentes de se relacionar com o espaço em volta da banca e participar da criação da ambiência

comunicacional . Numa paisagem como a da Praça Rio Branco a atitude é menos convidativa. Na banca da Tupinambás, a empregada diz que ali não se expõe o jornal, pois a fiscalização da Prefeitura é muito rigorosa e não permite que se exponha nada nas laterais pois isto atrapalha o fluxo dos transeuntes. À objeção de que na parte frente é permitido expor as publicações ela responde:

Pode expor, mais aí junta aquele tanto de gente na frente da banca fica lendo o jornal e aí atrapalha. Tem alguns meses que a gente não expõe mais. (Trabalhadora da banca Tupinambás)

Ela diz que isto não interfere com o movimento da banca, pois antes as pessoas folheavam o jornal, liam de graça e não compravam. A preocupação com a fiscalização se revela também no conteúdo do material exposto. As revistas ostentam tarjas que ocultam a nudez dos modelos fotografados nas capas ou não podem ser expostas, “está proibido pelo Juizado de Menores”, relata.

O material mais novo nem sempre tem prioridade, pois algumas das revistas antigas são mais procuradas:

Tem playboys antigas até novas. Tem a Viviane Araújo, uma artista famosa, é mais procurada do que uma que saiu neste mês. (Trabalhador, banca da Rua dos Caetés)

Nestas bancas, as interações com o consumidor potencial são propostas de forma ligeiramente diferente. Ao dizer que a banca oferece prioritariamente material erótico, ou “pornô”, os trabalhadores manifestam esta diferença. O movimento de pessoas conversando, segundo os dois entrevistados, atrapalha. Ambos dizem que não conversam muito com os fregueses e dizem que a freqüência das duas bancas é formada na sua maioria por homossexuais do sexo masculino que vêm adquirir as revistas eróticas.É este consumidor que é esperado como o cliente da banca. Segundo os entrevistados, ele é atraído pela localização da banca. No caso da banca da rua Tupinambás, a trabalhadora associa a freqüência também ao fato de serem mulheres a atender os consumidores:

“Eu acho que é porque ali trabalham duas mulheres: eu e minha chefe. Pelo fato da gente ser mulher eles ficam mais a vontade. Ai eles chegam perguntam. Nunca falam que é pra eles, lógico. “Ah é para dar de presente.” Quando era um rapaz que trabalhava lá, a gente não vendia tanto igual a gente vende hoje. Acho que eles têm mais liberdade com nós mulheres... (trabalhadora Tupinambás)

Perto destas bancas não se encontram tantos grupos de conversa como aqueles encontrados na Praça Sete. Vez por outra um grupo de office-boys para perto dos produtos para celular do lado de fora da banca. Na rua Tupinambás, às vezes se juntam duas ou três pessoas em volta de um jovem que joga vídeo game na lateral da banca.

Nestas bancas, os trabalhadores percebem um movimento maior quando se aproxima o fim de semana e dizem que quinta, sexta e sábado são os dias de maior movimento de venda na banca. A segunda também é citada pelo trabalhador da banca da rua dos Caetés, que ressalta ainda que no início do mês o movimento é maior, pois as pessoas recebem seus salários.

Nas proximidades das Praças Afonso Arinos e Alberto Deodato, as duas bancas observadas são bem diversas entre si apesar da proximidade. O jornaleiro que trabalha na calçada próxima ao Edifício Maletta ostenta com orgulho a variedade como o principal atributo de sua banca. Já a banca situada na rua Goiás exibe na parte frontal uma placa com os dizeres “Banca Metrópole – Só concursos e Games”.

A banca da av. Augusto de Lima situa-se ao lado de um ponto de ônibus e ao lado de uma das entradas do Edifício Maletta, e de outro edifício residencial. A área é fortemente marcada pela frequência do Maletta, que reúne uma boêmia mais intelectual e pela concentração de livrarias do Edifício. O jornaleiro está no local desde 1964, se instalou lá pouco depois da construção do Maletta. Diz que não se dedica a nenhum tipo de material e possui material mais variado que as bancas da vizinhança. “Tudo que é exposto vende” (jornaleiro, banca av. Augusto de Lima).

O movimento em volta é grande e a banca parece integrar-se a ele a ponto de não ser possível distinguir claramente entre aqueles que esperam o ônibus,

estão na porta da livraria, entram e saem dos edifícios residenciais. Soma-se a isto as mesas muito próximas da calçada de uma casa de chope com movimento diário. Na calçada, a banca coloca-se no caminho e acolhe aqueles que passam. Seu atendimento mistura uma certa familiaridade própria de área residencial. Não é incomum o jornaleiro chamar pelo nome um senhor de idade que sai do prédio residencial e entregar algo que guardou especialmente para ele. Também pode chamar um outro passante e lhe comunicar que já chegou a revista de uma outra pessoa.

O jornaleiro expressa sua maneira de lidar com a sua presença na rua frisando que está ali para atender a todos de forma igualitária: “De mendigo a juiz . Eu tenho dois fregueses que são juízes e atendo mendigos, os pivetes que moram na rua. Eles vem aqui e compram um cigarro picado. Lido com pobre e com rico é a mesma coisa.” (jornaleiro, banca Augusto de Lima). A configuração da banca cria um lado de dentro e um de fora que o jornaleiro usa para proteger seus fregueses. Ele diz que não deixa idosos e crianças mostrarem seu dinheiro do lado de fora, ele os faz entrar para que não corram o risco de serem roubados.

A banca da rua Goiás está situada em um lugar onde o movimento de carros e transeuntes é bem menor do que a anterior, mas com características bem próprias. Neste quarteirão estão os fundos de edifícios públicos importantes como a Receita Federal, a Prefeitura e os Correios. Perto dali situam-se cartórios e sedes de tribunais. Neste trecho da rua não há pontos de coletivos e na extremidade oposta da banca está a pequena praça Alberto Deodato. A banca encontra-se de um lado não muito movimentado da rua e as pessoas que param por ali aparentemente se dirigem exclusivamente à banca.

A banca não é grande e tem as laterais cobertas por exemplares de jornais especializados em concursos e empregos, poucos jornais diários, adesivos e anúncios de apostilas. A parte frontal é reservada para a exposição de jogos, revistas variadas e um jornal de concursos. Uma placa amarela anuncia colocada no alto em uma das laterais traz os dizeres “Aqui Inscrição p/ concursos pela Internet”. Mais no alto da banca, na mesma lateral uma faixa

anuncia que a banca tem apostilas para todos os concursos e oferece serviço de Xerox no local.

Situada num trecho da Goiás que já foi de grande efervescência, a banca Metrópole deixou de ter como vizinhos o Cine Metrópole e da redação principal do Estado de Minas. Anteriormente ela era um corredor estreito lotado pelos veículos dos trabalhadores do local com um trânsito local muito lento. Atualmente seu movimento parece se constituir basicamente daqueles que procuram os serviços públicos do local e dos poucos que se deixam ficar na pracinha. A banca constitui um atrator de movimento, mas diferente do que acontece com a banca da Augusto de Lima, não parece misturar aos outros movimentos a sua volta. Ela se tornou um quiosque de serviços, cujos atrativos principais são as apostilas de concurso e inscrições pela internet e os jogos para *video game* ou computador. Ela pode ser considerada um exemplo de uma situação temida pelos jornalistas. Segundo eles a atividade de banca está ameaçada pela concorrência de outros pontos de venda de jornais e revistas como farmácias ou supermercados. Outra ameaça é representada pela venda de assinaturas e pela Internet. A banca pode até sobreviver, arriscam, mas como outra modalidade de comércio e serviços.

Há 51 anos no ramo, o jornalista da avenida Augusto de Lima abre sua banca de domingo a domingo até na sexta-feira da Paixão e não é pessimista. Encara sua atividade como uma missão e diz que a procura por sua banca porque ela abre todos os dias e porque ele conhece o seu ofício. Segundo ele os acontecimentos marcam o ritmo de sua banca.

“Quando acontece alguma coisa, as pessoas se comunicam mais. Quando há alguma coisa, sempre aumenta a venda de jornais e sempre há críticas. As pessoas ficam criticando a situação que está acontecendo. Alguma coisa como o caso da menina que o povo é contra. O mensalão.” (Banca Augusto de Lima)

A sua maneira cada banca vai interpellando a paisagem na qual se situa e sendo interpellada pelo que acontece a sua volta. Entre as bancas do Hipercentro as semelhanças são muitas, o espaço urbano é semelhante, na conformação, no movimento. Ao mesmo tempo elas vão assumindo pequenas diferenças ao se relacionarem com este espaço que é profundamente

desigual. Também seu funcionamento vai sendo marcado por fatos que acontecem longe dali e que atravessam o espaço conectando a banca e seus freqüentadores a outros lugares outras formas de viver o tempo presente.

Ao fazer isto ela se torna um objeto urbano em comunicação permanente. Um dos inúmeros nós de uma vasta rede social. Em torno dela acontecem o que chamamos das situações de comunicação, minúsculos acontecimentos que, no cotidiano, animam e fazem parte do desenrolar da vida social. Elas são o objeto das páginas seguintes.

4.4 - As situações comunicativas

Nas interações situadas que as bancas abrigam, os homens expressam, lêem aprendem e criam as formas de viver num espaço-tempo. Posicionam-se diante dos outros, lidam com problemas do dia-a-dia, submetem-se ou infringem as regras ditadas pelo poder constituído. Estes pequenos movimentos participam da constituição das formas de convivência, que integram a socialidade urbana. Nas situações comunicativas nas bancas estão os germes das possibilidades de participação na construção de uma cidade comum, através da troca e da convivência com os outros com quem se compartilha o tempo e o espaço.

As interações são, na concepção de Goffman, uma “encenação do social”, nas quais os sujeitos ou atores, em co-presença se engajam em uma situação desempenhando seus papéis. Diante do outro, o indivíduo se posiciona, e tenta decifrar a posição de seu(s) interlocutor(es) e agir em conformidade com eles ou em atitude de confronto. As interações comunicativas são sempre ações de engajamento numa situação social. Porém, neste trabalho, ao pensar nas interações nas ruas, o que se buscou, além do confronto entre dois ou mais interlocutores, foram as afetações que emanam este composto espaço-temporal que é o urbano.

Na rua sempre se está exposto a um número maior de situações imprevistas o que molda o tipo de comunicação que ocorre ali. A convivência com os

desconhecidos, uma certa liberdade que o anonimato confere aos sujeitos são fatores que aumentam potencialmente – de um lado os riscos e de outro as vantagens - envolvidos em qualquer situação de encontro. Quem anda nas ruas de uma grande metrópole deve tornar-se um leitor das inúmeras situações que pelas quais vai passar, pois este espaço resiste a se tornar familiar por mais que seja frequentado cotidianamente. Ele não se torna quase nunca um plano onde se definem e organizam as situações de interação social, como rituais estabelecidos, onde o papel dos atores é recitar o que se espera deles. As ruas enquanto espaço público são fortemente reguladas e codificadas de maneira a disciplinar a forma dos indivíduos agirem. No entanto, não é possível regular tudo, nem explicitar todos os códigos. As regras, convenções e rituais conhecidos não abarcam a totalidade da vida em comum. Seja porque os sujeitos não concordam com elas ou porque elas não são explícitas para todos.

Para os sujeitos em interação e para quem se dedica a estudar os processos sociais é necessário lidar com a opacidade das situações, pois não elas não se oferecem decifradas. Goffman apontava isso ao dizer que “subjacente a toda interação tem uma dialética fundamental”. Para saber ler totalmente uma situação o indivíduo ao engajar-se precisaria saber todos os fatos envolvidos suas próprias intenções, as dos outros, todos os dados sociais relativos aos presentes, o resultado da interação, as atividades e os sentimentos mais íntimos. No entanto, raramente ele dispõe de toda a informação e emprega substitutos como deixas, gestos expressivos, símbolos de posição social etc..

Em resumo, como a realidade em que o indivíduo está interessado não é percebida no momento, em seu lugar ele terá que contar com as aparências. Paradoxalmente, quanto mais o indivíduo se interessa pela realidade inacessível à percepção, tanto mais tem de concentrar a atenção nas aparências”(GOFFMAN:1975; 228)

Além disso, as situações nas bancas de jornal e revistas são interações em co-presença não só do outro com quem se estabelece um rápido diálogo, mas elas se dão em meio aos acontecimentos da rua e são estimuladas

permanentemente por acontecimentos que tiveram lugar em outro tempo e em outro espaço e que, através da banca, invadem a cidade. Ali não se trata apenas de ler o outro com quem se conversa, mas de situá-lo na cidade, na paisagem. Operação que é feita quase que mecanicamente pelos participantes, mas que, nos pequenos detalhes, vão revelando formas de viver o espaço, uma cidade praticada no cotidiano.

A ambiência comunicacional criada pela banca situada numa paisagem oferece para quem cruza seu espaço um conjunto de possibilidades de engajamento. A idéia é apreender estas possibilidades a partir do ponto de vista de quem para e de quem fica na banca. Assim interessa concentrar a atenção nas aparências, no sentido de apreender aquilo que é colocado em jogo pelos participantes, como lêem as situações e se engajam nelas. Entender como jornalheiros, passantes e frequentadores constroem pequenas situações de comunicação na paisagem urbana. O fato de se constituírem em interações situadas faz com que sejam atravessadas pelas forças e ritmos próprias do lugar onde acontecem.

As situações são pequenos acontecimentos que constituem a cidade praticada no cotidiano. Resultam de táticas, no sentido, de que fala Certeau, uma arte dos fracos. Vivendo num espaço que constrange, super codificado, em meio ao excesso de informações os indivíduos fazem arranjos táticos. “Sem lugar próprio sem visão globalizante, cega e perspicaz como se fica no corpo a corpo sem distância, comandada pelos acasos do tempo, a tática é determinada pela ausência de poder, assim como a estratégia é organizada pelo postulado de um poder.”(Certeau:1996,101)

As táticas procedem pelo uso hábil das circunstâncias, da combinações possíveis que as ocasiões oferecem, “aos cruzamentos possíveis de durações e ritmos heterogêneos”. Os indivíduos na prática urbana realizam arranjos de ocasião que lhe permitem estabelecer uma comunicação no e com o espaço. As situações de comunicação na banca de jornal e revista foram tratadas como objetos para a apreciação destes arranjos, no sentido de que permitem ver como seus usuários combinam o que está disponível no espaço urbano.

4.5 - Encontros no tempo e no espaço

Quem é o frequentador das bancas do Hipercentro? As entrevistas realizadas com pessoas que liam publicações nas bancas não tinha o objetivo de produzir um perfil das pessoas que interagem no dia-a-dia desta ou daquela banca. Olhados em seu conjunto, o perfil dos 65 entrevistados é compatível com os dados sobre quem frequenta cotidianamente o Hipercentro e com a avaliação que os jornalheiros entrevistados fazem do seu público. Ou seja, o perfil dos entrevistados é bastante variado no que diz respeito à idade, ao sexo e local de procedência. Isto nos interessava, sobretudo, para ver se a diversidade observada nas ruas do Hipercentro poderia ser notada também entre os frequentadores das bancas.

Um outro fator que interessava era a relação destes frequentadores com o Hipercentro: porque vinham e qual era a opinião sobre o local. Entre os entrevistados, a maioria vem ao centro diariamente por motivo de trabalho: cerca de 56% dos entrevistados na região do Edifício Maletta e de 33% dos entrevistados nas bancas da Praça Sete. Apenas nas bancas próximas à Praça da Rodoviária, o número de pessoas que vai ao centro para fazer compras ou usar algum tipo de serviço é superior ao dos que vão trabalhar: 45% contra 36,3%. Também nestas banca registrou-se a menor porcentagem de frequentadores que moram no Hipercentro, 4,5%, contra 12,5 na região do Maletta e 14% na Praça Sete.

No geral, a maioria dos entrevistados estava no Hipercentro por motivo de trabalho ou para fazer alguma compra ou utilizar algum serviço. O número de entrevistados que moram no centro é ligeiramente superior ao daqueles que estão de passagem nas Bancas da Praça Sete e da rua Goiás e Augusto de Lima. Apenas nas bancas próximas à Praça Rio Branco, o número de entrevistados moradores se iguala ao de passantes. No geral, poucos foram os entrevistados que estavam apenas cruzando o Hipercentro. O motivo de ida ao centro menos declarado pelos entrevistados foi o lazer, 7,4% na Praça Sete e arredores da 9% Praça Rio Branco e nenhum na região do Edifício Maletta. Isto talvez se deva ao fato de que uma grande parte dos equipamentos de lazer das paisagens abordadas- teatros, centros, culturais, bares e restaurantes –

funcionem para o lazer noturno. As entrevistas foram realizadas durante o dia ou no início da noite, horário de funcionamento das bancas escolhidas.

Quanto à relação com o espaço do Hipercentro é interessante notar que as avaliações dos frequentadores de bancas são positivas na sua maioria. Os entrevistados das bancas das ruas Tupinambás e Caetés, no geral, tem uma avaliação positiva do local. Acham o local movimentado, tumultuado mas dizem gostar. Os pontos positivos mais citados são o fato de se achar de tudo por lá, o movimento, a reunião de pessoas. Os fatores negativos mais citados são o trânsito, a insegurança e a sujeira. Um vendedor ambulante declarou que o local melhorou depois que tiraram os camelôs. Um outro entrevistado disse que gosta do local, mas que o centro tem uma parte péssima que é a boemia.

Os entrevistados em bancas da Praça Sete têm uma visão positiva do espaço central, embora um pouco mais dividida dos que os anteriores. Vários dizem gostar do espaço, embora reconheçam os seus inúmeros problemas. Os maiores defeitos na opinião destas pessoas são a poluição, a criminalidade. *“É um ambiente que você ama ou odeia, aí você aprende a gostar do centrão.(...) Porque... sei lá! É um lugar sujo, podre...tudo quanto é coisa ruim tem aqui neste centro, mas ao mesmo tempo é um lugar onde você acha tudo, e você consegue resolver tudo e tá tudo aqui.”* (entrevistada , Praça Sete)

Os entrevistados das bancas da Avenida Augusto de Lima e rua Goiás foram os mais críticos em relação ao Hipercentro e mesmo assim, no conjunto, a maioria gosta do Hipercentro. Os problemas apontados são os mesmos, dizem respeito ao trânsito, poluição e insegurança, sendo que alguns deles acham que o lugar piorou. É interessante notar que trata-se de uma parte do centro bem mais cuidada do que, por exemplo, as localidades próximas à Praça Rio Branco.

4.6 – Conversas na paisagem

Uma das primeiras questões que foram dirigidas aos jornalheiros relacionava-se com os tipos de encontros que as bancas proporcionavam aos seus frequentadores. A questão teve que ser repetida mais de uma vez, pois de alguma maneira ela causava estranhamento. Um dos primeiros entrevistados respondeu meio bruscamente que não, que ninguém marcava encontros lá, que a banca não era ponto de encontro. O jornalheiro parecia estar se defendendo de uma ofensa que houvesse sido feita. Uma trabalhadora de banca respondeu que pararam de expor jornais para que as pessoas parassem de se aglomerar para ler e conversar. A razão disso seria a fiscalização rigorosa da Prefeitura que proíbe que a banca atrapalhe o fluxo das calçadas. Perguntada se as pessoas conversavam no interior da banca, ela respondeu que eles não permitiam que as pessoas ficassem dentro da banca.

A observação do conjunto das bancas escolhidas mostrou, no entanto, que a tática da maioria das bancas consiste em provocar encontros. Para que a banca funcione é necessário que ela provoque nos transeuntes a necessidade de parar e se engajar em algum tipo de interação, seja com o jornalheiro, com o material exposto ou com outros frequentadores.

As duas bancas observadas situadas na paisagem da Praça Sete organizam-se de maneira diferente em relação a forma de oferecer e dar destaque ao seu material e no entanto ambas adotam táticas com o objetivo explícito de favorecer e até mesmo estimular o encontro entre os frequentadores. A banca Glória, especializada em mangás expõe jornais e apostilas de concurso na frente da banca e criou um espaço interno de exposição dos quadrinhos que segundo o jornalheiro comporta encontros de aficionados:

Encontram . As vezes chega a ficar 10, 12 aqui dentro. É um ponto de encontro. Eles têm que encontrar aqui, vamos lá na banca do tio. Hoje em termos de quadrinho em qualquer lugar que você falar...(jornalheiro, Banca Glória)

A banca mantém um funcionário que entende especificamente de quadrinhos para conversar os frequentadores. Além disso, o jornalista disse que tem clientes que são fiéis à sua banca há mais de 20 anos, dos quais conhece os interesses e com quem conversa sempre.

A banca da Avenida Amazonas adota a organização ditada pela atualidade do material e pela oportunidade da ocasião, como é o caso das apostilas de concursos públicos exibidas na parte frontal. São expostos jornais abertos para a leitura na parte externa, onde cotidianamente se formam rodas de conversa dos frequentadores. O jornalista diz que assuntos são variados, mas nos grupinhos a política predomina. *“Lêem, discutem a notícia que tem, a mais grave, tentam debater ...”* (jornaleiro banca Amazonas) Segundo o mesmo jornalista estes grupinhos se formam todas as manhãs perto da banca e seus membros são conhecidos, pois têm o costume de conversar com os jornalistas.

Os entrevistados destas bancas respondem ao estímulo dos jornalistas de várias maneiras. Mais da metade deles declarou frequentar aquelas bancas apenas de passagem quando estão no caminho para fazer alguma coisa seja para ir ao trabalho ou fazer alguma outra coisa. Se alguma coisa chama a atenção eles param e lêem. Um outro comportamento bastante relatado pelos entrevistados são aqueles frequentadores que vão sempre às bancas mas variam aleatoriamente sem nenhum especial. *“Qualquer uma, né...Desde que eu esteja parado, né ...aí eu compro um jornalzinho.”* Do total de 27 entrevistados na Praça Sete, apenas 4 declararam frequentar aquela banca em que foram entrevistados especificamente. Os motivos da escolha citados foram a boa organização da banca, o fato de conhecidos frequentarem o local e o fato de estarem próximas do ponto do ônibus ou do local de trabalho.

Um tipo de frequentador que também apareceu na Praça Sete foi aquele que declara frequentar várias bancas. *“Eu sou piolho de banca. Várias bancas. Algumas me prendem mais, porque tem alguma informação mais atualizada”.*

Outros não variam de banca, mas passam nela o dia inteiro, “*de manhã, uma e seis da tarde.*”(entrevistados, *Praça Sete*)

No que diz respeito às conversas na banca, os frequentadores das bancas da Praça Sete em sua grande maioria declararam comentar sobre o assunto que lêem na banca com alguém que está próximo ou com o jornaleiro. Alguns são mais incisivos, comentam e querem passar sua opinião para o outro.

“Com certeza! Às vezes um assunto que desperta a curiosidade, entendeu? Eu não gosto de egocentrismo não. Uma coisa que me interessa eu gosto de passar pra alguém. Quando você vê uma informação você quer passar na forma que interpretou” (entrevistado *Praça Sete*)

Outros se declaram mais fechados dizem comentar alguma coisa com o jornaleiro ou então com conhecidos:

Eu comento com amigos que vêm junto. Nunca conversei com estranhos. Sou fechadão. (Praça Sete)

Nas bancas das ruas Caetés e Tupinambás, o arranjo das bancas difere um pouco no que diz respeito à exposição dos jornais. Na primeira, os destaques são para e para as revistas eróticas. Ao lado destas estão expostos alguns jornais de concursos e emprego. Os jornais diários não estão à vista. Nos lados, a banca é coberta por produtos como capas de celulares. Na rua Tupinambás, também os jornais diários não ficam à vista para a leitura e os destaques são por conta dos adesivos, jogos e revistas eróticas. Na fala dos trabalhadores destas duas bancas, o encontro e conversa com os fregueses não é considerado bom para o movimento da banca. O primeiro diz que a banca é pequena e a conversa pode atrapalhar os outros clientes. A outra relata que as pessoas que vêm apenas olhar e conversar, não compram. Também menciona o problema da fiscalização. Além disso, segundo ambos o público que mais consome que é o que procura as revistas eróticas “não é de bater papo”.

Nas entrevistas realizadas nestas bancas, duas pessoas apenas disseram frequentar esta banca especificamente uma por causa da exposição de jornais e revistas e outra por que estuda perto. A maior parte disse não frequentar aquela banca e ter apenas passado por ali. Alguns disseram que passam ali a caminho do trabalho, das compras, ou do ônibus, mas não o fazem sempre. Outros disseram frequentar outras bancas , em outros pontos do centro.

Os entrevistados nestas bancas responderam em sua maioria que não tem o hábito de conversar na banca , a não ser que estejam acompanhados. Das 22 entrevistas realizadas nestas bancas, cinco pessoas responderam que costumam comentar ou discutir alguma notícia ou publicação que lhes despertou o interesse com desconhecidos na banca. *“Iguar agora eu vejo as manchetes para poder comentar com o povo, o povo comenta, a gente tem que acompanhar...”* (entrevistada, banca da rua Tupinambás) A grande maioria respondeu que comenta as notícias em seu círculo de conhecidos, seja no trabalho, na família ou entre amigos. Uma pessoa disse que não conversa naquela banca, mas tem o hábito de conversar com o jornaleiro na banca de seu bairro.

A banca próxima ao Edifício Maletta e a a da rua Goiás tem arranjos diferentes. A primeira expõe cuidadosamente para leitura jornais diários e revistas variadas, enquanto a segunda anuncia ser especializada em concursos e games. Nestas bancas um número expressivo de entrevistados declarou ser frequentador da banca e passar pelas bancas várias vezes por semana. Uns disseram que param para ler porque é perto do ônibus. Outros declararam que têm o hábito de ler e comprar jornal e passam em qualquer banca, se tem jornal expostos, eles lêem.

Quanto ao hábito de conversar na banca, a observação banca da avenida Augusto de Lima mostrou que vários dos fregueses da banca são moradores das redondezas ou trabalham por ali. O jornaleiro conversa com alguns, chama pelo nome e pergunta por conhecidos comuns. Ele está no local desde 1964. Ele diz que costuma conversar com o consumidores principalmente os do sexo

masculino, pois receia que as mulheres pensem que está “mexendo” com elas. Ele conta que conhece moradores e se relaciona com a “boemia” que frequenta o Maletta. A banca da rua Goiás é diferente neste aspecto. Não demonstra a mesma familiaridade. O seu arranjo principal parece concentrar-se na especialização em concursos e games e nos serviços que oferece de uso da internet para concursos.

Os entrevistados nesta área, em sua maioria, declaram ter o hábito de comentar assuntos que despertaram seu interesse com pessoas que estão na banca seja o jornalista ou outros consumidores. Alguns disseram que não é seu hábito, mas já conversaram na banca, quando alguém puxou assunto. Uma entrevistado disse que já fez amizade na banca. Um outro disse que gosta de comentar o que viu “*para refletir*”.

Nas três paisagens observadas as interações entre frequentadores, jornalistas vão revelando táticas que demonstram por parte dos indivíduos uma leitura do espaço em que se encontram e uma forma de abordá-lo. As bancas situadas na Praça Sete participam e se beneficiam da efervescência comunicacional própria do local. É um lugar mais acolhedor em relação à frequência o que estimula a formação de grupinhos que discutem as notícias que participam da criação daquela paisagem. Lá os jornalistas compõem o arranjo da banca estimulando esta presença, mesmo que ela não se traduza em venda imediata das publicações.

As bancas próximas à Praça Rio Branco traduzem em seu arranjo e no material que oferecem também a paisagem comunicacional na qual estão situadas. Ao falar sobre as formas de interação no espaço os indivíduos deixam transparecer mais os constrangimentos que incidem sobre aquele espaço. A ambiência situada naquela paisagem parece ser menos estimulante em termos da comunicação com o desconhecido ou pelo menos as pessoas falam sobre estas interações de forma mais reservada. Isto talvez possa ser explicado pela fato da banca não estimular a parada dos fregueses. Uma outra explicação é que as publicações mais à vista são as revistas eróticas e homoeróticas.

Talvez os frequentadores se sintam mais constrangidos em conversar sobre estas publicações ou em responder para os entrevistadores que conversam sobre elas.

Na terceira paisagem, principalmente em relação à banca da avenida Augusto de Lima, o arranjo parece criar uma ambiência que possui um certo ar de familiaridade, proporcionada pela tempo do jornaleiro no local e a proximidade de grandes edifícios residenciais. Ao mesmo tempo o jornaleiro adota em seu arranjo táticas que levam em conta a proximidade do movimento do Maletta e do ponto do ônibus. A da rua Goiás tem como uma de suas táticas aproveitar a presença de um grande número de serviços públicos na região e oferecer serviços ligados à realização de concursos. Nas duas bancas, uma parte dos frequentadores é de moradores e pessoas que trabalham perto e as respostas às entrevistas foram parecidas em relação às interações que acontecem na banca. No entanto, a observação mostrou que a banca da Augusto de Lima situa-se no meio de um movimento bem maior e parece atrair mais pessoas que páram para ler e conversar.

4.7- Sobre os temas

Sobre o que conversam os frequentadores de bancas de jornal e revista do Hipercentro de Belo Horizonte? O que procuram nas bancas? As observações das bancas e entrevistas realizadas no ano de 2006 com leitores e jornaleiros incluíam questões que visavam responder a esta pergunta. Sem muito receio de errar poderíamos responder que eles buscam nas bancas informações sobre quase tudo: política, esportes, crimes, novelas, fofocas, economia, ciência , entre outros temas.

Viver numa grande cidade significa também participar de uma imensa conversação que inclui estes e outros temas. O sujeito que circula nas ruas das paisagens urbanas foi capaz de conversar com os entrevistadores sobre os assuntos que circulavam na cidade à época das entrevistas. Elas foram divididas em uma fase exploratória no primeiro semestre do ano e depois uma

outra série realizada no segundo semestre. Na primeira fase o assunto em pauta foi o caso de um bebê abandonado e atirado encontrado na Lagoa da Pampulha que comoveu a cidade. No segundo semestre, os assuntos foram a queda do avião da Gol e as eleições majoritárias que se realizaram pouco tempo depois. Em todas as bancas, a maior parte dos entrevistados demonstrou estar acompanhando através de algum meio de comunicação estes acontecimentos.

Na Praça Sete, os entrevistados buscam nas bancas uma variedade grande de assuntos ou de publicações. Os temas mais citados foram Política e Esportes, sendo que alguns especificaram o futebol ou resultados de jogos. Depois desses os assuntos mais citados foram crimes, concursos/empregos, economia, novelas, cultura e informática. Um número expressivo de leitores destas banca (cerca de 20%) procura por títulos específicos de jornais diários ou revistas semanais. Também foram citadas revistas de vulgarização de ciência do tipo Galileu e História.

A publicação mais citada pelos leitores destas bancas foi o Jornal Super, impresso com características ditas populares: texto mais curtos, muitas ilustrações, com ênfase em esportes e crimes e que traz sempre uma matéria com fotos de uma modelo, atriz ou cantora. Na época, o Super estava se firmando como o segundo jornal em vendas do país. Alguns leitores disseram ter ido à banca atrás de uma informação específica: financiamento da casa própria, Lula e o supersalário dos juízes, o negócio do Mick Jagger(sic) e jogo do Atlético. Foram mencionados ainda os seguintes temas horóscopo, quadrinhos e carros. Apenas alguns destes entrevistados citaram ler apenas as manchetes.

Nas bancas das ruas Tupinambás e Caetés, os temas mais citados entre os leitores foram futebol e política em proporções parecidas com aquelas observadas na Praça Sete. Estes temas foram seguidos por novela, fofoca, revistas eróticas. Três leitores declararam buscar informações genericamente e dois disseram procurar por novidades. Nenhum deles disse procurara por títulos específicos de publicações. Apenas um leitor citou a revista Playboy como o assunto que comentava com outras pessoas na banca. Uma leitora

disse que gostava de um jornal de São Paulo. Foram citados ainda os seguintes temas ou tipo de publicações: palavra cruzada, moda, revista feminina, informática, cotidiano, policial. O assunto específico citado por dois entrevistados foi o jogo do Galo. Três entrevistados disseram parar apenas para ler as manchetes.

Nas bancas da avenida Augusto de Lima e da rua Goiás predominaram os temas esportes, política e concursos, que foram citados como aqueles que fazem os leitores irem à banca. Os únicos títulos de publicações citados foram o da revista Caras e o DOM (Diário Oficial do Município). Foram mencionados por um ou dois leitores os seguintes temas: economia, minerais, anúncio, literatura, notícias do país, ciclismo e moda. Três leitores disseram que procuram jornal quando o Galo ganha. Três entrevistados citaram ter ido à banca naquele dia atrás dos seguintes assuntos: Conquista da Itália, Zidane e Tv Digital. Um entrevistado disse ter parado para ver os adesivos e outro para comprar um dvd de ópera. Três disseram ir à banca somente para ler as manchetes.

A conversação sobre estes temas é complementada ou estimulada pelo uso de outras mídias como a tv aberta e o rádio. Na época das entrevistas, poucos responderam procurar mais informações na tv a cabo, 2 na praça Sete, um nas bancas Goiás e Augusto de Lima e dois nas bancas Caetés e Tupinambás. O uso da internet para obter informações ou complementar foi bastante citados entre os entrevistados nas 3 paisagens: na Praça Sete quase a metade dos entrevistados citou a internet como fonte de informações e nas outras duas a maioria têm acesso em casa, no local de trabalho ou ainda nas Lan Houses ou casas de conhecidos.

Os entrevistados fazem combinação de mídias para se informar sobre os assuntos que os interessam. Surgiram nas entrevistas, comentários sobre notícias que os indivíduos viram na tv e buscaram confirmação ou complementação em publicações nas bancas. Algumas dessas pessoas disseram confiar mais nos jornais do que na Internet ou na tv.

No geral, nas entrevistas os temas que levaram os leitores às bancas são muitos semelhantes nas 3 paisagens. Mesmo nas bancas em que os

jornaleiros disseram se especializar em algum tipo de publicação,(quadrinhos, revistas eróticas, concursos e games) o interesse dos entrevistados mostrou-se bastante variado. O título de publicação mais citado nas entrevistas foi o do jornal Super, mas algumas publicações seja de maneira positiva, a maioria, ou negativa.

4.8 - Territórios em circulação

As formas como as ambiências em cada paisagem se relacionam com o lugar guardam especificidades próprias. Nos arranjos das bancas e nas formas de frequentá-las, surgem pequenas diferenças, relatadas por jornaleiros e leitores de bancas. As ambiências e as situações parecem corresponder de alguma forma aos estímulos das paisagens onde se situam.

No entanto, elas apresentam muitas similaridades no que diz respeito à diversidade de sua frequência, ao tipo de tema procurado pelos seus frequentadores. Todas elas são atravessadas por marcações temporais próprias do espaço urbano e que são comuns a todas elas. Os ritmos de funcionamento ditados pelo tempo do trabalho atravessam e modulam as formas de frequência assim como a marcação de uma sazonalidade dos acontecimentos cotidianos: os dias que se seguem aos jogos de futebol, os dias melhores para se olhar os classificados nos jornais, o fim-de-semana quando se tem tempo para ler os jornais e revistas, o início do mês quando o salário ainda dá para se comprar nas bancas.

Incidem sobre ritmos cotidianos outras marcações temporais que são dadas pelos acontecimentos próximos ou distantes, acidentais ou sazonais. Eleições, Copa do Mundo, concursos públicos são eventos sazonais que criam um horizonte de tempos comuns. O caso do bebê na Lagoa, o acidente do avião da Gol, acidentes que criam o tempo da atualidade, o que aconteceu antes e o que virá.

Assim em relação às paisagens comunicacionais urbanas, o lugar torna-se este composto de espaço atravessado por ritmos ditados por marcações temporais múltiplas e que atravessam as fronteiras da paisagem. Os sujeitos estão em

trânsito constante e carregam com eles as narrativas dos acontecimentos próximos e distantes. Passam por um lugar e habitam um tempo. Assim podemos visualizar um jogo de encaixes em que os arranjos dos indivíduos se processam, que é afetado de um lado pelos lugares em movimentos e de outro pelos tempos acontecimentos.

Este jogo de encaixe aproxima-se da idéias de territórios circulantes que Alain Tarrus propõe quando fala das corrente migratórias. Na cidade, onde o lugar e tempo são vividos de forma fragmentária os pequenos arranjos dos acontecimentos forjados pelos sujeitos, circulam pelos lugares e tornam a cidade habitável pelo menos transitoriamente. Estes arranjos materializam-se nas minúsculas situações de comunicação cotidiana dos quais bancas do Hipercentro fornecem um pequeno exemplo.

Fotos das Bancas nas paisagens

Bancas na Praça Sete de Setembro



Banca Glória na Praça Sete de Setembro



Banca em forma de pirâmide no quarteirão fechado na rua dos Carijós



Banca Glória vista lateral



Banca 24 horas no quarteirão fechado da Rua Rio de Janeiro



Banca 24 horas - vista lateral



Banca da avenida Amazonas



Homens lêem manchetes na Banca da avenida Amazonas



Homem lê notícias na Praça Sete



Bancas próximas à Praça Rio Branco . Rua dos Caetés e dos Tupinambás



Lateral da banca da rua Caetés



Vista frontal de banca da rua Tupinambás



Jovens jogam vídeo game na banca na rua Tupinambás



Banca com monitor de jogos na lateral



Anúncio na parte de trás da banca



Exposição de revistas na parte frontal da Banca Tupinambás



Adesivos sob encomenda da Banca da rua Tupinambás



Trabalhadora no fundo da Banca



Banca da rua dos Caetés com Praça Rio Branco ao fundo



Vista interior da Banca da rua dos Caetés



Vista frontal da banca na rua dos Caetés



Exposição de revistas na lateral da Banca



Bancas do Centro "nobre". Avenida Augusto de Lima e rua Goiás



Mulher vê capas de revistas na Augusto de Lima



Homem lê manchetes na Augusto de Lima



Exposição de material na Banca da Augusto de Lima





Vista lateral com exposição de material



Banca da rua Goiás



Vistas laterais da Banca da rua Goiás



(...)Tem sempre Ítaca na tua mente.
Chegar lá é o teu destino.
Mas não te apresses absolutamente nada
na tua viagem.
Será melhor que ela dure muitos anos
para que sejas velho quando chegares à
ilha,
rico com tudo o que encontraste no
caminho,
sem esperares que Ítaca te traga riquezas.

Ítaca deu-te a tua bela viagem.
Sem ela não terias sequer partido.
Não tem mais nada a dar-te.

E, sábio como te terás tornado,
tão cheio de sabedoria e experiência,
já terás percebido, à chegada, o que
significa uma Ítaca.

Ítaca (1911) Konstantin Kaváfis

5 – Conclusão

Este trabalho têm a forma de uma retórica ambulante tal como a que Certeau descreveu. Ele se originou de caminhadas pela cidade e propôs uma forma de organização das percepções que surgiram nesta caminhada. Os pesquisadores procuraram captar aquilo que os sentidos de quem caminha nas ruas é capaz de perceber. As categorias de paisagem, ambiência e situação comunicativa surgiram da necessidade de se relacionar a comunicação das ruas da cidade com o espaço de sua ocorrência.

O objetivo deste percurso era perceber as influências mútuas no processo de constituição da cidade contemporânea: como uma comunicação que se dá no espaço urbano é marcada pelas características próprias deste espaço e como os processos comunicativos são fundamentais na sua constituição. O espaço escolhido para sua realização reunia características que são apontadas por inúmeros críticos como próprias do urbano contemporâneo: fragmentação da experiência espaço-temporal, mercantilização e privatização dos espaços, alta regulamentação, supercodificação, velocidade dos processos, superpopulação, diversidade, saturação .

A banca de jornais e revistas foi escolhida ser um objeto urbano, situado nas ruas e atravessado por tensões, que resultam das formas contemporâneas de viver o tempo e o espaço. A banca foi abordada objeto capaz de criar ambiência comunicacional, situada numa paisagem, que pode abrigar situações comunicativas, nas quais se engajam os homens e mulheres que atravessam diariamente as ruas do Hipercentro de Belo Horizonte. Ao proporcionar a possibilidade de interações comunicacionais nas ruas, a banca cumpre o papel de tornar reconhecíveis e, portanto, habitáveis o tempo e o espaço urbanos.

A banca no lugar e os lugares na banca

As ambiências situadas na paisagem estabelecem uma relação com o espaço em torno delas. Num espaço como o urbano, estas relações não constituem lugares fixos ou territórios estáveis. Elas possuem as características do espaço urbano onde as transformações são aceleradas e contínuas. Para entender estas relações era preciso escapar, por exemplo, da relação identitária com o espaço, pois o espaço urbano é pouco permeável às apropriações de natureza mais estável e homogênea. Ao mesmo tempo, a dicotomia lugar e não lugar, proposta por Augé (1994), parece não dar conta dos inúmeros processos de mutação acelerada que fazem da cidade um composto de lugares reconhecíveis e habitáveis, que, no entanto, podem se transformar rapidamente e causar distanciamento e estranheza mesmo para aqueles que nela vivem.

Assim as relações de comunicação em sua fluidez nos pareceram apropriadas para abordar a efemeridade e a mutação dos lugares urbanos, sem ignorar os processos de apropriação que indivíduos e grupos sociais realizam cotidianamente na cidade. As idéias de paisagem, ambiência e situação tomadas do ponto de vista comunicacional nos forneceram a possibilidade de olhar para estes fenômenos.

A partir das derivas cartográficas e dos registros realizados pelos pesquisadores que andaram pelo espaço do Hipercentro, construiu-se a idéia

de paisagem comunicacional como uma das ferramentas de leitura dos espaços. A paisagem constitui-se em unidade espacial a partir do olhar de quem usa e frequenta o seu espaço. Ela não possui fronteiras bem estabelecidas, é diferenciada como os espaços altamente urbanizados, mas possui alguns atratores que contaminam seus arredores e lhe conferem um reconhecimento simbólico aos olhos de quem usa o espaço. A paisagem não se constitui a partir de um ponto vista individualizado. Ela é uma obra coletiva no sentido que Lefebvre propõe. Os homens experimentam a cidade e ao narrar esta experiência vão constituindo simbolicamente os seus lugares. Ao mesmo tempo a sua experiência é forjada na cidade e tensionada pelas suas forças. A cidade e seus lugares participam e interferem na experiência dos homens. Esta construção coletiva não se faz como somatória das percepções individuais. Ela envolve conversas, acordos, disputas e conflitos das mais diversas naturezas.

As ambiências comunicacionais como as bancas e os pontos de ônibus, ao se situarem na paisagem, relacionam-se intensamente com ela. Ao abordar a sua presença na paisagem como um diálogo entre ambiência e paisagem, foi possível perceber as relações entre uma e outra. Melhor dizendo, pode-se perceber como algumas características da paisagem estão presentes na conformação da banca e na maneira como ela se situa no espaço e propõe relações com seus frequentadores. Também foi possível perceber como os frequentadores daquele espaço interagem com o material que a banca oferece e com os outros sujeitos que também passam por ali.

A Praça Sete de Setembro atrai para o seu espaço público todo o tipo de encontro manifestações políticas, encontros de grupos de surdos-mudos, roqueiros, skatistas, aposentados. As conversas, pregações, ofertas são estimuladas pelo espaço da Praça, que parece ter o poder de fazer acontecer estes encontros. Esta paisagem favorece o encontro de múltiplas formas de viver o tempo e o espaço. As possibilidades estão ali. Temporalidades diversas estão inscritas nos seus edifícios. Sujeitos de diferentes procedências, idades e grupos sociais se apropriam de suas ambiências e entram em comunicação, ora de maneira compartilhada, ora em disputas e enfrentamentos.

As características das bancas na Praça Sete em termos da organização de material e do seu funcionamento contribuem para a paisagem comunicacional do lugar. A forma como os jornaleiros expõem o material e estimulam a leitura na banca, criando condições favoráveis para que o encontro e a conversa entre os frequentadores aconteçam, mostra-se de acordo com a presença naquela paisagem, cujo espaço é propício ao encontro e à constituição de ambiências comunicacionais. Os frequentadores daquelas bancas respondem ao estímulo da paisagem e da ambiência conversando mais e participando da efervescência comunicativa que a Praça propicia. Eles têm no geral um visão crítica do espaço do Centro, mas uma grande maioria diz gostar do espaço.

A paisagem em torno da Rodoviária, o Porto da cidade, mostrou-se um misto de decadência e vitalidade. Lá, as tensões no uso do espaço - entre o formal e o informal, o legal e o ilegal – estão mais evidentes. As interações ali se mostram, de um lado, mais barulhentas - o movimento é constante, a música é alta o comércio invade as calçadas - e de outro, mais cuidadosas, os sujeitos escondem-se mais, são mais arredios ao contato. A impressão que se tem é de que o lugar se constitui como espaço de fronteira, que integra necessariamente a convivência na cidade.

O local parece configurar-se como um espaço que comporta as exceções, onde convivem os que não têm lugar garantido na cidade ou porque estão chegando ou porque exercem atividades à margem – nas fronteiras do formal e do legal. Como já dissemos é o espaço daqueles cujas expectativas não foram atendidas pela vida na cidade, e que precisam de um lugar para se virar . Para estes, a cidade oferece este lugar de fronteiras, espaço necessário na sua constituição.

As bancas situadas nesta paisagem nas ruas Caetés e Tupinambás revelam uma sintonia com este lugar de fronteiras. Nas formas de interação dos indivíduos, estão mais evidentes os constrangimentos que incidem sobre aquele espaço. Nas entrevistas, os indivíduos declararam conversar pouco na banca. A ambiência criada naquela paisagem parece ser menos estimulante em termos da comunicação com desconhecidos ou, pelo menos, as pessoas falam sobre estas interações de forma mais reservada. As escolhas dos

jornaleiros pelas revistas eróticas, segundo eles, se devem à proximidade com este território de fronteiras que abriga a zona boêmia da cidade.

A opção pela não exposição dos jornais, para que não se crie problemas com a fiscalização, parece revelar também uma relação mais cuidadosa e talvez tensa, com as regras da atividade, que proíbem a colocação de material para ser lido na calçada, atrapalhando o fluxo de pedestres. Esta postura é diferente do que acontece na Praça Sete, onde a leitura e a conversa são estimuladas. Na relação com o Centro, entre os frequentadores destas bancas, surgiu a maior quantidade de avaliações positivas. Isto é interessante pois as condições da região não são as melhores, se comparadas com as de outras partes do Hipercentro.

A terceira paisagem – o Centro “nobre” - configurou-se como uma área com a presença de edifícios residenciais de classe média, comércio também voltado para um público de melhor renda e a presença de serviços públicos, equipamentos culturais e faculdades. O comércio não invade as ruas como em outras localidades da região. Não há tanta música alta e vendedores na calçada. O comércio que se comunica com as ruas da região são os bares e restaurantes frequentados por uma boemia mais intelectualizada, formada por artistas e estudantes universitários. Uma das referências fortes do local é a presença do Edifício Maletta, que se comunica com a rua através de uma passagem ligando a rua da Bahia à avenida Augusto de Lima.

As bancas nesta paisagem adotam táticas de relação diferenciada, mas ambas se sintonizam com características marcantes da paisagem. A primeira, situada nas proximidades do Edifício Maletta e de grandes prédios residenciais, organiza-se para atender todos os tipos de público que passam por ali – fregueses do comércio, pessoas que esperam no ponto de ônibus, frequentadores dos bares e restaurantes próximos e ao mesmo tempo para manter uma relação de familiaridade com diversos dos moradores dos arredores. A outra banca da rua Goiás especializou-se em concurso e games em consonância com a quantidade de serviços públicos e faculdades da região.

Os entrevistados nestas bancas demonstraram ter a relação mais crítica com o Centro de uma maneira geral, apesar desta área ser uma que ostenta melhores condições dos espaços públicos. A maioria dos entrevistados parece considerar a a ambiência da banca como um espaço para conversas com os outros. Uma parte das entrevistas refletiu a familiaridade da convivência em uma região do Centro que concentra prédios residenciais.

É necessário, no entanto, ressaltar que algumas características são comuns a todas as bancas que se localizam num espaço da natureza do Hipercentro de Belo Horizonte. A leitura apressada, a escolhas dos temas, os dias de maior frequência mostraram-se semelhantes nas bancas observadas.

O urbano como virtualidade de que falava Lefebvre mostra-se presente nas relações que homens e mulheres constituem em torno das ambiências que são as bancas e sobrepõe-se a elas, imprimindo sua marca: a pluralidade das formas de viver os espaços e tempos, a fragmentação e a simultaneidade dos tempos que se revelam na forma pela qual os indivíduos consomem, na banca, os jornais repletos de fragmentos de acontecimentos. Desta maneira, ao praticar formas de viver na cidade, os homens são moldados, territorializados pelo urbano.

A banca no tempo e os tempos na banca

A banca no primeiro contato parece um arquivo de novidades. A idéia soa paradoxal? Novidades podem ser organizadas e armazenadas? Elas não envelhecem quase que instantaneamente, quando são consumidas para serem substituídas por outras ainda mais novas? No entanto, apesar de todas estas objeções a banca representa um artefato de armazenar tempos. Se a atualidade é seu carro-chefe, outras formas de viver o tempo vão surgindo à medida que nosso olhar se detém sobre ela.

A banca é um lugar onde fragmentos de tempos são roubados ao fluxo constante que move a metrópole contemporânea. Os homens que param nela para ler as manchetes tornam mais lenta a vertigem da cidade e abrem espaço para a conversa sobre o futebol, a política, a moça bonita. A funcionalidade da informação que deve circular rápido – a informação move o mundo - torna-se o

motivo para se demorar mais no trajeto, para matar o tempo com uma conversa.

A banca também acumula fragmentos de tempos passados, na forma de publicações já lidas, exemplares antigos. É a revista antiga que vale mais do que a nova. São revistas e livretos lidos que passam de mão em mão e retornam ao jornaleiro para continuar circulando.

A banca fornece a conversa do dia na forma destes fragmentos dos acontecimentos atuais que são as notícias. Circulam pela cidade, criando, através do tempo de agora, vínculos que são reconhecíveis por todos. Quem não ouviu falar de um bebê encontrado na Lagoa da Pampulha, no acidente com o avião da Gol? Sejam próximos ou distantes, saber falar sobre estes acontecimentos revela-se como uma prática da cidade. Estes pequenos fragmentos organizam a experiência: possibilitam uma apropriação do tempo e uma articulação entre os espaços da cidade que se fragmentam e parecem não se comunicar.

A banca marca o tempo, ritmando-o. São os eventos sazonais que incidem sobre o seu funcionamento. As formas de frequência reguladas pelo ritmo da jornadas de trabalho, pelos dias que se seguem aos jogos de futebol, os dias melhores para se olhar os classificados nos jornais, o fim-de-semana, quando se tem tempo para ler os jornais e revistas, o início do mês quando o salário ainda dá para se comprar nas bancas.

A articulação destes tempos, que as interações na banca realizam, são arranjos que integram a experiência na cidade e, portanto, participam da construção das mediações que nos permitem habitar, viver, nos posicionar, reconhecer e sermos reconhecidos na cidade. Territorializam. São os ritmos sociais de que nos fala Alain Tarrus (2000). As interações nas bancas podem ser identificadas como práticas coletivas generalizadas em uma cidade ou específicas de uma parte da população; expressões justapostas, ocorrendo em tempos diversos em um mesmo espaço. Expressões do que o autor chamou de territórios circulantes.

Por fim a banca articula a memória de um passado, no qual ela era uma das principais portas de entrada das novidades na vida da cidade, com a expectativa da decadência da atividade, que jornalheiros e leitores pressentem para o futuro. Na visão destes sujeitos, a banca vai se tornar obsoleta, assim como as notícias que ela estampa diariamente se tornam no dia seguinte.

Jornalheiros rememoram um tempo em que informações preciosas para a vida da cidade eram acumuladas na banca.

Na época da ditadura a participação do jornalheiro foi muito grande. Todas as informações eram censuradas, aquela coisa toda . O jornalheiro conseguiu manter as informações alternativas, do movimento, que eram feitas através dos pequenos jornais, de livros que não conseguiam entrar pelo caminho normal, o jornalheiro fomentava... O jornalheiro foi durante o período da ditadura perseguido demais, porque ele fomentava a informação que os idealistas...desta contemporaneidade que estamos vivendo nela ... Mas o jornalheiro como soldado nunca é reconhecido ninguém nunca analisou este aspecto da questão do desenvolvimento da cidade. (Jornalheiro, vice presidente do sindicato)

No passado, segundo eles, todos procuravam informações importantes para sua vida na banca, com os jornalheiros: quem queria comprar um apartamento, comprar um carro, procurar emprego. O jornalheiro não se vê como um comerciante qualquer ele é guardião das informações. Ele deve conhecer a matéria que ele vende e saber oferecê-la e disponibilizá-la para o freguês.

Eu tenho um pouco de psicologia. Você conhece as pessoas que querem comprar e as que fazem hora. Eu ofereço tudo o que está escondido para o freguês, aquilo que eu sei que ele vai gostar. (Jornalheiro, banca da avenida Augusto de Lima)

Agora o jornalheiro vê sua atividade ameaçada pelo aumento dos pontos de venda. Farmácias, super-mercados e outros pontos comerciais tornaram-se locais de venda de jornais e revistas, concorrendo com os jornalheiros. Além disso, a Internet e as publicações em formato digital sinalizam para estes sujeitos o fim inevitável de sua atividade. Mesmo que se mostre a vitalidade das bancas, principalmente no Centro, eles acreditam que a banca vai se extinguir pelo menos na forma que ela existe hoje.

A cidade como acontecimento da linguagem

A idéia do presente trabalho foi construir mapas de processos comunicativos que acontecem em torno das bancas do Hipercentro de Belo Horizonte. Estes processos foram encarados como formas de visualizar a cidade praticada no cotidiano, uma das dimensões que integram este conjunto complexo que é um centro urbano contemporâneo. Dito de outra maneira, a idéia era pensar a comunicação urbana como uma das formas de viver e praticar uma cidade. Os processos estudados foram tomados como dispositivos de memória, que fazem emergir não a cidade completa, mas imagens que aproximam da cidade e ajudam a compreendê-la.

O discurso é um acontecimento de linguagem, diz Ricoeur. Assim como as ações dos homens, seus discursos atualizam permanentemente os lugares da cidade, transformando-a. Ao fixar o discurso na escrita, estamos sempre perdendo ou transformando algo que diz respeito a sua força performativa. Existe algo do discurso que se perde em sua fixação. O mesmo pode-se dizer das “enunciações” daqueles que caminham na cidade. Ao tentar fixá-las, alguma coisa que é própria do seu movimento incessante escapa.

No entanto, algumas das características do discurso fornecem analogias úteis para o estudo que foi proposto. Assim como o discurso é a palavra do locutor dirigida para o seu interlocutor, mesmo que abstrato, as ações de significação do espaço na cidade são realizadas em relação ao outro ou outros com os quais se compartilha aquele espaço. Da mesma maneira que o discurso se autonomiza relativamente de seu autor no momento da interpretação por aquele que o recebe, as ações de uso do espaço público da cidade tornam-se significativas a partir da sua dimensão coletiva. A relação permanente dos discursos com os tempos de seu acontecimento e com as temporalidades que ele evoca assemelha-se à relação de apropriação dos lugares.

Num lugar apropriado, ou significado, múltiplas temporalidades estão relacionadas, aquelas que estão presentes, marcadas por monumentos e edificações e aquelas ausentes, que assombram as memórias dos indivíduos. Uma outra dimensão importante é a do diálogo, que nos permite enxergar os processos de uso da cidade em uma imensa rede comunicativa, que relaciona

escritas múltiplas e sentidos variados, expressão da diversidade que é a marca do urbano contemporâneo.

Estamos no terreno da linguagem. É preciso que se leve em consideração a impossibilidade da linguagem de categorizar ou representar o mundo e a experiência do mundo. É preciso assinalar que atos de comunicação arriscam gestos necessariamente incompletos.

E, no entanto, é através dela que experimentamos os objetos do mundo. Não é possível comunicar sem trair as coisas, as relações em sua singularidade, em sua “qualqueridade”, como já disse Agamben. Mas os sujeitos, ao expressarem sua relação com a cidade, seja em ações ou em discursos-ações, dizem a cidade. Assim, nos encontros nas ruas, os homens, ao falarem de uma cidade vivida, expressam sua “singularidade qualquer”.

6 - Bibliografia

AGAMBEN, Giorgio. Infância e História – Destrução da experiência e origem da história. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

_____. A comunidade que vem. Lisboa: Editorial Presença, 1997.

ARANTES NETO, Antonio Augusto. Paisagens Paulistanas: transformações no espaço público. Campinas SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

ARANTES, Otilia B. F. MARICATO, Erminia; VAINER, Carlos B. A cidade do pensamento unico: desmanchando consensos. Petropolis: Vozes, 2000

AUGÈ, Marc. Não-Lugares – Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas,SP, Papyrus, 1994.

BH 100 anos – Uma lição de História. Publicado no Portal da Prefeitura de Belo Horizonte, www.pbh.gov.br. Consultado em 10 de julho de 2007.

Belo Horizonte – Bilhete Postal. Coleção Otávio Dias Filho. Belo Horizonte: centro de Estudos Históricos e Culturais da Fundação João Pinheiro,1997.

BAUMAN, Zygmunt. Globalização: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor,200. p.40.

_____, Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BARROS. J. M. Cultura e Comunicação- nas avenidas de Contorno em Belo Horizonte e

La Plata. Belo Horizonte: Editora Pucminas, 2005.

BENJAMIN, Walter. Magia e Técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v.1)

_____. Rua de mão única. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Obras escolhidas; v.2)

_____. Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Obras escolhidas; v.3)

_____. Textos escolhidos/Walter Benjamin, Max Horkheimer, Theodor

Adorno, Jürgen Habermas. 2 ed. São Paulo: 1983. (Os pensadores) p. 59

_____. Passagens. Belo Horizonte. Editora UFMG:

BORGES, Celina et alii. Projeto PBH século XXI. Publicado pelo Cedeplar – Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG no site HYPERLINK "http://www.cedeplar.ufmg.br" www.cedeplar.ufmg.br 28 de julho de 2005.

BRETAS, Beatriz.(org.)Narrativas Telemáticas. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2006.

BUCK-MORSS, Susan. Dialética do olhar: Walter Benjamin e o Projeto das Passagens. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

CAIAFA, Janice. Jornadas Urbanas.- Exclusão, trabalho e subjetividade nas viagens de ônibus na Cidade do Riode Janeiro. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2002.

CANCLINI, Néstor García. Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. Riode janeiro: Editora UFRJ, 1999.

CANEVACCI, Massimo. A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação na vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001

_____. O Lugar no/do mundo. São Paulo: Hucitec, 1996.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede- A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz & Terra, 2000.

CASTRO, Maria Céres P. S. Na tessitura da cena a vida – Sociabilidade política e comunicação. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer.** Petrópolis,RJ: Vozes, 1994.

Davis, Mike. O Planeta Favela. São Paulo: Boitempo Editorial. 2006

DELEUZE, Giles e GUATTARI, Felix. O Anti-édipo, capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. *Mil Platôs, capitalismo e esquizofrenia.* São Paulo: Ed. 34, 1997.

CHINELLI, Filipina. Folha no chão – Etnografia de uma sociedade de jornalheiros. Dissertação de mestrado apresentada no Museu Nacional, UFRJ. Rio de Janeiro 1977.

Diagnóstico do Hipercentro de Belo Horizonte . Relatório de pesquisa realizada pela Práxis Consultoria.

ELIAS, Norbert. Sobre o tempo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. Design em espaços. São Paulo. Edições Rosar, 2002.

_____. Leitura sem palavras. São Paulo: Editora Ática, 2007.

_____. *Cidade: Fixos e Fluxos.* Bauru, 2005.
Texto apresentado no Simpósio Interfaces das representações urbanas em tempos de globalização.

Enciclopédia Enaudi. 1990. Cidade.

FERREIRA JÚNIOR, José. Capas de Jornal – A primeira imagem e o espaço gráfico visual. São Paulo: Editora Senac, 2003.

FONTAINE, Michel, ed. Dossiê Walter Benjamin. Revista da USP no. 15 set/out de 1992.

FRANÇA, Vera R. Veiga. Sujeito da comunicação: sujeitos em comunicação. Texto avulso. Belo Horizonte, Maio de 2005

_____. **Jornalismo e vida social:** a historia amena de um jornal mineiro. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

FRANÇA, Vera R. & GUIMARÃES, César. Relatório do Projeto Narrativas do Cotidiano – na mídia, na rua. Fase II; consonâncias e dissonâncias. Belo Horizonte, 2003.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. História e Narração em W. Benjamin. São Paulo: Editora Perspectiva, 1994.

GILLOCH, Graeme. Myths & metropolis: Walter Benjamin and the city. Cambridge: Polity Press, 1997. pág. 5.

GORELIK, Adrián. Das Vanguardas a Brasília. Cultura Urbana e Arquitetura na América Latina.

GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis, Vozes, 1975.

_____. Estigma. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1988.

GILLOCH, Graeme. *Myth and metropolis: Walter Benjamin and the city.* Cambridge, UK: Polity Press, 1997.

GUATTARI, Félix. *Caosmose – um novo paradigma estético.* Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

HAESBAERT, Rogério. *Territórios Alternativos.* São Paulo: Contexto, 2002.

JABOUR&SANTOS. A preservação das paisagens naturais e antrópicas : algumas considerações para Vitória. Publicado no Portal Vitruvius, ano 5, vol. 7 fev de 2005. Consultado em julho de 2008 no endereço <http://www.vitruvius.com.br/minhacidade/mc124/mc124.asp>

JACOBS, Jane. *A vida e a morte das grandes cidades.* São Paulo: Martins Fontes, 2000.

JACQUES, Paola Berenstein. *Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade.* Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

JACQUES & JEUDY (org.) *Corpos e Cenários Urbanos.* Salvador: EDUFBA, PPGAU/FAUFBA, 2006.

JEUDY, Henri-Pierre. *Espelho das cidades.* Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

João do Rio. *A alma maravilhosa das ruas.* Consultado em junho de 2008 no sítio <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000039.pdf>

_____. *A ironia da comunicação.* Porto Alegre: Sulina, 2001

JOSEPH, Isaac. *El transeunte y el espacio urbano.* Buenos Aires: Gedisa Editorial, 1988.

_____. Erving Goffman e a microssociologia. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

JOSEPH, Isaac et QUERÉ, Louis. L'organisation sociale de l'expérience. Publicado na Internet no sítio multitudes.samizdat.net L-organisation-sociale-de-4.htm, em 14 de outubro de 2003.

LATOUR, Bruno. Reassembling the social- Na Introduction to Actor-Network Theory. New York: Oxford University Press, 2007.

_____. A Esperança de Pandora.

LEFEBVRE, Henri. A revolução urbana. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

_____. O direito à cidade. São Paulo: Documentos, 1969

_____. Espaço e política. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LEITE, Rogério Proença. Contra-usos da cidade – Lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea. Campinas: Editora Unicamp, Aracaju: Editora UFS, 2007.

LEMOS et alii. [Questões Urbanísticas e Socioculturais do Município de Belo Horizonte](#). PBH, século XXI. Publicado em www.cedeplar.ufmg.br. Consultado em 10 de julho de 2007.

LESSA, Wasshigton Dias. Dois estudos de Comunicação Visual. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

LINHARES, Joaquim Nabuco. Itinerário da Imprensa de Belo Horizonte 1895/1954. Joaquim Linhares, estudo crítico e nota biográfica de Maria Céres P.S. Castro. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1995.

LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

LUCKHMAN & BERGER. A construção social da realidade.

MASSEY, Doreen. La filosofía y la política de la espacialidad: algunas consideraciones. IN: ARTUCH, Leonor. Pensar este tiempo: espacios, afectos, pertenencias. Buenos Aires: Paidós, 2005.

MARTIN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegmonia. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

_____. Ofício de Cartógrafo – Travessias latinoamericanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MIRA, Maria celeste. O Leitor e a banca de Revistas – O caso da Editora Abril. Tese de Doutorado. Campinas:IFCH/Unicamp, 1997

NUNES, Benedito. O tempo na narrativa. São Paulo: Editora Ática, 1988.

QUÉRÉ, Louis. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. Apostila distribuída durante o curso especial ministrado pelo professor junto ao PPGCOM-UFMG, Belo Horizonte, junho de 2005.

QUÉRÉ, Louis. D'un modèle épistemologique de la communication à um modèle praxéologique. *Réseaux*, Paris, CNET, n. 46/47, p. 69-90, mar-abril 1991.

Revista Pensamento e Memória – Ed.1. Publicada no portal da Câmara Municipal de Belo Horizonte. Consultado em 10 de julho de 2007

RICOEUR, Paul. Do texto a accção: ensaios de hermeneutica II. Porto: Res, [19-]. 407p.

RODRIGUES, Adriano Duarte. Experiência, Modernidade e campo dos media. HYPERLINK <http://www.bocc.ubi.pt> www.bocc.ubi.pt 26 de julho de 2005.

ROLNIK, Raquel. O que é Cidade. São Paulo: Brasiliense, 2004

SANTOS, Milton. Metamorfoses do espaço habitado. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

_____. Técnica, Espaço e Tempo: globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

_____. A natureza do espaço: Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

SARLO, Beatriz. Siete ensayos sobre Walter Benjamin. Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica de Argentina, 2000.

SILVA, Regina Helena Alves da. São Paulo, a invenção da metrópole. Tese de Doutorado. São Paulo: Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade de São Paulo, 1997.

SIMMEL, Georg. Metrópoles e vida mental. IN: O fenômeno urbano. VELHO, Otávio. (org) Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

SIMMEL, Georg. Philophie de la modernité. France: Éditions Payot, 1989.

Situacionista – teoria e prática da Revolução. Internacional Situacionista. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2002.

SOUZA, José Moreira & CARNEIRO, Ricardo. O Hipercentro de Belo Horizonte: Conformação Espacial e Transformações Recentes. Publicado no Anuário Estatístico de Belo Horizonte 2003, no portal www.pbh.gov.br. Consultado em 10 de julho de 2007.

Tarde, Gabriel. A Opinião e as Massas. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. Monadologia e sociologia e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naify, 2007

TARRIUS, Alain. Leer, describir, interpretar – Las circulaciones migratorias: conveniencias de la noción de “territorio circulatorio”. Los nuevos hábitos de la identidad. Relaciones 83, Verano 2000, vol. XXI.

Telles, Vera. Hirata, Daniel. Cidade e práticas urbanas: nas fronteiras incertas entre o ilegal, o informal e o ilícito (2007). Publicado no endereço <http://www.fflch.usp.br/sociologia/veratelles/artigos.html>

VELLOSO, Rita de Cássia Lucena . O cotidiano selvagem. Arquitetura na *Internationale Situationniste*. Publicado em *Arquitextos*, no. 027, ago. 2002. Endereço: http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq027/arq027_02.asp

7- Índice de Figuras

Figura 1 - Mapa do Hipercentro de Belo Horizonte – Página 30

Figura 2 - Foto da Comissão Construtora – Página 50

Figura 3 - A cidade em 1902 - Página 55

Figura 4 - Vista com a Praça Raul Soares em 1946 - Página 58

Figura 5 - Vista da cidade no início dos anos 60 - Página 59

Figura 6 – Mapa do Hipercentro – Página 69

Figura 7 – Mapa com as bancas selecionadas – Página 133